

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“E a Família, como vai? Trajetórias Familiares e Concepções de Família em Mulheres que Foram Mães na Adolescência: o caso do Centro de saúde Germano Sinval Faria”

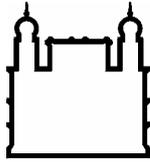
por

Juliana de Santana Matta

Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Lopes Najjar

Rio de Janeiro, agosto de 2008.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Esta dissertação, intitulada

“E a Família, como vai? Trajetórias Familiares e Concepções de Família em Mulheres que Foram Mães na Adolescência: o caso do Centro de saúde Germano Sinval Faria”

apresentada por

Juliana de Santana Matta

foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Jacyara Carrijo Rochaél Nasciutti

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Lobato Tavares

Prof. Dr. Alberto Lopes Najjar – Orientador

Dedico esta conquista aos meus pais,
porque são meu alento e meu apoio,
minha inspiração e fortaleza.

Agradeço

Aos meus pais: porque sempre cuidaram para que em minha terra, valores éticos, amor, apoio, carinho e exigência em dar o melhor fossem semeados.

À minha amiga, companheira e comadre Cristiane: por ser a melhor irmã escolhida que eu poderia ter! Obrigada por não me deixar desistir, por sorrir comigo e por poder chorar, quando eu já nem tinha mais lágrimas.

Aos meus irmãos Leó, Elen, Cléo: obrigada pelo incentivo.

Aos primos Hermes, Florinda, Heitor e ao meu sobrinho Gilmar: por estarem na primeira fila da platéia em todas as minhas conquistas.

A todos os meus outros familiares: por tantas vezes me apoiarem, mesmo de longe e sem entender muito bem o que eu faço.

Ao Frei Valter: jamais esquecerei a sua mão estendida na hora em que só vi portas fechadas. Certamente, sem tua ajuda, não poderia comemorar esta vitória.

À comunidade da Igreja Nossa Senhora do Carmo: obrigada pelo carinho e incentivo.

À minha grande amiga, mais que especial, Dani: o mestrado me deu a oportunidade de conhecê-la. E Ela me deu o privilégio de poder ser sua amiga. Obrigada por todo o incentivo e apoio nas horas em que pudemos dividir nossas angústias pessoais e acadêmicas.

Aos meus amigos que diversas vezes puderam entender minhas ausências e acreditaram no meu potencial: André, Léo, Thaís, Léo, Jú, David, Sylvia, Lívia, Márcio Lincoln.

Aos que não entenderam minha ausência e se afastaram: cada ser humano tem seus limites. Obrigada porque desses episódios me fiz mais forte e pude crescer como pessoa.

À professora Jacyara Nasciutti: minha pesquisadora-exemplo, amiga e fonte de inspiração na vida acadêmica.

À minha antiga equipe de pesquisa, Tati e Fabi: Certamente minha trajetória acadêmica não seria a mesma sem vocês. Obrigada por contribuírem com minhas reflexões.

À mãe escolhida, Regina Moura: que pôde crer na minha capacidade quando nem eu mesma acreditava em mim.

Ao meu querido orientador, professor Alberto Najar, muitas vezes *interlocutor* privilegiado e em outras *incentivador* privilegiado: Apostastes em mim mesmo sem me conhecer; acreditou no meu potencial já nos meus primeiros escritos; exigiu-me com firmeza e dureza, por saber que eu poderia ser mais; foi meu freio quando eu disparava sem controle; foi meu consolador quando precisei parar. Enfim, meu cúmplice na realização desse sonho. Obrigada.

Ao CNPQ pela bolsa sem a qual seria impossível me dedicar ao mestrado.

À direção e aos profissionais do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria: obrigado pelo acolhimento e por ter me concedido a oportunidade de realizar minha pesquisa de campo neste local.

A todos aqueles que me ajudaram e me incentivaram nesses dois anos: os que leram partes do meu trabalho, os que ouviram minhas queixas, os que comemoraram minhas pequenas vitórias. Dentre eles: Aline Gama, Carlos Henrique, Ana Cláudia, Rosane Souza, Cristiane Cabral, Willer, mãe Cenira e Sandra Pimenta.

Aos adolescentes do Programa Vida Nova: muito obrigada porque foi através do trabalho que construímos juntos que pude desenvolver minhas reflexões para o mestrado.

Em especial, às minhas queridas entrevistadas, mulheres, mães adolescentes: obrigada por ter dedicado minutos do seu tempo precioso e poderem ter partilhado um pouco de suas vidas e trajetórias comigo. Tenham certeza que suas contribuições foram o combustível de todo este trabalho.

Enfim, acima de tudo a Deus, Pai querido, por ser o princípio, o meio e o fim de tudo em minha vida, a Eterna chama de luz em mim.

Há duas formas para viver a vida:
Uma é acreditar que não existe milagres.
A outra é acreditar que todas as coisas são um milagre.

Albert Einstein

Resumo

A gravidez na adolescência vem sendo considerada como uma problemática Social e de Saúde Pública. Todavia, apesar de usualmente ser tratada como um agravo – precoce, inesperada, não-desejada -, a gestação adolescente é emblemática. De fato, a diversidade de vivências, matizadas pelo contexto sócio-cultural e urbano que a circunscreve, impulsiona à necessidade de maior profundidade na compreensão deste fenômeno. Em alguns casos, este evento representa a interrupção da trajetória esperada para este(a) adolescente e, em outros, pode significar uma alternativa de vida frente à falta de perspectivas futuras. Pode significar a realização de um projeto de vida e, em outros aspectos, a divulgação da virilidade masculina e da fecundidade feminina. Este fenômeno, por outro lado, também comparece como evento de natureza tensionante e com potencial para provocar mudanças nas dinâmicas familiares. Logo, nesta proposta de estudo, o objetivo se volta para a investigação das trajetórias familiares e concepções de família em mulheres que foram mães adolescentes (período compreendido entre 12 e 18 anos). Para tanto, foram entrevistadas 32 mulheres entre 19 e 24 anos que levaram a concepção a termo e que foram atendidas no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, localizado na ENSP/Fundação Oswaldo Cruz. Os dados foram analisados quantitativamente e qualitativamente. Os resultados apontam que as famílias de origem dessas mulheres tem maior permanência da figura feminina, representada pela mãe ou pela avó, enquanto há maior labilidade na figura masculina. As mães dessas mulheres, em sua maioria também foram mães adolescentes. Quando algumas dessas mulheres engravidaram, elas já estavam morando com o companheiro ou estava numa relação dita de namoro e a maioria estava tentando engravidar e queriam ter um filho. Os dados sugerem também que, ao morar com o companheiro, concebem que uma nova família é formada e agregada à sua de origem, mas ressaltam a importância da família nuclear. Faz-se necessário que hajam maiores estudos investigando as transmissões geracionais de valores familiares.

Palavras-chave: família; gravidez na adolescência; mães adolescentes; maternidade na adolescência.

Abstrat

Teenage pregnancy is now widely acknowledged as a social and public health problem. Although it is usually treated as an early, unexpected, and unwanted problem, teenage pregnancy is nevertheless emblematic. The diversity of individual experiences is tempered by the surrounding socio-cultural and urban context and highlights the need for a more in-depth understanding of this phenomenon. In some cases the event means the interruption of life's expected path for the teenage girl or boy, while in others it can represent a promising alternative in a life otherwise fraught with a lack of future perspectives. It can mean the fulfillment of a life project, besides the disclosure of male virility and female fertility. The phenomenon also appears as an essentially stressful event, with the potential to provoke changes in family dynamics. The current study thus aims to investigate the family histories and concepts of women who were teenage mothers (from 12 to 18 years of age). We interviewed 32 women from 19 e 24 years of age who gave birth at term and received care at the Germano Sinval Faria Academic Health Center, located in the Brazilian National School of Public Health, Oswaldo Cruz Foundation, in Rio de Janeiro. The data were analyzed quantitatively and qualitatively. The findings indicate that the original nuclear families of these women are dominated by a female figure, namely the mother or grandmother, while characterized by a more labile male or father figure. Most of the women's mothers had been teenage mothers themselves. When some became pregnant, they were already living with a partner or boyfriend, and most were purposely attempting to conceive and wanted to have a child. The data suggest that when they went to live with the partner or boyfriend, they perceived the fact that a new family was being formed and added to their original nuclear family, even while highlighting the latter's importance. Further research is needed on the generational transmission of family values in this context.

Key words: family; teenage pregnancy; teenage mothers; adolescent motherhood.

SUMÁRIO

Apresentação.....1

Unidade I: Gravidez, Adolescência e Família - reflexos e reflexões nas Ciências Sociais

1 - "*Tô grávida. E agora?*": Gravidez na adolescência: suas implicações.....6

1.1 - Adolescência – algumas reflexões.....7

1.2 - Gravidez na adolescência e seus paradoxos.....11

2 - "*Pode entrar que a Casa é sua*": As peculiaridades da família brasileira..... 21

2.1 - Gilberto Freyre em *Casa Grande e a Senzala*.....22

2.2 - Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*.....31

2.3 - DaMatta e a *Casa e a Rua*.....35

2.4 - Outros apontamentos em antropologia e família: certo panorama.....36

Unidade II: "Mostra a sua cara!" - Mulheres, mães na adolescência, atendidas no Centro de Saúde Germano Sinval Faria

3 - "*Agora é que são elas...*": A pesquisa de campo..... 42

3.1 - Trajetórias metodológicas..... 42

3.2 - Objetivos..... 42

3.3 - Desenho da investigação..... 43

3.4 - Etapas da investigação..... 43

3.5 - Considerações éticas.....47

4 - Resultados.....49

4.1 - Unidade objetiva.....49

4.2 - Entrevistas em profundidade.....55

5 - Discussão dos Resultados.....65

6- Considerações finais.....70

7 - Referências Bibliográficas.....72

8 - Anexos.....78

Lista de Tabelas

Tabela	Página	Descrição
1	78	Idade das mulheres entrevistadas
2	78	Nível de escolaridade antes da 1ª gravidez na adolescência
3	78	Série escolar antes da 1ª gravidez na adolescência
4	79	Coabitação antes da 1ª gravidez na adolescência
5	79	Coabitação depois da 1ª gravidez na adolescência
6	79	Idade da 1ª relação sexual
7	80	Idade do companheiro na primeira relação sexual das entrevistadas
8	80	Tempo namoro na primeira vez gravidez na adolescência
9	80	Idade da entrevistada na primeira gravidez na adolescência
10	80	Idade do parceiro na 1ª gravidez na adolescência
11	81	Expectativas das entrevistadas sobre a gravidez

É natural e corriqueiro utilizar vocativos tais como “precoce”, “indesejada” e “não-planejada” para designar a gravidez na faixa etária dos 10 aos 19 anos, período caracterizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como adolescência. Público-alvo de políticas de prevenção no âmbito da Saúde Reprodutiva, esse grupo vêm sendo priorizado nas ações de prevenção e promoção da saúde sexual, no intuito de fomentar comportamentos sexuais responsáveis entre os jovens, que denota, dentre outras práticas, a de evitar uma gravidez. Dessa forma, a ocorrência desta na adolescência comparece à cena como um problema, ou melhor, quase como um *fracasso* das propostas de contracepção que se tem focado nesse público. A gravidez na adolescência vem sendo considerada, portanto, como uma problemática Social e de Saúde Pública (I). Devido a sua prevalência em âmbito mundial, caracterizada na década de 1970, alguns autores a nomeiam de “epidemia da maternidade na adolescência”¹ (II).

Na trilha destas preocupações, o Ministério da Saúde aponta em seu relatório “Saúde Brasil 2004 – uma análise da situação de saúde” (III) que, apesar da taxa de fecundidade total mostrar-se em declínio desde a década de 70 (cerca de 57% entre 1970 e 2000)², a faixa correspondente à adolescência se apresenta de forma diferenciada. Em 2001, o SINASC (Sistema de Informação de Nascidos Vivos) registrou um total de 3.106.525 nascidos vivos, sendo 23% filhos de mães adolescentes, entre 10 e 19 anos de idade, sendo o único grupo etário que esteve em crescimento na taxa de fecundidade específica entre 15 e 19 anos de idade, num aumento de 14% no período de 1994 a 2000. O relatório de 2006 não mostrou grandes discrepâncias em suas análises (IV). O SINASC de 2004 registrou 21,9% de nascimentos advindos de mães entre 10 e 19 anos de idade, sendo na Região Sudeste a 2ª maior porcentagem de nascimentos em adolescentes no Brasil (31,9%), tendo o Rio de Janeiro ocupado a 4ª posição (6,6 %) entre todos os Estados da Federação.

Por outro lado, em mais de uma década de discussões feministas, a sinalização da hierarquia social dos sexos se fez presente, referenciando a instituição do casamento,

¹ Segundo Chalém E (II), no quinto relatório anual do *State of the World's Mothers*, foi relatado que 1 décimo de todos os nascimentos do mundo (cerca de 13 milhões de nascimentos) são de mulheres com menos de 20 anos, sendo 90% destes em países em desenvolvimento (dados coletados entre 1995 e 2002).

² As taxas específicas de fecundidade, principalmente em mulheres a partir de 30 anos, tiveram queda de mais de 70% nesse período. O relatório citado aponta que “Os principais fatores intervenientes são as mudanças no comportamento reprodutivo das mulheres, a crescente participação no mercado de trabalho e uma maior utilização de métodos contraceptivos, causando, cada vez mais, a diminuição no número de filhos.” (Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde, 2004, p. 71).

da família e, por consequência, da reprodução e cuidado dos filhos como elementos mantenedores da mulher no papel social de mãe e dona de casa. O movimento feminista protagonizou as discussões acerca dos direitos reprodutivos, que foi originado na militância pelo direito ao aborto e à anticoncepção em países industrializados (V). Sendo assim, dentre outros fatores, os meios de contracepção representaram um avanço no controle da reprodução, disseminando a idéia de um suposto caráter opcional na escolha do momento de engravidar e inculcando a premissa de que, postergar a gravidez é possível e necessário, em vista das conquistas a serem feitas na esfera pública³ da produção, espaço tipicamente masculino. Isto se circunscreve nas discussões de gênero e contribui para pensar a gravidez na adolescência como problemática social, além das consequências negativas, recorrentemente associadas a este evento, como evasão escolar, por exemplo.

Seja como problema social ou de saúde pública, Heilborn (VI) apresenta alguns dos fundamentos que caracterizam a gravidez na adolescência como problema no Brasil: a maior visibilidade desta num contexto de redução da fecundidade, a maior proporção de nascimentos e gravidezes fora de uma união conjugal (questões de gênero) e das modernas expectativas em relação à juventude (a qual se contrapõe uma gravidez nesta fase e que, portanto, passa a ser considerada como um evento perturbador da ordem natural de desenvolvimento). Para tratar este último, cabe entender em que sentido se desafia à adolescência e à juventude na contemporaneidade.

Desde que se fundamentou como campo de conhecimento, a adolescência⁴ vem se naturalizando como uma fase do desenvolvimento humano, caracterizada por “(...) grandes transformações físicas, psicológicas e sociais” (VIII), marcando a transição da infância para a fase adulta. Podemos considerar ainda uma terceira fase, que seria a juventude ou, modernamente, o “adulto jovem”, designação esta que não possui consenso na literatura acerca de sua denominação.

³ O debate inicial no campo do feminismo se estruturou em concepções dualistas para explicar a hierarquia de gêneros na qual o universo masculino corresponde ao da cultura, da esfera pública, da produção, enquanto o feminino diz respeito ao privado/doméstico, à reprodução e à natureza. Entretanto, com o avançar das discussões no campo, a reflexão sobre estes valores foi repensada, pois esse modelo já não era suficiente para explicar a multiplicidade de questões envolvidas nas discussões de assimetria de gênero, principalmente quando se inserem outras variáveis, como por exemplo, raça, classe social... Todavia, esta expressão foi utilizada a título de provocação, na medida em que a contracepção, na proposta dualista da compreensão de gênero, representou um dos ícones de libertação da mulher do “jugo masculino”.

⁴ Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência está circunscrita na idade de 10 anos até os 19, se diferenciando a etapa precoce – que vai dos 10 aos 14 anos – da tardia – que abarca dos 15 aos 19 anos (VII).

Dito desta maneira têm-se a impressão de que a adolescência é um período em suspensão: é um percurso traçado de forma linear, uniforme para se chegar à fase adulta. Entretanto, trazendo a adolescência para um terreno no qual entram em jogo as perspectivas históricas (o tempo, lugar e os processos em que ela ocorre), as variáveis sociais (sexo, classe social, escolaridade...), as econômicas (renda familiar, níveis de consumo...), dentre outras tantas, a adolescência incorpora-se e apresenta-se de forma peculiar; onde se vislumbra, com mais proximidade, as suas problemáticas afins. No intuito de orientar as formulações quanto à definição de adolescência, o relatório do UNICEF (IX), apresenta três referenciais para caracterizá-la: o critério biológico, que sinaliza as mudanças físicas nesta fase, o critério cronológico, onde o adolescente é o que se situaria na faixa de 12 e 18 anos incompletos - de acordo com a Lei Federal nº 8069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente (X) - e o critério das diversas teorias e concepções sobre o desenvolvimento em psicologia. Para esta última, há duas grandes tendências marcadas: a compreensão da adolescência como processo individual (aspectos biológicos e psicológicos) e da adolescência como fenômeno criado e sustentado culturalmente (aspectos sociológicos, antropológicos, políticos e ideológicos).

Não obstante, esse cenário até então desenhado aponta um panorama preliminar de temáticas associadas ao fenômeno em questão: abordagem da saúde pública em relação à gravidez na adolescência, às concepções de gênero embutidas neste fenômeno, bem como as implicações da visão disseminada de adolescência para a perspectiva alarmista da gestação neste período. Com estas considerações, percebe-se que a gravidez na adolescência é multi-causal e, ao mesmo tempo, instigadora.

Ela impõe questionamentos na medida em que esta é a única faixa etária em que, nas últimas pesquisas populacionais, a taxa de fecundidade se mostrou elevada. Ela provoca quando, em casos de opção voluntária, reatualiza a concepção materna de papel social privilegiado (mesmo que esta escolha seja permeada por fantasias); incita quando, em alguns casos, pode representar a interrupção da trajetória esperada para este adolescente e em outros também significar um novo sentido de vida e motivação para se lançar na preparação para a denominada “vida adulta”, retornando aos estudos e buscando o mercado de trabalho. Ela comparece como evento de potencial provocador de mudanças nas dinâmicas familiares já que entram em jogo possíveis reconfigurações de seus papéis e funções, trazendo à tona as negociações intrafamiliares e arranjos co-habitacionais, tensões e embates, alegrias e decepções, projetos e trajetórias da vida familiar. Paradoxalmente, também pode apontar, em lugar da mudança, a reprodução

dos modelos familiares de origem, reafirmando as configurações antecedentes à gravidez. Assim sendo, família e gravidez na adolescência apresentam-se imbricadas.

Outros estudos urbanos, de forma original, abordam a gravidez na adolescência como um indicador: gerado a partir de sua concentração, dispersão e/ou ausência numa determinada região ou cidade. Em seu artigo, Ferreira e Torres (XI) investigam até que ponto riscos sociais em jovens apresentam concentrações espaciais na cidade de São Paulo. Estes riscos são tomados pelos seguintes indicadores: percentual de jovens adolescentes do sexo feminino de 13 a 17 anos que já tiveram filhos, percentual de jovens de 18 a 19 anos com ensino médio completo, taxa de desemprego dos jovens de 18 a 24 anos e taxa de homicídio dos homens de 18 a 29 anos. Tomado como indicador de risco social, a gravidez na adolescência é apresentada num mapa, onde aparecem as maiores e menores concentrações em determinadas regiões. *Gravidez na adolescência, família e questões urbanas*, é sobre toda esta arena de debate que se assenta este projeto.

Este panorama até então apresentado sinaliza a interlocução com uma diversidade de campos de estudo que apontaram para o lado da sexualidade e do gênero, para o âmbito das Políticas de Saúde Reprodutiva e dos direitos reprodutivos e para as representações de adolescência e seus desafios, bem como para compreensão de família na diversidade das ciências sociais. Entretanto, para fins desta pesquisa, o horizonte se pautará prioritariamente: 1) nas formulações de família enquanto objeto de estudo das ciências sociais, corporificando-se no espaço urbano e numa perspectiva dialética com a antropologia e a história; 2) na gravidez na adolescência, como painel de discussões, nas quais, por um lado se aponta o caráter problemático e homogeneizador desta e, por outro, uma perspectiva mais compreensiva do fenômeno, que aponta exatamente para sua heterogeneidade.

Logo, nesta pesquisa, o objetivo se volta para a investigação das trajetórias familiares e as concepções sobre família por mulheres que foram mães na adolescência e que levaram a concepção a termo, atendidas no Centro de Saúde Germano Sinval Faria.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: A Unidade I, intitulada "*Gravidez, adolescência e família – reflexos e reflexões nas Ciências Sociais*" -, está estruturada em dois capítulos. No capítulo 1, "*Tô grávida, E agora?*" - *Gravidez na adolescência: suas implicações, interlocuções e interrogações* -, será feita uma discussão sobre a adolescência, seus desafios contemporâneos e suas diversas expressões. Entretanto, a ênfase maior será dada às implicações da ocorrência de uma gravidez neste período, voltada principalmente para a caracterização deste evento nos

seus diversos contextos, seus desfechos e seus antecedentes, que se mostram dependentes de recortes de classe, gênero, grau de instrução, entre outras. Ou seja, será dada ênfase à caracterização social desse fenômeno, em detrimento do seu enfoque de risco.

A família brasileira será abordada no capítulo 2, "*Pode entrar que a casa é sua*" – *As peculiaridades da família brasileira* -, a partir do aporte conceitual trazido pelos estudos em Sociologia e Antropologia. Será considerada algumas categorias analíticas como a Casa e a Rua e a noção de família patriarcal como signos estruturantes da formação familiar no Brasil, assim como outros signos extraídos de leituras atuais sobre família, que servirão de suporte para análise dos resultados da pesquisa.

O capítulo 3, "*Agora é que são elas...*" - A pesquisa de campo, que inicia a Unidade II, mostra mães adolescentes atendidas no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. Neste será feita a caracterização do campo e do perfil das entrevistadas, a apresentação do material e técnicas utilizadas e o plano de estratégia de pesquisa de campo, bem como as dificuldades e facilidades encontradas.

Para a discussão dos resultados no capítulo 4, utilizam-se os conceitos de família discutidos no capítulo anterior, para compreender os papéis, funções e arranjos familiares com a ocorrência de uma gestação na adolescência a partir da visão das mulheres que foram mães nesta etapa da vida.

A conclusão apresentará os limites e os alcances que esta pesquisa teve em sua trajetória.

Enfim, este estudo pretende ser uma contribuição para compreensão da problemática da gravidez na adolescência no âmbito da Saúde Pública, já que tem sido discutida a necessidade de se entender melhor os valores intrínsecos a este fenômeno, que comparece como campo de interseção das discussões sobre a Saúde do Adolescente, Saúde Reprodutiva e Saúde da Mulher.

Do mesmo modo, esta pesquisa também poderá potencialmente contribuir para reflexão acerca das concepções de família e suas reatualizações em nossa sociedade, questões estas centrais e de expressiva relevância para a Saúde Pública, em vista das suas atuais formulações políticas (como o Programa de Saúde da Família, por exemplo).

É sobre este cenário tão múltiplo e instigante que envolve família, reprodução e adolescência que tratará este estudo.

"TÔ GRÁVIDA, E AGORA?"

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:
SUAS IMPLICAÇÕES, INTERLOCUÇÕES E INTERROGAÇÕES.

“Tô grávida, e agora?” é uma expressão coloquial muito significativa para as discussões que serão feitas neste capítulo e já antecipa o recorte temático da autora ao tema em questão. Na tentativa de frear a ansiedade do leitor de logo mergulhar nos diversos autores e explicações sobre a gravidez na adolescência, devemos determo-nos um pouco mais atentamente na expressão que inicia este capítulo, tendo a convicção de que este convite evitará expectativas equivocadas sobre como essa temática será tratada aqui. De todo modo, são expectativas legítimas, já que de muitas formas esse tema pode ser abordado, desde um caráter alarmista de cunho telejornalístico ao seu sentido subjetivo, de traçadores psicanalíticos. Neste sentido, aproveitaremos a expressão “Tô grávida, E agora?” para apontar alguns sinalizadores que ancoram as discussões neste capítulo:

- 1) É uma expressão na voz de uma adolescente. Não é em qualquer momento da vida e nem é um recorte aleatório. Ser adolescente e viver em determinados contextos e na era dita “contemporânea” tonaliza, em suaves *degradés* (às vezes nem tão suaves), essas ditas “gravidezes” porque, na verdade, temos ditas “adolescências”.
- 2) Esta também antecipa o pressuposto do qual a autora parte: a gravidez é um evento tensionador no curso da vida. Não necessariamente frustrante nem necessariamente desejado. Apenas um evento que impulsiona a num novo posicionamento social e subjetivo perante o curso da vida.
- 3) “E agora?” denota o que vem depois, a parada no meio do caminho e a interrogação sobre os percursos a serem feitos. Isto não se refere àquelas reflexões filosófico-existenciais, pois não serão abordadas aqui vivências psicológicas deste evento. Ao apontar esta interrogação, a provocação se dá em considerar que os atores sociais estabelecem trajetórias a partir do fenômeno da gravidez adolescente e este é um convite ao leitor para olhar para os recortes temporais do *antes* e do *depois* do evento e brincar com essa flexibilidade no

olhar, obviamente baseado nas perspectivas teóricas dos autores aqui considerados.

- 4) Como já foi explicitado, o olhar sobre a gravidez adolescente será ancorado nas ciências sociais, o que já justifica e poupa a autora de outras explicações teóricas, tão importantes quanto, mas que não serão abordadas aqui.

Logo, neste capítulo, será feita uma discussão sobre a adolescência, seus desafios contemporâneos e suas diversas expressões. Entretanto, a ênfase maior será dada às implicações da ocorrência de uma gravidez neste período, interessando-me principalmente a caracterização deste evento nos seus diversos contextos, seus desfechos e seus antecedentes. Ou seja, enfatizar-se-á à caracterização social desse fenômeno, em detrimento do seu enfoque de risco.

Adolescência – algumas reflexões

Adolescência, adolescer... Vários são os vocativos utilizados para designar esta fase do desenvolvimento humano. Muitas vezes, trata-se o adolescente como “aborrecente” referindo-se àquele que, numa determinada fase da vida, começa a “dar problemas” porque passa a ter comportamentos que desestabilizam a autoridade dos pais e mexem com o sistema intra-familiar. Neste sentido, quase podemos confundir *adolescer* com *ado(l)e(s)cer*, se não refletirmos melhor sobre que valores e pré-concepções permeiam essa fase da vida. Logo, como podemos definir “adolescência”?

Esta é uma pergunta que, a princípio, já apresenta tensões conceituais. Aliás, o próprio fato de considerá-la como uma fase *per se* já nos instiga a reflexões, na medida em que, à fase adolescente, imputa-se a concepção de certa transitoriedade e instabilidade; uma imprevisibilidade quanto à forma que ela pode ser denominada. Sendo assim, este é um campo que apresenta certos constrangimentos conceituais. Para caminharmos mais nestas reflexões, se faz necessário recordar que a adolescência é uma invenção moderna, originária do pressuposto de que o percurso do indivíduo moderno deve galgar degraus em busca da autonomia, alcançando seu auge na fase adulta. Castro (XII) ratifica esta concepção quando aponta que “O sentido do desenvolvimento humano também se associa à idéia de *emancipação*. O curso da vida humana foi postulado como uma seqüência sistematizável, ordenada segundo os princípios de complexidade e aperfeiçoamento crescentes.” (p. 29). Esta ideologia moderna inspirou a compreensão do percurso humano em fases, alicerces sedimentados na teoria do ciclo vital.

De acordo com Kaplan, Sadock & Greeb (XIII), a sistematização do estudo do ciclo vital deu-se no início do século XX, segundo este, como resultado da preocupação da Psiquiatria com o desenvolvimento da personalidade. A teoria do ciclo vital propõe a compreensão do percurso humano em fases. Os pressupostos que sustentam a teoria do ciclo vital advém do princípio epigenético, no qual “cada estágio sucede um estágio anterior, e cada um deve ser satisfatoriamente superado para que o desenvolvimento ocorra livre e sem problemas.” (p. 31). Segundo este princípio, se um estágio não é cumprido satisfatoriamente, os outros refletirão seu fracasso “na forma de um desajuste físico, cognitivo, social ou emocional” (p. 31). Outra premissa embasadora da teoria do ciclo vital é a de que cada estágio possui um ou mais nós críticos e este deve ser resolvido de forma satisfatória, ou seja, uma espécie de crise que deve ser bem administrada para ser superada com sucesso. Desta forma, como campo de estudo da Psicologia do Desenvolvimento, os vários modelos de ciclo vital descreveram as fases do desenvolvimento, diferenciando-se no enfoque dado aos elementos (XIII). Todavia, todos estes modelos apontam para uma ordenação do curso da vida humana e esta forma de compreensão da trajetória humana influenciou fortemente vários ramos da ciência que, de forma direta ou indireta, trabalham com o desenvolvimento humano. Sendo assim, percebe-se que, ao naturalizarmos o desenvolvimento humano em fases, negligenciamos que, apesar deste ser um robusto e bem sucedido arcabouço teórico de explicação, muitas vezes não preenche a lacuna das múltiplas possibilidades quando incluímos variáveis sociais, econômicas, políticas, culturais dentre outras que podem borrar estes limites “físicos” e, inclusive, pode influenciar na postura e expectativas que se tem para os sujeitos enquadrados nestes estágios, como salienta Castro (XII):

“(…) as explicações sobre a natureza do desenvolvimento afirmam o caráter universal das trajetórias da vida humana. Ao se presumir tal universalidade, perde-se de vista o horizonte sócio-cultural específico de onde nascem as explicações sobre o desenvolvimento, negando-se as preocupações históricas que deram origem e sustentação a estas explicações, e enclausurando as possibilidades históricas (...)” (XII, p. 30)

Desta forma, à adolescência são imputados determinados valores universais que, se não levarmos em conta o contexto na qual se insere, podemos negligenciar e desconsiderar as possibilidades que ela pode apontar, criando-nos impedimentos sobre a incorporação da diversidade desses sujeitos adolescentes hoje.

Essa postura teórica constitui o posicionamento mais moderno de compreensão da adolescência hoje. Só a partir de uma grade de múltiplas vivências é que podemos

traçar os caminhos dessa juventude/adolescência. Não somente como uma experiência única, que tem uma faixa etária específica e percurso homogêneo, mas com uma diversidade delineada pelas condições sociais, econômicas e culturais, bem como pelos novos mapas de afeto que desafiam nossa capacidade de decifrá-los e que envolve valores e os diversos modos de afirmação da identidade. Em se tratando dos jovens urbanos, a pluralidade é evidenciada nas suas diversas expressões e problemáticas atuais (XIV).

Pais (XV), num ensaio belíssimo de clareza ímpar, explica os valores que permeiam a juventude hoje, apontando alguns caminhos para sua compreensão. Para esta tarefa tão desafiadora, Pais (XV) propôs a utilização da “dualidade primordial” de Deleuze que contrapõe espaço estriado – lugar da ordem, do controle – e espaço liso – o caos, a não-determinação -, para entender as atuais conceituações de juventude⁵ e para diferenciar a forma como eram entendidas as concepções tradicionais dos “estatutos de passagem” (p. 7) para a vida adulta (comparando-os às transições predominantemente pautadas em espaço estriado) e as mais atuais, denominadas por Pais (2006) de performativas, porque não mais se enquadram nessa caracterização linear tradicional. Logo, sendo mais orientados pela lógica dos espaços estriados. Duas metáforas interessantes são recuperadas por Pais (XV) para exemplificar seu argumento central: A transição para a vida adulta, na Europa pós-guerra, assemelhava-se às viagens de estrada de ferro onde os jovens, dependendo da classe, gênero e de seu grau de escolaridade, tomavam comboios diferentes, ou seja, seguiam por caminhos que os conduziam a um destino esperado. Posteriormente, a metáfora das viagens de automóvel se adequou melhor ao que se compreenderia como juventudes. Ao condutor do automóvel, se apresentam inúmeras estradas e ele pode selecionar o seu itinerário entre as várias alternativas que se apresentam. Na atualidade, esta última metáfora ainda é funcional, porém com algumas diferenças fundamentais:

“(…) não são mais as decisões do motorista que garantem uma condução ajustada predeterminadas. E isso porque o terreno em que as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica. No labirinto da vida, como num labirinto rodoviário,

⁵ Apesar de estar discutindo a adolescência, permito-me, em alguns momentos utilizar o termo juventude porque no argumento principal são relativizadas essas delimitações rígidas de fases. Portanto, em coerência com estas proposições, utilizo-me das palavras de Velho (XVI): “Assim, há várias maneiras de ‘ser jovem’, como também de ‘ser velho’, sem esquecer que essas próprias classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais. No caso de nossa sociedade, apenas para exemplificar, basta pensar nas nebulosas fronteiras entre infância e adolescência, adolescência e juventude, juventude e maturidade, maturidade e velhice. Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas á constantes revisões, redefinições e reinterpretações.” (p. 194)

surgem freqüentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de transito, caminhos que parecem já ter sido cruzados, várias vezes passados: e essa retomada de caminhos que provoca uma sensação de perdição, de confusão.” (p. 8)

O constante impulso por experimentações, as voltas e retornos às experiências já vividas e diante de estruturas sociais cada vez mais fluídas, faz com que a vida dos jovens fique tatuada por um contexto de inconstâncias, descontinuidades e oscilações. Em certo momento estão estudando, na crença de um futuro melhor e em outro saem da escola exatamente em busca de condições melhores. Em um momento moram com os pais, brigam e passam um tempo na casa do tio e ficam uns dias na casa de um amigo e logo voltam pra casa dos pais. *Ficam* com um, *saem* com outro e namoram um terceiro, quando conhecem um quarto que vão morar junto. Porém, de vez em quando, “dá uns beijos” no primeiro. Pássaros migratórios – esta é uma boa denominação de Pais (XV) para “juventudes”. Temporalidade muito mais cíclica, veloz e zigzagueante que linear. Essa é a condição juvenil contemporânea, onde há uma valorização do presente à revelia de um futuro que fracassa nas ofertas de oportunidades. Daí os vários comportamentos de riscos⁶ (drogas, violências, esportes radicais, sexo não seguro) se justificam e enraízam essa perspectiva compreensiva. O jovem/adolescente só precisa do presente porque o futuro, ele não sabe. Porque com um futuro “desfuturizado” – “desgovernado pelo princípio da incerteza” (p. 12), a temporalidade alcançável é o presente. Somado a isso, Velho (XVI) também nos traz mais um elemento de análise, que é o *multi-pertencimento* de indivíduos e grupos característicos. O adolescente, portanto, constrói identidades diversas, dependendo da combinação destes pertencimentos e dos pesos, valores e significados específicos atribuídos por esses jovens. Para completar, Novaes (XVII), circunscrevendo essa diversidade aos jovens brasileiros, aponta que recortes específicos como classe, gênero, raça, local de moradia, diferenças regionais, apesar de não serem suficientes para explicar toda a diversidade, são alguns dos gradientes possíveis para identificar essas multiplicidades de juventudes/adolescências.

Portanto, apesar de serem necessárias definições que normatizem e norteiem tais períodos evolutivos, a forma como será tratada a adolescência neste estudo terá uma preocupação menor com estas questões conceituais e maior atenção a estes sinalizadores

⁶ Como nos lembra Pais (XV) “A origem etimológica do termo risco provém do latim *riscum* ou *risicum*, expressão associada às incertezas das antigas expedições marítimas. Hoje em dia, a passagem de alguns jovens para a vida adulta é um verdadeiro dobrar de “cabo das tormentas” (via de *riscum*). Aventura por aventura, envolvem-se então com amigos, em cada esquina da vida, nas excitações do cotidiano.” (p. 11)

apontados acima, que nos auxiliarão a compreender as nuances trazidas pela maternidade adolescente. Assim, como Novaes (XVII) aponta: “(...) qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (p. 105).

Gravidez na adolescência e seus paradoxos

“Meu primeiro filho não foi sem querer. Ela também queria, mas eu não sabia o que fazer. Eu tinha 14 para 15 anos”, Marcelo, 19 anos. (Série “Filhos deste Solo” - Fantástico)

“Quando eu fiquei grávida pela primeira vez, tinha 13 anos. Senti desespero e uma felicidade também, junto”. Luciana, a segunda gravidez com 15 e a terceira com 16 anos. (Série “Filhos deste Solo” – Fantástico)

Gravidez precoce, indesejada, não planejada. É comum a expectativa de que a gravidez seja um evento externo à adolescência, devido, dentre outros fatores, às próprias expectativas frente à adolescência hoje. Entretanto, para complexificarmos um pouco mais essa afirmativa nos remetemos à Aquino, Heilborn, & Knauth, D. *et al* (XVIII) e Melo, R. F (XIX), que sinalizam que este é um fenômeno que, historicamente, já vem se configurando como uma prática. Esta última argumenta que, há duas ou três décadas atrás, era hábito de nossas avós terem se casado e procriado nesta faixa etária. Mesmo porque, a identidade feminina se reduzia ao fato de ser mãe e “(...) ocupar a esfera privada da reprodução (...)” (p.7), enquanto que a “identidade masculina se referia ao espaço público da produção” (XX). Segundo a autora, o que se tornou característico nos últimos trinta anos foi o fato da gestação na adolescência denunciar a ocorrência da prática da sexualidade feminina fora do enlace conjugal. Contudo, mesmo com a concretude desta afirmação, é necessário ter cautela, já que não se pode descontextualizar historicamente tal fenômeno, desconsiderando quais as variáveis atuais que atuam nesse cenário. Percebe-se, de qualquer forma, que esses estereótipos relacionados à gravidez na adolescência não são dados gratuitamente. São frutos de posicionamentos teóricos específicos que dão um contorno diferenciado ao fenômeno. Como sinaliza Bock (XXI):

“Para tratar da questão da gravidez na adolescência, é comum recorrer a três qualificativos que remetem às noções de oportunidade, adequação, previsão e

desejabilidade do evento: a) gravidez precoce - pressupõe uma idade mais adequada para ter filhos, isto é, a existência de um ponto ótimo de maturidade física e psicológica; b) gravidez não planejada - resultante de um descuido, por omissão, falta de habilidade ou problema no uso de contraceptivos, solicita antevisão do risco associado à vida sexual ativa; e c) gravidez não-desejada - contraria as aspirações à felicidade naquele momento da vida.” (p. 72)

Logo, para avançarmos mais nessas discussões, necessitamos analisar como este discurso temático sobre a gravidez na adolescência foi se construindo socialmente evidenciando suas categorias analíticas, bem como identificando os atores sociais que a enunciam. Portanto, será apresentada, neste momento, como a gravidez na adolescência é tratada na literatura científica no intuito de demonstrar a construção sócio-histórica dessas concepções – que muitas vezes são acessadas pelos próprios atores como verdades dadas – bem como para desconstruir a idéia de falsa homogeneização desse fenômeno, escamoteando a diversidade de vivências e experiências com essa gravidez.

De acordo com Heilborn (XXII) e Brandão (XXIII), as literaturas relacionadas à parentalidade⁷ adolescente seriam englobadas em dois grandes grupos: os que tratam gravidez na adolescência a partir de um *enfoque de risco* e os que a remetem para um *enfoque sócio-cultural* do fenômeno. O primeiro grupo ainda pode ser dividido em dois: no primeiro estão as abordagens que tratam esta gestação como um *problema de saúde/saúde pública* e no segundo os que enfatizam *o problema social* advindo ou gerado por essa gravidez. Começaremos pelo *enfoque de risco* e seus subgrupos.

Os estudos que abordam a gravidez na adolescência pelo seu referencial de risco se proliferaram tanto nas ciências sociais, quanto na medicina e na saúde pública. Dois fatores, de acordo com Brandão (XXIII) contribuíram para esse efervescimento de estudos na área: uma forte tradição de estudar a juventude no âmbito das ciências sociais e a presença do discurso da saúde, caracterizando esta gestação como evento de risco para a mãe e para o bebê.

Sob a ótica das concepções médicas, o corpo feminino da adolescente não estaria fisiologicamente preparado para gerar um filho, configurando-se um problema de saúde. Sendo assim, a gestação na adolescência é caracterizada como sendo de alto risco, devido às complicações obstétricas, tendo expressiva contribuição nas taxas de morbimortalidade materna e infantil (XXIV). Algumas das principais preocupações destes

⁷ Entende-se parentalidade como um neologismo criado para suprir a ausência do seu similar em inglês que é *parenthood* que remeteria à idéia conjugada de maternidade e paternidade.

estudos referem-se aos “riscos de aborto espontâneo e à prematuridade do acontecimento, para os problemas para a saúde da mãe, riscos no parto, mortalidade materna e, enfim, riscos para a criança (como baixo peso no nascimento e mortalidade infantil)” (XXII, p. 31). Logo, pela perspectiva das Políticas Públicas de Saúde, a gravidez na adolescência é tida como problema de saúde, denominada frequentemente como precoce e, portanto, este circunscreve o argumento biomédico para o caráter agravista da gestação adolescente.

Em Costa *et al* (XXV), vemos um desses exemplares. Os resultados deste estudo em Feira de Santana sugerem a necessidade de políticas públicas específicas para adolescentes na área de saúde reprodutiva para prevenir a gestação precoce e não planejada, bem como suas conseqüências, devido, dentre outros fatores, **ao baixo peso dos bebês ao nascer de mães no período da adolescência**, a não realização do pré-natal, **etc.** Aspectos estes possivelmente responsáveis pela contribuição da gravidez na adolescência para os altos índices de **morbi-mortalidade** materna e complicações neonatais apontados pelo Ministério da Saúde neste período. Em Montes Claros (MG), Goldenberg, P.; Figueiredo M.C.T. & Silva, R.S. (XXVI) utilizam as mesmas variáveis, chegando a conclusões semelhantes, contudo dando maior relevância ao aumento da fertilidade entre adolescentes.

Estes dados são corroborados pelo estudo retrospectivo de Thato, S., Rachukul, S. & Sopajaree, C. (XXVII), que sustenta o argumento de que a gravidez na adolescência, por si só, é uma gestação de risco.

Já o estudo de Gama, S.G.N., Szwarcwald, C.L., Sabroza, A. R., Branco, V.C. & Leal, M. C. (XXVIII), avança mais na análise, estando a alguns passos a frente dessas conclusões. Neste se sobressai a preocupação com o perfil das gestantes adolescentes que tiveram o número de consultas de pré-natal insuficientes e, de forma surpreendente e ímpar nas pesquisas em saúde pública, não culpabiliza e nem estereotipiza a adolescente, apontando as variáveis sócio-econômicas correlacionadas a um pré-natal precário, que sinaliza que não é somente a gestação adolescente em si que gera complicações perinatais e obstétricas, mas que outros fatores contribuem para o chamado “risco” desse tipo de gestação. Da mesma forma, verificamos em Gama (XXIX), que se pauta na mesma trajetória de análise.

Com esta linha de pensamento, encontramos consonância em Stern e García *op cit* Heilborn (XXX), que para instigar nossas reflexões, nos apresenta as seguintes constatações: “Em diversos países, foi demonstrado que os riscos estão mais relacionados a características sociais do que à idade, e que as mulheres de 15-19 anos e

suas crianças não correm mais riscos de saúde que as mais velhas” (p. 31). Por outro lado, os índices são maiores naquelas que tem entre 10 e 14 anos, mas o número de gravidezes que ocorre nesta fase é muito menor, comparado aos outros período na adolescência (XXX).

Portanto, o que percebemos com estas pesquisas é que, com o *boom* do aumento da gravidez na adolescência a partir da década de 90, o enfoque de risco foi sustentado principalmente pelo argumento da prematuridade biológica⁸, reforçada posteriormente pelo argumento da imaturidade psíquica (XXII). Com o avançar dos estudos, passou-se a apontar os condicionantes sociais destes eventos, dissociando o determinismo biológico dos riscos na gravidez adolescente. Paralelamente, as ciências sociais foram se inserindo nas explicações desse fenômeno, dando vozes e trazendo outros elementos para este debate. Esses, portanto, subsidiam o conceito da maternidade adolescente como problema social. De um lado, argumenta-se que este fenômeno, segundo algumas concepções, representa um desvio no decurso da vida do jovem e de outro se busca as causas sociais do evento da gestação adolescente, argumentos esses que muitas vezes tomam um caráter circular, a tal ponto que muitas vezes fica difícil distinguir o que são causas e o que são conseqüências, como nos reforça Heilborn (XXII):

“Há ainda uma terceira perspectiva que considera, antes de tudo, a gravidez na adolescência como um problema social (Souza, 1998; Schor, 1998). Ela seria então decorrente da pobreza, da precariedade, da ausência de instrução, da falta de informação em matéria contraceptiva e do pouco acesso aos serviços de saúde (Gupta, 2000). De maneira inversa e complementar, a gravidez precoce é considerada como fator que reforça a pobreza e a marginalidade na medida em que os jovens interrompem ou são impedidos de retornar aos estudos, dificilmente encontrando emprego e podendo somente contar com ajuda familiar limitada.” (p. 31)

Logo, os argumentos mais fortes sustentam que baixas condições de instrução e renda estão diretamente relacionadas com maior probabilidade de gravidez precoce. Por exemplo, Lima (XXXI) cita a correlação existente entre maternidade adolescente, educação e renda, apontando que apenas 23% das jovens que tiveram filho na

⁸ Neste momento, é importante esclarecer que a autora em questão não está desconsiderando, tampouco subestimando os riscos para a saúde e as conseqüências sociais advindas de uma maternidade na adolescência. Na verdade, estes questionamentos levantados são para lançar luzes à outras faces da gravidez na adolescência, que muitas vezes, no fomento de estudos científicos, foi negligenciado, deixando invisível a sua natureza heterogênea de vivências, causas, perfis e desfechos. Portanto, faz-se necessário reafirmar o caráter heterogêneo dessa gravidez, que continua sendo vista de forma unívoca.

adolescência haviam estudado além da 8ª série, em comparação com os 44% das que não eram mães. Em Gama, Szwarcwald & Leal (XXIX) é apontado que a taxa de fecundidade no Brasil, na faixa de mulheres entre 15 e 19 anos, era 40% maior em mulheres cuja renda era de até dois salários mínimos, comparados à renda familiar acima de dez salários mínimos, entre 1986 e 1991, sendo maior ainda no Sudeste, chegando a ser de 52% essa diferença. No último estudo, o argumento implícito é que a escassez de oportunidades (sustentada pelas variáveis *baixa renda* e *baixa escolaridade*) é um fator de risco para a adolescência.

Para instigar nossas reflexões, podemos questionar o que seria então “escassez de oportunidade”. Esta concepção pode possuir nuances se associada a estudos urbanos, por exemplo, na medida em que a denominada “escassez de oportunidades” também é heterogênea. Valladares (XXXII), ao estudar favelas no Rio de Janeiro, nos instiga ao apontar a diversidade estrutural, sócio-econômica e de valores nestes locais, veiculados unicamente como lugares de pobreza e violência. A pobreza e a exclusão social são relativizadas. Ampliando mais esse debate, Valle Silva (XXXIII), em outro ponto de vista, contribui trazendo à cena a diferenciação dos conceitos de *desigualdade de oportunidades* e *desigualdade de resultados* ao invés do conceito puro e generalista de *desigualdade social*. Este autor defende que a desigualdade é premente à sociedade e defender que a igualdade de oportunidades é a solução para os problemas sociais é sustentar o argumento frágil de uma sociedade “mérito-crática”, em que os indivíduos, tendo as mesmas condições, terão resultados sociais equivalentes. Não se leva em consideração que existem outras características que podem influenciar nesse percurso, como o capital social, cultural e econômico da família e até mesmo as características individuais (XXXIV). Por isso, é necessário desenvolver indicadores que meçam essas variáveis pra melhor esclarecimento desses fenômenos. Da mesma forma acontece em estudos espaciais que se valem de escalonamentos. Ferreira e Torres (XXXV), em seu artigo, procuraram realizar uma observação mais detalhada sobre o Índice de Vulnerabilidade Infantil (IV), desenvolvido pela Fundação SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), por demanda da Secretaria Estadual de Cultura para o município de São Paulo, que inclui, dentre outros indicadores, o percentual de jovens adolescentes do sexo feminino de 13 a 17 anos que já tiveram filhos. O pressuposto é de que a cumulatividade de riscos indica maior vulnerabilidade do jovem, que pode ser constatado espacialmente, em recortes regionais. Por outro lado, Estudos urbanos sobre *segregação residencial* no Brasil têm apontado como algo *à priori* que os riscos sociais em geral (mesmo a de jovens) se concentram espacialmente no anel externo das regiões

metropolitanas (XXXV). Todavia, deve-se atentar ao escalonamento de estudos como estes, pois, na análise dos padrões espaciais da segregação, a escala pode exercer uma diferença fundamental (XXXVI). Suas conclusões apontam que a pobreza não é um dado *per se*, mas que ela se diversifica e possui níveis de vulnerabilidade diferentes, nuançados pela escala, que demandaria sistemas de informações capazes de capturar a heterogeneidade e a especificidade local. Tratar de segregação de forma abrangente é compreender que, como Najar e Peres (XXXVII) apontam, não é pôr no centro do debate a noção de pobreza, até porque não é uma divisão simplista entre pobres e ricos, é entender que existe uma série de outros elementos envolvidos, que encontra em uma de suas expressões a distribuição espacial. Ou seja, a escassez de oportunidade é dada por outros elementos. Não é justificada cruamente pela renda mínima, baixa escolaridade ou morar num lugar mais pobre somente, mas é a combinação desses e de outros elementos nesta configuração que se traça o caminho dos sucessos e insucessos nos resultados sociais.

De qualquer forma, ainda há discussões que apontam desfechos sociais negativos da gravidez na adolescência, como a interrupção precoce da escolaridade, limitando a inserção do jovem no mercado de trabalho, gerando um processo de reprodução da pobreza (XXIX). Contudo, há outros estudos que sinalizam que a sua ocorrência se dá em um âmbito de desvantagens sociais e já é marcada por interrupções na trajetória escolar (XXXVIII), como confirmam Aquino, Heilborn, & Knauth, D. *et al* (XVIII) quando demonstram através de dados da pesquisa, que 42% das adolescentes já se encontravam fora da escola quando tiveram o primeiro filho. Portanto, a gravidez, neste contexto, pode não ser encarada como uma falência dos projetos de vida desses adolescentes, mas como uma suposta alternativa à precariedade social em que se encontram. Segundo a pesquisa apresentada por Sabroza (XXXIX), por exemplo, foi maior a proporção de adolescentes que desejaram a gestação dentre as que tinham pouca ou nenhuma expectativa em relação ao futuro.

Diante desse quadro apresentado, os qualificativos de “indesejada”, “precoce” e “não-planejada” são largamente justificáveis inclusive para um leitor mais crítico. Entretanto, como já anunciado, a sugestão da presente autora é de convidar a olhar por outros aspectos esta gravidez que transpassa a parede dura desses estereótipos, que acabam por aprisionar as singularidades. Estes são os subsídios do posicionamento sócio-cultural do fenômeno da gravidez, que dão vozes aos atores sociais em questão, apresentando a heterogeneidade deste fenômeno.

Em Velasco (XL), por exemplo, encontramos, já na década de 90, considerações tais que apontam a gestação adolescente envolvendo outros aspectos para além do estereótipo de “indesejada”: “Muitos sociólogos concordam que as mães adolescentes ficam orgulhosas de seu estado por materializarem um dos sonhos mais importantes para a mulher: ser mãe.” (XL). Mais recentemente, seguindo esta mesma trilha, Cabral (XLI) ao questionar o estereótipo de “precocidade” e “indesejada” gravidez na adolescência, indica que “(...) mudanças demográficas e sociais, especificamente as que dizem respeito às expectativas sociais em relação à juventude, imprimem contornos de precocidade e problema ao evento, que tem sido tratado de modo padronizado, ignorando as diferenças de gênero e de classe que atravessam o fenômeno.” (p. 88).

Portanto, o questionamento que se imprime é: *o que representa a gravidez para estas jovens?*

Alguns estudos sugerem algumas hipóteses para a significância destas gravidezes. Melo (XLII) propõe que um filho pode ter inúmeros significados para essa adolescente, como conquistar a independência familiar, provar sua fertilidade, satisfazer a vontade do parceiro, etc. Pantoja (XXXVIII), em um estudo etnográfico com adolescentes sobre o tema da gravidez na adolescência, sinaliza que, para muitas dessas jovens, a gravidez pode significar a realização de projetos de vida ou de um sonho, portanto sendo considerado como *sucesso*. Da mesma forma, Sabroza (XLIII) supõe que esse acontecimento pode representar uma oportunidade de *status social* e/ou reconhecimento social, como se este fosse o único papel possível para estas mulheres. Já para os homens, é plausível considerar a ocorrência desse evento, como uma importante via de publicidade da sua masculinidade/virilidade, como também a divulgação da sua ascensão para vida adulta e a re-significação deste adolescente como “homem sério” e “maduro” (XLIV), um “pai de família”. Logo, esta diversidade de vivências indica que a gravidez é permeada por representações e símbolos sociais.

No que diz respeito aos métodos contraceptivos, os questionamentos se referem ao fato destes jovens conhecerem os métodos contraceptivos, porém não fazerem uso destes. Um dos argumentos é que não necessariamente a informação gera atitude. Porém, em outros casos, alguns adolescentes não só sabem como já usaram, mas não há a permanência do uso (XLIV). Neste sentido, não é explicitamente proferido o desejo de engravidar, porém há a presença de comportamentos que conduzem à gravidez, os denominados “comportamentos de risco”. Neste estudo de Aquino, Heilborn, & Knauth, D. *et al* (XVIII), por exemplo, apesar de declararem que não pensavam em engravidar, somente 36% dos rapazes e 31% das moças disseram estar em uso de contracepção na

primeira gravidez. Além disso, quase a totalidade das gestações neste estudo ocorreu em relacionamentos estáveis, o que deixa margem a vários questionamentos.

Com todo este panorama apresentado, percebe-se que a maternidade na adolescência⁹ é questionadora na medida em que ela põe em xeque os seguintes ideários: 1) a naturalização da imposição etária: neste sentido, é uma gravidez deslocada da ordem “natural” da procriação, a qual se espera que esta aconteça na fase adulta; 2) a concepção naturalizada de fases evolutivas: como se a gravidez impusesse uma “interrupção” no ciclo adolescente e empurrasse este à fase adulta.

Desta forma, o que sustento como pressuposto que a gravidez na adolescência, no nível analítico-teórico, é um tema emblemático, pois a sua trajetória de estudo aponta para uma tradição de abordagem unívoca – a gestação adolescente como um problema -, sendo negligenciada sua expressão e vivências em contextos diversos. Já no nível do plano empírico e particular, a gravidez na adolescência se concretiza como um evento que sempre tensiona e reatualiza o projeto de juventude nas histórias de vida dos sujeitos, portanto, construindo, desconstruindo e reconstruindo cursos de vida.

Percebe-se, portanto, que a gravidez na adolescência remonta a uma teia de significados e redes simbólicas, em que se fazem necessários estudos que explicitem os valores embutidos na gestação nesta faixa etária, que envolve não apenas variáveis sociais (como diferenciação de sexo, raça, classe, escolarização) como também os símbolos culturais da função de reprodução e a compreensão de família nestes valores. Portanto, percebe-se que este fenômeno é permeado por representações e estudos, tem ratificado a hipótese que não basta simplesmente a difusão de métodos contraceptivos para que se diminua o número de adolescentes grávidas. Mas o que está em jogo são idealizações sobre o papel desta gestação na vida destes adolescentes, que sinaliza, portanto, a heterogeneidade da vivência destas gravidezes. Portanto, não há “A” gravidez na adolescência, mas sim “gravidezes adolescentes” em sua diversidade de expressões.

Todavia, independentemente da voluntariedade da gravidez ou não, a dramaticidade do evento requisita o acionamento de uma rede social de apoio que esta adolescente necessitará para levar ao fim a gravidez, bem como os cuidados com o

⁹ Vale, neste momento de análise, ressaltar que há uma sutil diferença entre maternidade e gravidez na adolescência, já que este último envolve, num mesmo universo, tanto as que tiveram a experiência da gravidez, mas abortaram como as que levaram a concepção até o fim. Ainda sim, na perspectiva simbólica, ter um filho não é necessariamente tornar-se mãe. Colocando em suspensão estas questões, em vista de não ser objeto central desta proposta, nesta revisão bibliográfica não se fará distinção entre estas questões, todavia, será considerada, para fins deste estudo, a gravidez na adolescência levada a termo e esta considerada como sinônimo de maternidade.

recém-nascido. Nesta rede, podem se incluir vizinhos, amigos, companheiro, familiares, conhecidos, etc., em que vínculos anteriores podem ser desfeitos e laços afetivos podem ser estreitados. Seja como for, o referencial mais primário para a jovem ainda é a família.

A significação de família é uma problemática em constante interrogação nas Ciências Sociais. É uma temática compartilhada por diversas disciplinas, o que aponta para uma dispersão conceitual. Seja abordada pela olhar do parentesco e da antropologia, seja atravessada pela historicidade das suas configurações (XLV), a família se atualiza hoje num debate pautado principalmente pela sua indefinição. Diante do empirismo das formações familiares que não atendem mais aos modelos até então formulados, a família é novamente questionada, abrindo a possibilidade da diversidade de representações. Por exemplo, ao estabelecer vínculos e laços afetivos, tanto as redes sociais quanto as relações de vizinhança podem ter o potencial de re-significar a concepção de família, pondo em xeque outros signos clássicos tais como parentesco/consangüinidade, nominação, coabitação e conjugalidade. Este, portanto, se configura como um campo profícuo para investigações.

Ainda são escassas as pesquisas que tratem de estudos urbanos nas Ciências Sociais e suas implicações para a formação da família. Àries (XLVI) aponta caminhos para este tipo de abordagem. A partir da concepção histórica, este autor sinaliza que a tão disseminada “crise da família”, não advém do fato dela estar se desestruturando, mas dela, por outro lado, ter tomado para as funções de socialização e formação da subjetividade que antes eram incumbidas às cidades. A tão discutida “crise” é, portanto, originada do fracasso da família em exercer tais encargos.

Desta forma, considerando a família como espaço privilegiado para o desenvolvimento do adolescente, a proposta que se impõe neste estudo é perceber se, a partir do evento da gestação adolescente, a concepção e a organização de família se modifica para estas mulheres que foram mães na adolescência, seja através do restabelecimento de laços afetivos, por rompimento de ligações familiares, pelos rearranjos familiares no cuidado com o recém-nato, ou até mesmo pela via da inserção no imaginário destas jovens de pessoas externas aos laços familiares de parentesco que, após o evento da gravidez, possam ser considerados como “da família”. Mas não é qualquer família. É a família brasileira, com todos os seus signos e sua heterogeneidade ainda velada que até nos desafia a perguntar o que podemos chamar de família. Este será o tema do capítulo seguinte.

Para finalizar, vale lembrar que a reprodução e o cuidado dos filhos podem ser considerados como um dos marcadores simbólicos contundentes de concepção familiar (XLVII) e que a família se constitui como instância fundamental de apoio material e afetivo no momento da gravidez para estes jovens, mesmo para os que formaram um novo grupo familiar (XLVIII).

“PODE ENTRAR QUE A CASA É SUA” AS PECULIARIDADES DA FAMÍLIA BRASILEIRA.

“Pode entrar”. “Fique à vontade”. “Quer um cafezinho?” Estas frases, como tantas outras, sinalizam uma trilha cultural e sugerem hipóteses acerca do lugar (ou lugares) de onde se está (estão) falando. São indícios de identidades e sugerem pistas sobre as origens e sobre a organização cultural do enunciante. Quando tratamos de significados de família, isto não é diferente.

Assim sendo, neste capítulo, procuro despertar o interesse do leitor para o que há de característico na família brasileira. Para esta empreitada, optou-se por utilizar leituras sociológicas para traçar algumas das peculiaridades e especialidades da família no Brasil.

Sem dúvida é uma ousadia, mas não se pode ignorar o fato de que, ao se considerar os significados de família para essas mulheres, mães adolescentes, igualmente não pode ser ignorado que esses mesmos significados têm um lugar onde são germinados, tem uma terra, é característico de uma cultura. E isso me encorajou a este desafio.

Entretanto, é preciso salientar ao leitor que este é apenas um sobrevôo, dos muitos que são necessários para ser mapeado este espaço teórico, ainda insuficientemente estudado. Portanto, esta é uma tentativa, ainda que limitada, de contribuição para lançar luz sobre o que há de peculiar e característico na família brasileira, partindo do próprio Brasil, enquanto seus signos culturais.

Sendo assim, serão apresentados alguns autores e suas interpretações, para a compreensão do que nos faz caracteristicamente brasileiros. Fazendo um recorte mais preciso, será ressaltada a família brasileira a partir do aporte conceitual trazido pelos estudos de Gilberto Freyre e DaMatta, considerando as categorias analíticas da noção de família patriarcal em “A Casa e a Rua” como signos estruturantes da formação familiar no Brasil e algumas outras leituras sobre família, que darão suporte para as análises posteriores. Portanto, também foram mobilizados os argumentos de alguns autores que,

mesmo não tratando diretamente da família brasileira, referiram suas discussões a esse tópico e sugerem alguns dos signos importantes neste debate¹⁰.

Parece evidente, mas é necessário salientar, que: (1) o pressuposto do qual estou partindo é de que a família é uma unidade que não pode ser compreendida isoladamente, emergindo de uma constituição cultural em que está enraizada; (2) este é um capítulo que serve como referência geral para as discussões e análises dos resultados desta pesquisa; e finalmente (3) sem mais licenças e desvios, afirmo ao leitor que, mesmo sabendo (e arriscando) que não serão esgotadas todas as possibilidades e formas de abordagens dessa família brasileira, busco apresentar alguns horizontes. E, se desta ousadia, nada sobrar, que esse esforço sirva para aguçar o interesse de outros a desvendar as nuances de nós mesmos a partir de nós mesmos. Portanto, sintase convidado, “pode entrar, a Casa é sua *também!*”.

Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*

Somos a herança de uma construção histórica peculiar! Essa constituição nos singulariza e marca nosso jeito, nosso cheiro, nossa cor e nosso sabor canelado, apimentado, cítrico. É por essa perspectiva que Gilberto Freyre se apóia em seus estudos sobre o Brasil e a formação da nossa sociedade, buscando nas origens elementos que possam subsidiar o que entendemos (e o que ainda não entendemos) da sociedade brasileira.

Almeida *et al* (XLIX) salienta que, ao considerar os estudos de família em Ciências Sociais no Brasil, é indispensável recorrer às formulações de família patriarcal¹¹ de Gilberto Freyre. Muitas interpretações foram feitas dos estudos de Freyre e não caberia discuti-las aqui. Todavia, Almeida *et al* (XLIX) designa que as leituras acerca da caracterização Freyriana de família patriarcal sugerem duas perspectivas. A primeira reivindica a comprovação e validade destas formulações, no sentido da veracidade da existência da família patriarcal no período colonial. Segundo Almeida *et al* (XLIX), os trabalhos nesta linha de orientação têm indicado que a família patriarcal Freyriana não retrataria a organização familiar do período colonial, restringindo-se somente a classe dominante dos senhores de engenho nordestino. Já pela segunda

¹⁰ A escolha por esses autores justifica-se pela sua relevante contribuição em estudos relacionados à abordagem sociológica da família brasileira.

¹¹ “Patriarcal é aquela estrutura familiar que não somente identifica o indivíduo pela origem paterna (patrilínea), mas ainda dá ao homem o direito prioritário sobre filho e um poder sobre a pessoa de sua esposa.” (L). Contudo, esta definição, apesar de orientadora, não esgota a complexidade do patriarcalismo em Freyre.

perspectiva, a família patriarcal seria entendida como construção ideológica e que balizaria traços básicos do comportamento familiar, tornando-se referência de padrões afetivos e sexuais hierarquizantes. Esta última é a orientação deste trabalho, que concebe a família patriarcal como um dos componentes fundantes da construção cultural brasileira.

Deslizando entre o macro (o sistema colonial e escravocrata) e o micro (cartas, receitas, anúncios de jornal, bilhetes, gestos e pequenos cenários), Gilberto Freyre busca apresentar em suas obras a sua tese principal: que no Brasil, a sociedade que se edificou é fruto de uma relação específica estabelecida a partir do sistema escravocrata, tonalizada com as cores da “aquarela da nossa cultura” marcando, com o mesmo Sol que queima o lombo do negro, o rosto do índio e a brancura encardida do português, cada um de nós, enquanto brasileiros e pertencentes a esta nação. Nas palavras de Freyre (LI):

“A base, a agricultura: as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor. Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma do camponês cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século decisivo de formação nacional” (p. 4).

Com a lente perspicaz de um cinegrafista astuto¹², Gilberto Freyre nos apresenta o período colonial e a transição do sistema econômico rural para o início da urbanização no Brasil, com a incorporação de elementos liberais aos costumes brasileiros. Portanto, é no detalhe, na minúcia que Gilberto Freyre vai formando o quebra-cabeça da paisagem brasileira, com elementos do cotidiano que vai costurando internamente todas as fases de mudanças do Brasil, quase como um documentário da nossa própria história¹³. Neste sentido, os ambientes de observação privilegiados pelos seus estudos

¹² Remeto o mérito da comparação dos estudos de Gilberto Freyre a uma câmera astuta em busca dos detalhes da vida brasileira ao meu colega de mestrado e amigo Carlos Henrique Barbosa, enunciado este feito em um de nossos profícuos debates teóricos na disciplina “Divisão Social das Cidades”, coordenado pelo prof. Alberto Najjar, 1º sem/2007.

¹³ Certamente esse tipo de abordagem tem raízes na herança etnográfica dos estudos da Escola de Chicago, considerada como uma importante vertente na Sociologia, tanto a nível metodológico quanto às temáticas, em que o olhar se volta para o interno, para sua própria sociedade e não somente para o exótico, para as comunidades e civilizações mais distantes e isoladas. Na Chicago, do início do séc. XX,

são a família e a habitação¹⁴, expressões peculiares dessas transformações. Vejamos então como estes componentes se apresentam em sua obra.

A figura que primeiro é chamada a comparecer neste cenário é a do português, colonizador e principal responsável pela unificação nacional. Segundo Freyre, a bem sucedida formação do Estado nacional só foi possível pelas características desse povo que, em sua formação étnica, é híbrida em suas raízes. De acordo com o autor, um povo indefinido entre a Europa e a África:

“Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso amolecendo nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao Cristianismo (...)” (LI, p. 5)

A indefinição de raça é o tempero que propiciou também certa mistura e que acabou por amolecer a rigidez dos comportamentos. Ao mesmo tempo em que isto proporcionou uma fácil e frouxa flexibilidade, originado pelo “bambo equilíbrio de antagonismos” (p. 6), isto também proporcionou ao caráter uma singular proficuidade de aptidões. Dentre essas características, aponta o autor: a “genesia” violenta, o gosto por anedotas de fundo erótico, o brio, a franqueza, a lealdade, a pouca iniciativa individual, o fatalismo, a persistência quando se fixa em uma idéia, uma imaginação que o leva até a exagerar na mentira, praticidade ligada ao utilitarismo, melancólico, generoso, desleixado, inibido, mas sociável, acovardado até que um dia toma uma posição e se afirma (LI, p. 7). Este equilíbrio (às vezes harmônico, às vezes conturbado) de antagonismos, segundo o autor, são as duas culturas - a africana e a européia - e essas se organizam quase que como um contínuo, onde cada uma é utilizada quando a necessidade suscita. E isto, de acordo com Freyre, é um dos elementos que dá um caráter especial à colonização no Brasil, como também à formação da família brasileira.

Um dos componentes que legitimou a conquista das terras brasileiras foi o caráter móvel dessa colonização que devido à fácil adaptabilidade do português, supriu a escassez de capital humano. Contudo, isto não seria o suficiente, pois, com o passar do

surgiram elementos novos à paisagem social devido ao grande número de imigrantes que se instalou nessa cidade, o que suscitou estudos que visavam elucidar as mudanças que estavam ocorrendo. Para mais detalhes e aprofundamento deste tema, ver (LII) e (LIII).

¹⁴ Neste ponto, ressalta-se que as referências foram retiradas basicamente de dois dos livros de Gilberto Freyre: *Casa Grande e Senzala* (1978 – 19ª edição) e *Sobrados e Mocambos* (1985 – 7ª edição), que são algumas das bases teóricas principais desta discussão no capítulo.

tempo, a sustentação desse ímpeto seria desgastante para o colonizador. Dessa forma, buscou-se uma outra via para seu estabelecimento: a miscigenação. Este segundo elemento só foi possível graças ao frouxo apego à pureza de raça. O que era mais importante, portanto, era a identidade/identificação religiosa mais do que a origem étnica, mesmo que se encontrasse entre os católicos mais fervorosos um catolicismo amaciado pela cultura maometana¹⁵ do que um purismo religioso. Dessa característica, portanto, dista o terceiro componente que marcou a colonização portuguesa no Brasil: a catequização. Mas um catolicismo já de certa forma amaciado pelos signos mouros, o que possibilitou também a incorporação de elementos locais. Essas propriedades só foram possíveis devido à cultura do povo português tendente a absorção e adaptabilidade, em contraposição à rigidez de raça e de cultura de outros países europeus mais nórdicos.

Todos estes elementos propiciaram o domínio do território brasileiro e sedimentou a capacidade de permanência do português que se deu via família patriarcal.

“De qualquer modo, o certo é que os portugueses triunfaram onde outros europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidades de permanência”. (LI, p.2).

Esta permanência do colono, fase seguinte ao alargamento que a mobilidade proporcionou, só foi possível a partir da instauração de uma nova fase: a implantação da agricultura. Esta se deu pela utilização e desenvolvimento de riqueza vegetal pelo esforço do particular e pelo aproveitamento dos nativos, não só como instrumento de trabalho escravo, como também pra formação de família e para procriação.

“A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América” (LI, p. 18).

¹⁵ Sobre o Catolicismo, nos diz Freyre: “Nem era entre eles a religião o mesmo duro e rígido sistema que entre os povos do Norte reformado e da própria Castela dramaticamente Católica, mas uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; (...) as mulheres estêreis indo esfregar-se, de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do Amarante, (...) Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe.” (LI, p. 22). “(...) o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade”. (LI, p. 30)

O nativo, figura singular na colonização brasileira, é representado pelo índio. Este, diferentemente dos Incas, Astecas e Maias, que já estavam numa fase de semi-civilização¹⁶, se apresentava, como denomina Freyre, com “uma cultura verde e incipiente”, e pela qual se estabelecia uma relação de primitividade com o português. À este, o índio serviu, para fins de colonização, a duas funções fundamentais: para a procriação e para desbravamento da selva. Esta mesma selva também serviu de resistência dos indígenas à escravidão, apesar de não ter havido reação que pudesse fazer frente à superioridade técnica do branco. Sendo vencido, o índio retraiu-se e perdeu seu brio em contato com o sistema escravocrata, já que antes se caracterizava pela atividade e dinamismo próprio da vida nômade.

Sendo assim, sua cultura e suas tradições acabaram por se misturar às do português, contemporizando as primeiras experiências de miscigenação. Como salienta Freyre:

“Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém batizada, por esposa e mãe de família; servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone” (LI, p. 91).

Desta forma, da cultura indígena foram trazidos alguns elementos culturais ainda valiosos para nós tais como o asseio pessoal, comidas típicas e o uso de ervas medicinais.

Entretanto, foi fracassada a tentativa de aproveitar o índio (caracteristicamente caçador) para a agricultura (com mãos em enxadas). Para isso, o sangue e o suor do negro africano, tornado escravo, foi a escolha mais acertada.

Os escravos negros vieram para o continente americano das mais diversas regiões da África e isso propiciou certa diversidade de composições: alguns, vindo de determinadas regiões eram mais arredios e mais resistentes, outros mais dóceis e subservientes, outros ainda mais intelectualmente desenvolvidos, outros mais laboriosos. Estas diferenças serviam de nivelamento para aquisição dos escravos e esta aquisição dependia da função que exerceriam e para onde, no Brasil seriam enviados.

¹⁶ Nota-se que esta designação de civilização é centrada nos valores europeus, ou seja, tudo o que se afasta disso, é considerado não-civilizado, como o índio brasileiro, por exemplo.

Freyre salienta que estas diferenças, não são só regionais como também funcionais, distinguem os negros que vieram para o Brasil como escravos e os que foram para as colônias inglesas.

“Parece que para as colônias inglesas o critério de importação dos escravos da África foi quase exclusivamente agrícola. O da energia bruta, animal, preferindo-se o negro forte, resistente e barato. Para o Brasil a importação de africanos fez-se atendendo a outras necessidades e interesses: à falta de mulheres brancas; às necessidades de técnicos em trabalhos de metal, ao surgirem as minas. Duas poderosas forças de seleção.” (LI, p. 306).

Esses critérios seletivos para o negro escravo denotam a especificidade dessa prática escravocrata no Brasil. Ressalte-se bem que quando tratamos aqui das influências do negro na cultura brasileira, estamos considerando, como Freyre nesse ensaio, esse mesmo negro inserido no sistema escravocrata, que traz nuances especiais à essa nação que se forma¹⁷. Portanto, deve-se distinguir o que se refere a moral e características de uma determinada etnia das que se apresentam dentro de um sistema escravocrata. Esta última distingue-se por ser uma etnia que se apresenta desenraizada de suas origens. Nas palavras de Freyre:

“Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam. (*parágrafo*) Passa por ser defeito de raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria e a depravação sexual.” (LI, p. 316).

Ainda neste ponto, sobre o julgamento de que o negro era uma figura de elevada predileção sexual, Freyre reluta, afirmando que em sua cultura originária o que se apurou é que estes seriam mais moderados até que os próprios europeus (LI, p. 316). Até por isso se justifica a necessidade de danças erotizadas e temperos afrodisíacos para aumentar esse apetite sexual. Portanto, considerações tais como a de que a negra, por suas características mais sexualizadas, corrompeu a família brasileira é de uma profunda desconsideração ao fato de que condição dessa negra (e até da própria índia) era de escrava, o que muda a perspectiva de reflexão sobre estes fatos. E é inerente ao sistema

¹⁷ “Na ordem de sua influência, as forças que dentro do sistema escravocrata atuaram no Brasil sobre o africano recém-chegado foram: a igreja (menos a Igreja com I grande, que a outra com i pequeno, dependência do engenho ou da família patriarcal); a senzala; a casa-grande propriamente dita – isto é, considerada como parte, e não centro dominador do sistema de colonização e formação patriarcal do Brasil.” (LI, p. 357).

escravocrata a procriação – para aumentar a força de trabalho - e o domínio sexual sobre os que são propriedade dos senhores de engenho. A partir deste comportamento sexual libertino, não é de se surpreender que tenha havido grande disseminação de doenças, sendo a sífilis¹⁸ a mais expressiva, símbolo de virilidade e orgulho masculino, transmitida principalmente do branco para o negro e o indígena nas casas-grandes.

Embora de grande relevância, estas não foram as únicas funções dos negros no citado território nacional. Esse contato estreito fez com que o negro servisse também de mediador cultural entre europeus e indígenas (substratos quase antagônicos) além de acrescentar conhecimentos técnico-culturais, transmitindo elementos novos a essa formação social, como por exemplo, as comidas, as danças e o jeito extrovertido e língua amaciada pelas amas, que os meninos de engenho aprendiam rápido.

“Agentes de ligação com os portugueses, com a Igreja. Exerçeram não só aquele papel de mediadores plásticos entre os europeus e os indígenas a que se refere José Maria dos Santos, mas em alguns casos, função original e criadora.” (LI, 308).

Dessa forma, a família patriarcal reuniu em torno de si, juntamente com os sistemas escravocrata e agrícola, as funções sociais, econômicas e até políticas da colônia. E essa família se formou através do intercuro sexual, dos casamentos (lícitos ou não), dos amaziamentos e da poligamia de brancos com negras ou de portugueses com índias¹⁹. No caso das sinhás-moças das Casas-Grandes, elas casavam-se com 13 ou 15 anos, com maridos escolhidos pelos seus pais e era nessa idade que tinham seus primeiros filhos. E quando os pais eram desobedecidos em suas escolhas, eram as mucamas as cúmplices das fugas dessas meninas. Estas últimas eram muito queridas e próximas às sinhazinhas e eram elas que acolhiam a vida sentimental dessas púberes (LI, p. 48). As configurações familiares eram diversificadas, havendo inclusive situações de incesto como irmão casado com irmã ou situações menos escandalosas

¹⁸ Com relação à sífilis, Freyre aponta: “Costuma dizer-se que a civilização e a *sifilização* andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se *sifilizado* antes de se haver civilizado. Os primeiros europeus aqui chegados desapareceram na massa indígena quase sem deixar sobre ela outro traço europeizante além das manchas de mestiçagem e de sífilis. Não civilizaram: há, entretanto indícios de terem sifilizado a população aborígine que os absorveu.” (LI, p. 48).

¹⁹ Uma consideração importante em relação à discussão de Freyre sobre família patriarcal é também a importância do nome. O nome de família era um signo respeitado e prestigiado, símbolo de identidade social e, muitas vezes, de valor profético para o indivíduo – predizendo qual futuro é esperado para àquele que carrega tal nome. Estes signos muitas vezes tutelavam filhos ilegítimos e branqueavam negrinhos ou índios piá. Para mais detalhes (LIV, p. 133).

como tio casado com sobrinha ou primo com prima, “cujo fim era impedir a dispersão dos bens, conservar a limpeza do sangue de origem nobre ou ilustre (...) Não foram uniões consangüíneas: mas de indivíduos que, casando-se, apertavam os laços de solidariedade de família em torno do patriarca” (LI, p. 341 e 342)²⁰. As relações familiares eram de apego e intimidade, sendo muito freqüente casamentos intra-familiares, o que concentrava essas relações. A virgindade era também um atributo valioso, atribuindo-as às mais novinhas (de 12, 13 e 14 anos) o “provocante verdor de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta anos. Às vezes de cinquenta, sessenta e até setenta anos.” (LI, p. 346), costume que persistiu até meados do séc. XIX. Já para os homens, estimulava-se que, desde cedo se embrenhassem com as escravas, desfrutando-se prazeres sexuais e que “(...) não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paterno” (LI, p372). Os filhos gerados das uniões conjugais não raro eram cuidados e amamentados pelas mucamas, seja pela morte prematura no parto ou pelo próprio costume local. Isto é de importância fundamental porque o sistema escravista no Brasil teve um caráter especialíssimo já que as relações entre casas-grandes e senzala eram estreitadas a partir desses personagens - amas, mucamas, mães-pretas e irmão de criação - “Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas da casa. Espécie de parentes pobres nas famílias européias” (LI, p. 352).

“Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. Predominantemente coletivistas, os vindos da senzala; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes.” (LI, p. 355).

Os homens, patriarcas das casas-grandes, eram quem tinha como uma de suas funções produzirem herdeiros. Raramente viviam com a mesma mulher até a morte, pois elas iam morrendo e logo se casavam com as irmãs mais novas de suas esposas ou as primas delas. Tornavam-se pais de numerosas proles. Os nomes, nesse contexto, também tinham um papel de grande relevância, pois identificava a origem da família. Muitos negros batizados na Igreja Católica e constituídos em família tomavam o nome do patriarca da casa-grande, em “seu esforço de ascensão social, (de) imitarem os senhores brancos e adotarem-lhes as formas exteriores de superioridade” (LI, p. 451).

²⁰ Nestes já percebemos a referência a alguns signos de família como sangue e herança/bens familiares.

Sem deixar de considerar os nomes inspirados (e copiados) de santos católicos, marcando nossa tradição religiosa.

Enfim, no ponto das relações é que foi expressa com veemência a hierarquia que fundamenta a família patriarcal e o sistema escravocrata: a relação entre dominador e dominado - seja do patriarca sobre a mulher, seja do senhor de engenho sobre os escravos e escravas, seja do menino da casa grande sobre o moleque “leva pancadas” (LI, p.50), seja da grande senhora sobre escravos e escravas. Seja qual for, a relação que se estabelece é de dominador e dominado, que Freyre denomina como “sadismo do branco e masoquismo da índia ou da negra” (aí relacionando diretamente ao intercuro sexual).

E é sobre esta relação desigual que a família patriarcal é sedimentada, sobre o jugo do senhor de engenho sobre suas propriedades – a mulher, os filhos e os escravos. Essa relação de mando também se espraia entre estes elementos: das mães para com os filhos, dos meninos dos engenhos para com os moleques, etc., reproduzindo a imposição e supremacia de um (quase sempre cruel e violenta) sobre o outro e isto é um dos grandes marcadores da formação da sociedade brasileira²¹.

Mas esses signos não se estagnam. São mutáveis e se conformam com as transformações históricas e sociais. É assim que em “Sobrados e Mocambos” (LIV) Freyre nos apresenta a transformação dessa família e de seus componentes. Essa se dá processualmente, em concomitância com o crescimento das cidades, mudando a paisagem e os valores brasileiros. Os Sobrados ocupando o lugar de destaque na teia social e as senzalas dando espaço aos mocambos nas grandes cidades. Sendo assim, o velho pai patriarca já não prima dos mesmos privilégios largos anteriores, favorecendo a ascensão do jovem, agora já escolarizado, vindo da Europa. Assim como a mulher do Sobrado que, embora ainda subjugada ao marido, já não tem mais o confessionário como sua única âncora mental, tendo também o teatro, a música dentre outras atividades que não mais a prende somente em casa. Os elementos mudam de posição no jogo social. Todavia, os signos familiares permanecem. Vejamos com se dá este jogo de constâncias e mutabilidades²².

²¹ Nas palavras de Freyre: “Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual doméstica, têm-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos.” (LI, p. 51).

²² É importante ressaltar que para esta abordagem, foram utilizados somente o capítulo III, IV e XII do livro, capítulos estes pertinentes ao tema de família em Freyre nesta leitura.

Gilberto Freyre em *Sobrados e Mocambos*

Afora suas considerações sobre a habitação no Brasil colônia e no Brasil citadino, enquanto símbolos das mudanças do Brasil rural para o Brasil urbano no século XIX, serão destacados dos ensaios de Freyre, em especial os apontamentos sobre a re colocação dos atores sociais frente a estas mudanças, em especial a posição social do homem, da mulher, do menino, etc., enfim, dos personagens dessa família brasileira²³.

Como nos lembra Freyre, havia uma acentuada distância social entre o menino e o homem na família patriarcal, principalmente no que diz respeito ao poder e à hierarquia. O menino era submisso e equiparava-se a mais uma de suas propriedades na sociedade escravocrata. É bem verdade que esta distância se estreitava devido à forçosa diminuição do tempo de meninice, mas, mesmo no período de decadência do patriarcalismo, os antagonismos e rivalidades se perpetuam (LIV, p. 67). O prestígio é do homem feito e maduro e tudo que o menino busca é chegar a ser homem, antecipando prematuramente o amadurecimento. E quanto mais velho, mais maduro e prestigioso se faz o homem e este se faz pela fisionomia sisuda, barbada e severa, procurando sempre obscurecer qualquer brilho de leveza e alegria da juventude. Como acidamente nos pontua Freyre:

“No Brasil patriarcal, o menino – enquanto considerado menino – foi sempre criatura conservada a grande distância do homem. A grande distância do elemento homem, pode-se acrescentar.” (LIV, p. 67).

Quando muito pequeno, era intensamente idealizado, comparado a anjos quando em morte prematura. Porém, de acordo com Freyre, dos seis aos dez anos (idade teológica da razão²⁴) passava a anjo caído, tratado como resto e sempre castigado pelos adultos brancos da casa.

“Castigado por uma sociedade de adultos em que o domínio sobre o escravo se desenvolvia, junto com as responsabilidades de mando absoluto, o gosto de judiar também com o menino. (...) A administração da justiça pelo patriarca sobre a própria família, a autorização exercida pelo adulto sobre o párvulo, no interesse real

²³ Foram utilizados prioritariamente neste item os capítulos III e IV da obra “*Sobrados e Mocambos*”.

²⁴ Expressão Freyriana (LIV, p. 68).

ou ostensivo da educação, ou da moralização do menino, não há dúvida que tomou muitas vezes o caráter francamente sádico que, em trabalho anterior, já procuramos salientar.” (LIV, p. 69 e 70).

Nos sobrados das cidades, esse domínio se atenuou e, com a decadência do patriarcalismo, este sadismo foi exercido pedagogicamente e com afincamento pelos colégios de padres, que se apropriaram do papel e do poder patriarcal sobre o menino. Tão violentamente quanto à família, porém com uma grande diferença: esses meninos passaram a ter acesso a um conhecimento e leituras que o educaram e, já como homens e adultos, tal formação se chocava com os ranços familiares. Nas palavras de Freyre:

“A mesma (educação patriarcal) no empenho em quebrar a individualidade da criança, visando adultos passivos e subservientes. Passivos perante o Senhor do Céu e da Terra e a Santa Madre Igreja e não tanto diante do pai nem da mãe simplesmente de carne.” (LIV, p. 71).

É a cultura da valorização do bacharel que começa a ganhar fôlego: são os primeiros letrados, homens da cidade. Como nos diz Freyre, a “beca dava uma nobreza toda especial ao adolescente que saía dos ‘pátios’ dos jesuítas” (LIV, p. 74), que se tornava a admiração dos pais, tão adiantado a eles em conhecimentos. Essa posição social exercida pelo colégio de padres e pela Igreja pôde, assim, contribuir para esse declínio do pátrio-poder no Brasil. E esses recém-letrados representavam o espírito modernizador e anunciavam-se como:

“(…) elementos de urbanização e de universalização, num meio influenciado poderosamente pelos autocratas das casas-grandes (...) Nas modas de trajar e nos estilos de vida, eles representaram aquela tendência para o predomínio do espírito europeu e de Cidade sobre o meio agreste ou turbulentamente rural, encarnado muitas vezes pelos seus próprios pais ou avós” (LIV, p. 76).

A alcunha máxima desse período é a figura de Pedro II, imperador do segundo reinado, menino novo que solidificou e acentuou mais ainda o antagonismo entre o homem patriarcal e velho com o moço letrado dos colégios jesuítas, quando este último começou a ocupar cargos, antes somente confiados aos velhos. Esses jovens representavam “aliados naturais de sua política de urbanização e de centralização, de ordem e de paz, de tolerância e justiça. Política contrária aos excessos de turbulência individual e de predomínio de família (...)” (LIV, p. 82). Com isso, foi-se dirimindo

àquele respeito quase divinal à velhice. Os avós, sisudos e poderosos, amoleceram-se em vovózinhas e vovôzinhos; rapazes participando e dando opiniões nas conversas dos mais velhos; namorando na Igreja, etc.; eram os novos tempos e o declínio do patriarcalismo, do Senhor pai, que vira simplesmente papai ou pai. E em relação a mulher? Numa organização social do tipo agrária, há uma extrema especialização dos sexos: ao homem cabia o chefiamento da casa, o mando, o sustento familiar e o domínio sobre os bens. À mulher, era esperada a submissão às vontades sexuais do marido, que visava exclusivamente a procriação, e o cuidado dos rebentos. Havia claramente definido um padrão duplo de moralidade estabelecido, que propiciava a liberdade de se expandir ao convívio social e de circular pelos espaços externos à casa; enquanto à mulher, cabia-lhe a domesticidade da casa grande, sendo um dos seus poucos refúgios os confessionários. Como jocosamente Freyre nos aponta:

“Confessando-se, elas desintoxicavam-se. Purgavam-se. Era uma limpeza para os nervos, e não apenas para as suas almas ansiosas para o céu onde as esperavam seus filhinhos anjos gritando ‘mamãe!’ ‘mamãe!’” (LIV, p. 94).

Apesar das características generalizadas dessas mulheres, esposas dos senhores de engenho, havia também algumas outras mulheres que chefiavam engenhos e demarcavam seus espaços sociais e tinham a função de chefiarem a família – “Mostraram-se capazes de exercer o mando patriarcal quase com o mesmo vigor dos homens” (LIV, p. 95). Porém, um adendo se faz necessário. Apesar dessa função, elas exerciam o papel sociológico de patriarcas da família. O que se quer dizer com isso é que não implicava em um matriarcalismo. Como Freyre sublinha:

“Em que a *mulher* tornava-se sociologicamente o *homem da casa*, o chefe da família, o senhor do engenho ou da fazenda, sem que tal substituição importasse em matriarcalismo senão adjetivo – nunca substantivo – ou em valorização do sexo considerado frágil.” (LIV, p. 133).

Com relação aos indígenas, Freyre conjectura que a diferenciação era menor entre os homens e as mulheres, no que diz respeito às qualidades físicas, moldadas pelas funções sociais. Sendo a responsabilidade da mulher o cultivo agrícola, ela gozava de um vigor físico, comparado ao dos homens, diferentemente das mulheres pálidas e caseiras dos engenhos. No sistema patriarcal, ao contrário, a diferenciação entre os sexos é tamanha que era condenável um homem se parecer fisicamente como uma

mulher e vice-versa (LIV, p. 97). Eram as cinturas apertadas, os pés deformados com calçados pequenos que simbolicamente representava a opressão sobre o sexo frágil, bem como a opressão do patriarca sobre tudo que era sua propriedade: filhos, escravos, etc. Enfim, Freyre sumariza, dizendo:

“De modo geral, o homem foi dentro do patriarcalismo brasileiro, o elemento móvel, militante e renovador; a mulher, o conservador, o estável, o de ordem. O homem, o elemento de imaginação mais criadora e de contatos mais diversos e, portanto, mais inventor, mais diferenciador, mais perturbador da rotina. A mulher, o elemento mais realista e mais integralizador.” (LIV, p. 102).

Foi na figura do patriarca, portanto, no dominador, que se fundiram dois elementos marcadores de diferença e hierarquização: a raça (branca ou levemente mestiça) e o sexo (masculino). Na mulher, reuni-se, por outro lado, o papel social de estabilizadora de valores.

Algumas mudanças se sucedem. A influência francesa e burguesa trazida pelos homens que vinham da Europa dos seus estudos, influenciaram os costumes no século XIX e percebe-se uma urbanização dos estilos de vida. As mulheres do sobrado já se viam circular mais pelas cidades, indo ao teatro, com formas mais delicadas, de aspectos mais frágeis, lendo romances, estudando música e tocando piano, com lições de francês indo menos aos confessionários. Ou seja, como nas palavras de Freyre, uma “mulher menos servil e mais mundana” (LIV, p. 110):

“Com esse tipo semi-patriarcal de vida mais mundana para a gente elegante de sobrado, alargou-se a paisagem social de muita iaiá brasileira no sentido de maior variedade de contatos com a vida extra doméstica. Esse alargamento se fez por meio do teatro, do romance, da janela, do estudo de dança, de música, de francês.” (LIV, p. 111).

Sendo assim, algumas instituições foram aparecendo e se fortalecendo – como o banco, o teatro, as lojas, o governo, o colégio, etc. – dissolvendo e enfraquecendo o poderio do patriarca e isso possibilitou que a mulher também ascendesse em sua posição social, juntamente com o escravo e o filho, de acordo com Freyre, “jurídica e moralmente” (LIV, p. 122).

Contudo, algumas permanências se sucedem também. Os homens dos sobrados, como os da casa grande, continuaram a se ornamentar, o que os diferenciava dos

escravos, que não podiam usar ouro e nem jóias, marcando a diferença de classes²⁵. Com relação às mulheres dos sobrados, tanto essas quanto as mulheres da casa grande, utilizavam o vestuário pra se diferenciarem das escravas e das mulheres dos mocambos, bem como dos próprios homens. Segundo Freyre, “destacando-se tanto do outro sexo como das mulheres de outra classe, pelo excesso ou exagero de enfeite, de ornamentação, de babado, de renda (...)” (LIV, p. 99). Logo, as mulheres, neste período semi-patriarcal, continuavam submissas aos homens, porém com maior circulação social. Freyre conclui, numa perspectiva avaliativa que:

“Mais depressa nos libertamos, os brasileiros, dos preconceitos de raça do que dos de sexo. Quebraram-se ainda no primeiro século de colonização, os tabus mais duros contra os índios; e no século XVII, a voz del-Rei já se levantava a favor dos pardos. Os tabus de sexo foram mais persistentes. ‘A inferioridade’ da mulher substitui a ‘inferioridade de raça’, fazendo da nossa cultura, menos uma cultura como a norte-americana, com a metade de seus valores esmagados ou reprimidos pelo fato da diversidade de cor e de raça do que, como os orientais, uma cultura com muitos dos seus elementos mais ricos abafados e proibidos de se expressarem pelo tabu do sexo.” (LIV, p. 129).

DaMatta e “A Casa e a Rua”

Roberto DaMatta traz à cena, em perspectiva semelhante a de Freyre, elementos estruturantes para a compreensão da formação social brasileira e sua contribuição se dá fundamentalmente no que ele caracteriza como o “dilema brasileiro”. No pressuposto de DaMatta, somos uma sociedade que se diz igual e hierarquiza, mas no Carnaval, democraticamente transforma os personagens em iguais, apesar de sabermos que o rei momo e a rainha da bateria mandam. Ou seja, somos uma sociedade em que os antagonismos não são necessariamente opostos, mas quase que complementares e interconectados. Neste plano de discussão, trazemos uma de suas perspectivas que são as categorias analíticas de “A Casa e a Rua” como símbolos estruturantes do povo brasileiro.

²⁵ Nesta discussão, procuramos salientar as diferenças e papéis sociológicos que Freyre aponta no IV do referido livro. Entretanto, ponderamos se de fato, há esta dualização tão marcada entre os sexos. Esse extremismo em Freyre alcança, inclusive, considerações anatomo-fisiológicas sobre a diferença do cérebro masculino e feminino, o que já parte para uma alçada bastante discutível. Além disso, neste capítulo, pouco se apresentam as mudanças e permanências nos papéis sexuais de homens e mulheres escravos, por exemplo. Portanto, reconhecendo estas lacunas, procuramos aproveitar desse material fundamentalmente o jogo sociológico dos papéis e funções sexuais discutidos por Freyre na formação da sociedade brasileira.

DaMatta (LV) em suas reflexões, assinala a presença dos signos “*Casa*” e “*Rua*”, como signos estruturantes. Em suas palavras, estas seriam “categorias sociológicas” (p. 12) de compreensão da sociedade brasileira. Neste sentido, a casa seria o lugar do doméstico, do privado, enquanto a rua é o lugar, do externo, do alheio à, do urbano. Todavia, as palavras de DaMatta (LV) são elucidativas “... o que temos aqui é um espaço moral posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica, mas – isso sim – por intermédio de contrastes, complementaridades, oposições.” (p. 13).

Sendo assim, família ocupa esse lugar da casa, não só no aspecto físico, mas também simbolicamente, como o lar que nos abriga, espaço de expressão das afetividades, em oposição ao anonimato do urbano, da rua, da cidade. Tratar aqui de “espaço” não é medir milimetricamente seus contornos, é saber que existem limites simbólicos que se alargam e se estreitam de acordo com seus opostos. Muitas expressões trazem esse jogo à tona, como “aqui eu me sinto em casa”, “fulano já é de casa”, sinalizando que está em família, na intimidade do lar, faz parte do “círculo mais estreito”. Para DaMatta (LV), Casa, Rua e o Outro mundo²⁶ são categorias relacionais para se entender a sociedade brasileira:

“O fato social importante, repito, é a descoberta dessa possibilidade de ‘ler’ a sociedade brasileira com seu extensivo sistema de rituais como uma sociedade que se debate em torno de visões diferenciadas de si mesmas” (LV, p, 52)

No que tange a esta pesquisa, esse jogo de categorias se apresenta na medida em que as mulheres definem para si quem faz parte da sua família e quem representa o externo, a rua, o outro. Além disso, o espaço, concretizado na coabitação, torna-se também um símbolo que delimita o “ser familiar”, o lócus (aí tomado de forma mais concretizada) onde as relações de afeto e intimidade, confiança e lealdade, são possíveis de serem expressas. Como nos aponta DaMatta (LV):

“O resultado disso é um sistema de classificação diferenciado e, naturalmente, complementar, que sempre foi percebido e interpretado como ‘incompleto’, ‘inacabado’, ‘incongruente’, ou ‘imaturado’, como se ele estivesse a meio caminho e indeciso entre várias tendências históricas. Mas o que temos, realmente, é um sistema que apresenta três modos diferenciados e complementares

²⁶ O outro mundo para DaMatta relaciona-se com o ensaio em que ele trabalha a morte e a passagem ao outro mundo como um signo forte e relacional na cultura brasileira. É a goma que une, amansa e consola as injustiças sofridas num “depois” que virá, onde todos somos iguais e onde há um mundo justo e seremos recompensados.

Outros apontamentos em antropologia e família: certo panorama

Alguns outros estudos apresentam contribuições significativas para complementar as discussões deste capítulo.

Em Prado (L), o sentido de família é tido por "(...) pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção." (p. 7). Afora o caráter simplificador desta definição, ela se torna norteadora na busca de signos pra representar a família, que podemos encontrar em outros estudos.

Um exemplo destes é a etnografia de Schneider (LVI). Em seu estudo, este autor investigou os símbolos que os americanos associavam à parentesco e à família. E ele conclui que, para os americanos, o conceito de família pode envolver o parentesco de inúmeras formas e é marcado pelo intercuro sexual (o ato de procriação) e engloba somente três personagens: mulher, marido e filhos. Essa tríade seria o símbolo cultural principal da família americana, ou seja, a forte referência à família nuclear e à conjugalidade associada à reprodução. Além disso, símbolos como coabitação, o significado da casa/ do lar, entre outros aparecem como imagens que se referem à família.

Já em Velho (LVII), o jogo entre família, subjetividade e individualismo se instaura, principalmente com a noção de projeto, que recai na complexa discussão sobre o conceito de indivíduo enquanto dado da natureza – possuindo projetos individuais sendo esse campo de escolhas e possibilidades múltiplas – ou indivíduo enquanto construto culturalmente determinado, portanto tendo suas escolhas limitadas histórica e culturalmente. Este cenário figura seu trabalho sobre acusações em família, onde projeto familiar e projeto individual se conflitam.

Seguindo o mesmo caminho, De Singly (LVIII) procura entender o funcionamento da família na França e nos países ocidentais, sob a ótica da concepção do indivíduo. A família, portanto, toma para si a função de consolidar e constituir a subjetividade de seus membros. Nas palavras de De Singly (LVIII):

“(…) o indivíduo precisa assim, para tornar-se ele mesmo, do olhar das pessoas a que ele atribui importância e sentido. Esses outros significativos são, freqüentemente, o cônjuge ou o parceiro para um homem ou uma mulher, os pais para os filhos (e reciprocamente), ainda que outros próximos possam preencher tal função.” (p. 14).

Dessa forma, para De Singly, a família é “relacional e individualista” (LVIII): relacional porque é pela lógica primeira do amor e do sentimento que ela se constitui e individualista porque possui a função de constituir subjetividades. E é na tensão desses dois pólos que famílias contemporâneas se unem e se separam.

Em se tratando de famílias contemporâneas, Fonseca (LVIX) questiona as abordagens evolucionistas de família, que a tratam como se estas tivessem sido uma “boa família” até então e tornou-se desagregada na atualidade: casamentos se desfazendo, muitos adultos solteiros, etc. Ela denuncia como o ideal de família corresponde, na maior parte das vezes, ao de família conjugal. E nem sempre esse é o modelo de família encontrado na realidade. Ela questiona inclusive o modelo de família patriarcal desenvolvido por Freyre, que é proveniente de um contexto muito delimitado (região açucareira do período colonial) e foi apropriado pela elite. Em suas palavras:

“Em certas circunstâncias (cidades de Minas Gerais e São Paulo no início do século XIX), a família chefiada por uma mulher, o suposto protótipo da família desagregada, chegava a ser tão comum quanto à família conjugal (...). Ao todo, a família patriarcal extensa não parece ter sido muito mais comum no passado do que hoje; assim como as famílias nucleares e as mulheres chefes de família não são nenhuma invenção da modernidade.” (LVIX, p. 71).

Desta forma, Fonseca²⁷ vai desconstruindo os mitos em torno da família, principalmente em sua perspectiva evolucionista. No caso da adoção internacional, tema estudado pela autora em um de seus artigos, a família é revista e atualizada em seu significado biológico. Nas palavras da autora:

“No processo, vem à tona uma forma de filiação *que não envolve laços biológicos*, obrigando não somente pesquisadores, mas também leigos a trabalharem com novas definições da ‘família’ que dão conta dessa realidade”.

Não obstante comportamentos que diariamente reafirmam o caráter social da identidade familiar, o senso comum não se

²⁷ Especialmente neste texto, Fonseca exacerba sua tendência marxista e polariza o ideário de família, relacionando-a à classe média e à classe trabalhadora. Esta é uma observação pertinente porque contextualiza seus apontamentos. É sobre uma dada perspectiva que partem suas críticas.

desprende facilmente da biologia como eixo fundamental da família” (LX, p. 206).

Sendo assim, o caso da prova de filiação feita através do exame de DNA é um reforço da ciência aos casos de parentalidade consangüínea ao mesmo tempo em que coexistem as práticas de adoção, ou seja, da importância de quem cria o rebento. Independente dessa discussão, o que a autora nos provoca enquanto leitores é que, hoje em dia, “a noção de família se estende a uma variedade cada vez maior de relações socialmente criadas” (p. 208), princípio fundamental para esta pesquisa, que será apresentado posteriormente.

Em Strathern (LXI), a posição de Fonseca é reafirmada sobre outro prisma: o de mulheres que procuram clínicas de fertilização para terem filhos sem o intercuro sexual, caso de espanto e midiaticização na época. Analisando esse fato pela perspectiva feminista, Strathern desnatura as concepções de reprodução e filiações pelo intercuro sexual e desafia a tríade pai, mãe e filho como concepção de família.

Coutinho (LXII) apresenta as mudanças ocorridas na família brasileira desde a família patriarcal até a incorporação da família nuclear burguesa, com a modernização brasileira, a partir dos anos 1950. Nessas mudanças, o indivíduo e suas escolhas começam a ter mais centralidade na organização familiar, ao mesmo tempo em que há menos apoio nestes percursos. Para a autora, as relações de autoridade entre pais e filhos, bem como as posições de homens e mulheres modificaram-se, dando lugar a relações mais dialógicas e igualitárias, com valorização maior da subjetividade e da vida particular de seus membros, que não é necessariamente de propriedade familiar. Mas a autora também aponta que o mesmo processo de mudanças em classes médias não necessariamente acontece no plano de classes mais pobres. Parece que, na verdade, se convive com diversas configurações familiares. Nas palavras de Coutinho (LXII):

“Assim, qualquer estudo que tenha seu foco voltado para a família deve levar em conta tanto o plano das práticas sociais efetivas, quanto o plano das construções discursivas e ideológicas, com suas representações e valores” (p. 96).

Para Coutinho, família não é definida somente por laços de consangüinidade ou dependência, mas como uma unidade, com indivíduos de perfis diferentes (sexo, idade...) que estabelecem entre si um vínculo permeado pelo jogo de poder, que se concretiza na distribuição dos direitos e deveres de cada um dos membros. A família

deve ser, portanto, apreendida não só pelo seu aspecto econômico, ideológico, reprodutivo ou social, mas também por suas contradições internas (LXII).

Portanto, percebe-se que estão presentes nessas bibliografias apresentadas alguns signos que remontam à concepção de família tais como: consangüinidade, linhagem (a nomenclatura), descendência/ascendência, coabitação e alianças/conjugalidade. Ratificando este ideário, a origem da palavra latina “família”, que remonta de Roma, deriva de “(...) *famulus* (servidor)” (LXIII, p. 13), utilizada para designar o conjunto de escravos e servidores que dormiam sobre o mesmo teto. Posteriormente, passou a designar tanto *casa* (indivíduos convivendo no mesmo teto); *gens* (descendentes do mesmo antepassado); *agnati* (parentes paternos); *cognati* (os parentes maternos), estendendo-se ao conjunto dos consangüíneos (LXIII).

Dessa forma, a família volta a ter um status de novidade já que elementos inovadores inseriram-se no seio familiar, fazendo reconsiderar as suas antigas posições. A concepção de parentesco é revista em face das novas tecnologias de inseminação artificial, do ventre de aluguel e dos aspectos legais da adoção. Nem sempre a conjugalidade passa a ter o status central de referência familiar. A reprodução não necessariamente acontece na família nuclear clássica. Nesses novos desafios impostos a esta, conjecturas se fazem mobilizadas por correntes teóricas e políticas que consideram que a família se fragmentou, que os laços familiares se desfizeram e isto é a causa das problemáticas sociais que encontramos. Por outro lado, se considerarmos esta mesma família a partir de sua multiplicidade, não a concebemos como fragmentada, mas sim multifacetada. Como nos aponta Peixoto, Heilborn & Barros (LXIV): “Muito se discute sobre a ‘crise’ da família, conseqüência da baixa taxa de fecundidade, do aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, da crescente proporção da população de mais de 60 anos, mas, também, do declínio da instituição do casamento e da espraiada aceitação do divórcio. De fato, o que observamos não foi exatamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares (...)” (pág. 9). Talvez sendo mais precisa, a inclusão da diversidade como elemento fundante de família. Ou seja, esta diversidade encontrada na busca por definição de família reflete a sua própria indefinição constituidora atual: “A família brasileira tem mostrado grande diversidade na sua composição e nas formas de sociabilidade que vigoram em seu interior, sendo incontestável que a necessidade de conciliar os projetos individuais com os projetos coletivos permeia toda vida doméstica, estando as reações e os modos de agir em relação à adolescente grávida vinculados à inserção social e ao ambiente cultural.” (XXXI, p. 73). Apesar de não podermos desconsiderar as imputações do Estado e da

legalidade como incisivas instâncias de denominação de família, percebe-se que a prática escapa e promove tensões e negociações da cultura com relação ao conceito de família.

Entretanto, vale neste momento salientar que não se trata de uma completa anarquia conceitual. Os estudos apresentados acerca de família nos remontam a signos que indicam a base a ser esboçada neste terreno movediço da definição de família, que poderiam, como diz Abreu Filho (LXV), serem utilizados como categorias analíticas, signos representacionais. Nesta pesquisa, foram identificados os seguintes: consangüinidade, linhagem (a nominação), descendência/ascendência, coabitação, alianças/conjugalidade e as funções e papéis familiares. Somando-se a isto, Prado (L), numa perspectiva compiladora, apresenta alguns outros caminhos de designações familiares, com o olhar para suas funções constituidoras, tais como: a função de ser, o espaço de reprodução e cuidado de filhos e idosos; a função de identificação social (o nome de família); de espaço primeiro de socialização dos membros e de suporte econômico. Ainda segundo este, as teorias sobre família remontam às discussões clássicas e complexas entre matriarcado e patriarcado, entre família nuclear e extensa, entre a tradicional e as diversas composições modernas, que podem também indicar alguns caminhos de análise para esta pesquisa.

Neste painel, a família de diferentes perspectivas foi abordada. Alguns signos se tornam presentes e estes que serão utilizados na análise dos resultados dessa pesquisa, tema dos capítulos posteriores.

"AGORA É QUE SÃO ELAS...": A PESQUISA DE CAMPO.

Trajetórias Metodológicas

Foi montado um plano de investigação que equacionou os interesses de compreensão do objeto de estudo da pesquisa com os limites de tempo e de condições para a realização desta. Nessas escolhas metodológicas, foram consideradas a natureza das indagações do estudo, as contribuições do orientador e as recomendações teóricas adquiridas durante o período de preparo ao campo. Os dados foram basicamente coletados por entrevistas, instrumento fundamental desta pesquisa. Minayo (LXVI) considera a entrevista como “conversas com finalidade” (p. 261). Deve-se entendê-la como interação, numa relação constantemente negociada entre os participantes, que se posicionam a partir da prática discursiva (LXVII).

Com base no instrumento de pesquisa utilizado por Heilborn (XXII) na Pesquisa GRAVAD e a partir das orientações de Babbie (LXVIII), foi estruturado um roteiro de entrevista, do tipo semi-estruturado, com foco na caracterização do perfil destas mães, em alguns aspectos da primeira gravidez na adolescência e na investigação se, com esta, houve mudança ou não nas concepções sobre família destas mulheres.

Objetivos:

Objetivo geral: Investigar as trajetórias familiares e concepções sobre família em mulheres entre 19 e 24 anos que foram mães na adolescência (período compreendido entre 12 e 18 anos), que levaram a concepção a termo, atendidas no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF), localizado na Fundação Oswaldo Cruz, no período compreendido entre novembro e dezembro de 2007.

Objetivos específicos:

1) Identificar a ocorrência de mudança nas funções familiares (de suporte financeiro, emocional, educacional, social...) a partir da gestação e as respectivas negociações nos cuidados do recém-nato até o período atual.

2) Investigar quais os modelos familiares formados a partir desta gravidez na adolescência até o momento atual, contrastando o recorte co-habitacional com o afetivo/representacional, que pode envolver as relações de vizinhança e a rede social destas mulheres.

Desenho da investigação

A proposta inicial desta pesquisa consistia basicamente em coletar dados através de entrevistas semi-estruturadas com 10 a 30 mulheres que fossem mães na adolescência (na faixa de 12 a 18 anos de idade), que atualmente estariam na faixa etária de 18 a 24 anos e que estivessem sendo atendidas no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria entre junho e agosto de 2007. Estabelecer o número ideal para essa amostra consistiu em um grande desafio na medida em que os números que havíamos tido conhecimento era somente o de consultas realizadas no mesmo período no ano anterior, obtidos nos primeiros contatos com o Centro de Saúde²⁸. Não havia uma referência nessas estatísticas quais desses atendimentos eram mulheres e, dentre esses, quais foram de mães adolescentes. Portanto, por ser uma pesquisa qualitativa, optou-se por dois critérios: pelo esgotamento e repetição do conteúdo das entrevistas e pelo universo de consultas na Pediatria (51 consultas em novembro) e atendimentos do PSF local (que, no mês de novembro, foram 591 atendimentos) no mesmo período, em 2006. Estas mulheres seriam selecionadas através das consultas realizadas com os pediatras e a partir dos atendimentos dos profissionais do Programa de Saúde da Família (PSF). De acordo com o cronograma proposto, a entrada no campo deveria ser iniciada em junho, sendo finalizada em agosto de 2007.

Etapas da investigação

Após a qualificação do projeto de pesquisa no final de março e a aprovação do comitê de ética em pesquisa da ENSP em 9 de maio de 2007, foi iniciado o preparo para pesquisa de campo, que consistiu em leituras metodológicas sobre entrevistas, reorganização das questões do roteiro de entrevista, ambientação com o campo, bem como treinamento em entrevista e realização do piloto no campo. Algumas dessas etapas serão descritas abaixo.

²⁸ Estes contatos iniciais foram para apresentar o projeto de estudo à direção e obter a autorização para a pesquisa antes do período de qualificação deste projeto de pesquisa.

- Reestruturação do roteiro

O roteiro original de entrevista possuía questões abertas, mescladas com questões fechadas. No intuito de ficar mais coerentemente estruturado, foram feitas certas modificações nas quais o instrumento foi dividido em uma parte com itens mais objetivos e uma outra parte com itens mais exploratórios (anexo 2). Com o desenho desse instrumento sendo modificado, o plano de pesquisa de campo também se modificou. Foram feitas 33 entrevistas²⁹, sendo que somente 10 em profundidade, ou seja, com as questões mais abertas, que foram gravadas e transcritas (anexo 3). Em todas as entrevistas foi feita a parte objetiva, porém somente com 10 destas que foi feito o aprofundamento de questões já tratadas na parte objetiva, no intuito de aumentar a compreensão sobre o público estudado. A seleção destas 10 foi feita aleatoriamente, pelo seguinte critério: a cada três entrevistas, a quarta era selecionada para fazer a segunda parte. Nem sempre este critério foi seguido, pois havia mães que tinham pressa, iam ser atendidas ou pelo próprio esquecimento da entrevistadora. Nesse caso, sempre na seguinte era feita a entrevista, acertando a seleção.

- Preparação para o campo

Após as leituras relacionadas às condições e cuidados para realização de entrevistas e a reorganização do próprio roteiro, foram feitas 3 entrevistas de treinamento e a avaliação destas. Paralelamente, foram feitas três visitas de observação do campo e relatório destas vistas.

Nestas, foram revistas algumas perguntas do roteiro e foram sendo avaliadas as estratégias de campo que foram feitas no desenho inicial do estudo.

A primeira modificação feita foi com relação à seleção dessas mães pelas consultas. Isto se tornou pouco viável porque dentre as mulheres que esperavam para o atendimento na pediatria, não seria possível esperar a consulta para depois entrevistá-las, em vista de que muitas esperavam durante muito tempo para serem atendidas e logo que saíam, tinham pressa em ir embora. Além disso, observou-se que manter-se só na pediatria seria pouco produtivo, já que a proposta seria investigar estas mães atendidas no Centro de Saúde já referido. Somado a isso, os atendimentos do PSF não eram claramente diferenciados de uma consulta comum, para um observador na sala de espera, externo ao serviço. Ou seja, não havia um lugar que separasse os que seriam

²⁹ Uma dessas teve que ser abandonada por definição da amostra. A mãe tinha 19 anos e estava com cerca de 8 meses de gravidez, uma gestação que começou quando ela tinha 18 anos. Esse foi um caso que foi descartado porque o evento estava muito próximo e a criança ainda não tinha nascido o que não correspondia à definição operacional para as mulheres elegíveis para a amostra.

atendidos pelo PSF e os que seriam por uma consulta comum. Outra observação feita é que havia também mulheres elegíveis para a pesquisa em outros setores, como o Programa de Saúde da Mulher e a sala de vacinação.

Para solucionar esses impasses, optou-se por abordar todas as mulheres na sala de espera antes da consulta, tanto da pediatria, quanto do Programa de Saúde Mulher e da sala de vacinação, sendo estes os locais onde mais havia possibilidade de encontrar a amostra desejada.

As observações de campo e o piloto auxiliaram também na escolha dos ambientes propícios para as entrevistas, no intuito de equacionar a preocupação das mães de não perder a consulta com a confidencialidade da entrevista. Portanto, buscou-se possíveis locais que fossem mais afastados das outras pessoas, mas que ela pudesse estar próxima à sala de espera.

- O Centro de Saúde...

O Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF), inaugurado em 1967, é uma unidade da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Seus principais objetivos pautam-se no tripé: assistência, pesquisa e ensino na área de saúde pública (LXVIX e LXX). Nas palavras de Reis (LXVIX), “(...) tem como principais objetivos prestar assistência multidisciplinar, prioritariamente à população moradora do Complexo de Manguinhos, no município do Rio de Janeiro; realizar atividades de educação, prevenção e promoção da saúde; e desenvolver tecnologia, pesquisa e ensino na área da saúde pública.” (p. 111).

Com a parceria estabelecida pela ENSP com a Associação Canadense de Saúde Pública (CPHA) e com a Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO) para transferência de tecnologia em promoção da saúde entre Brasil e Canadá, originou-se o Projeto Promoção da Saúde em Ação que, das várias experiências fomentadas, surgiu a proposta de reorientação do CSEGSF. Essa reorientação primou pela participação ativa dos usuários nas diretrizes do serviço, buscando-se um atendimento de qualidade, no qual o paciente seja visto como cidadão e no qual haja o comprometimento do profissional com a equipe e com o próprio CSEGSF. As principais estratégias utilizadas foram: a criação de um Conselho Gestor paritário entre instituição e usuários, elaboração de protocolos de atendimento acrescentando ações de promoção da saúde, a coordenação do Grupo de Trabalho para Saúde no Programa Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS) feita pela chefia do CSEGSF e

a implantação da Estratégia de Saúde da Família (ESF). As principais ações incluem, além do ESF, o Projeto Escolas Promotoras de Saúde, Núcleo de Prevenção e Controle de DST/AIDS, Núcleo de Práticas Naturais em Saúde, Centro colaborador de Alimentação e Nutrição, Programa de Atenção ao Idoso e o Projeto Espaço Coletivo para um Centro de Saúde do Cidadão (LXVIX).

A infra-estrutura do CSEGSF conta com 15 consultórios, três salas para grupos e serviços complementares como o sistema de vigilância epidemiológica com visita domiciliar, objetivando a assistência multidisciplinar, individual e coletiva. A reorientação dos atendimentos é constituída de demanda organizada, em que há a consulta agendada, marcada em intervalos de até três horas e a demanda espontânea, organizada em triagem multidisciplinar (LXX). Nas palavras de Reis e Vianna (LXX):

“Comparado com muitos postos, o atendimento é diferenciado, voltado aos grupos por ciclos de vida, favorecendo prestar orientação a toda à demanda. Pergunta-se, semanalmente, aos usuários da Triagem, se preferem a organização do atendimento por grupos de ciclos de vida ou pela ordem de chegada, sendo unânime a aprovação pelo primeiro. Isto contribui para uma relação mais saudável entre o profissional e seu trabalho, um maior acolhimento à população, humanizando mais a equipe e a clientela. O enfoque passa a estar centrado no indivíduo como cidadão, com direito a saúde, e no coletivo como uma oportunidade para educação em saúde e estímulo à promoção da saúde e a cidadania.” (LXX, p. 697).

No período em que a pesquisa de campo se efetivou, o Centro de Saúde havia passado por reformas há alguns meses atrás e a principal modificação visível para um observador externo eram os espaços de espera para os atendimentos, que estavam mais arborizados, pintados com cores claras, com mais locais para sentar e com banheiros reformados. Na sala de espera da pediatria, havia uma televisão que passava programas populares. De forma geral, a estrutura física do Centro de Saúde tem Blocos com salas de atendimento de diversas especialidades e entre esses blocos existe uma cadeira e uma mesa com a área circunscrita do PSF que atende. Nestas, havia sempre uma Agente Comunitária de Saúde no início da manhã, atendendo e auxiliando os pacientes daquela área.

- A pesquisa de campo

Devido a toda essa preparação e algumas outras intercorrências durante essa fase de pré-campo, as entrevistas começaram no dia 05 de novembro de 2007 e se estenderam até 10 de dezembro de 2007. Foram feitas 33 entrevistas (mas somente 32 válidas e havendo uma recusa) em turnos diferentes, alternando-se os setores do serviço entre a sala de espera do Programa de Saúde da Mulher, a sala de espera da pediatria e a sala de vacinação.

Durante a pesquisa de campo no turno da manhã, chegava-se por volta de 9 horas, quando o serviço já estava cheio e terminava por volta de 11h30min. Na parte da tarde, iniciava-se às 12h00min e terminava-se por volta das 15h00min. Foi estabelecido que fossem feitas de três a quatro entrevistas por turno e se já tivesse ido pela manhã, não iria à tarde. Além disso, a pesquisa de campo se restringia há três dias por semana. Essa estratégia proporcionou maior variabilidade na amostra.

Ao chegar a campo, priorizava-se um setor. Todavia, caso não houvesse mulheres elegíveis pra pesquisa naquele setor, buscava-se em outros. O serviço de vacina teve prioridade secundária porque as mães não esperavam muito tempo para que seus filhos fossem atendidos (o que dificultava a entrevista) e, portanto, não se concentravam muitas mulheres na sala de espera.

No geral, as mulheres aceitavam participar da entrevista, sendo que muitas delas estavam com o filho e eles as dispersavam muitas vezes. A duração das entrevistas foi em média de 10 a 15 minutos e a colaboração, em níveis diferentes, foi muito boa. Uma das entrevistadas entrou para consulta no meio da entrevista e depois, devido a um evento no Centro de Saúde, não foi encontrada. Esta entrevista foi terminada por telefone e sem ter sido feita a segunda parte do roteiro.

Os materiais utilizados foram canetas, lápis, borracha, prancheta, roteiros de entrevistas, termos de consentimento livre e esclarecido e gravador de MP3. Para codificar os dados da parte objetiva, foi utilizado o *SPSS versão 11.0*.

Considerações éticas

Esta pesquisa antes de ser iniciada, passou por uma banca de qualificação em 29 de março de 2007 e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, tendo sido apreciado em 9 de maio de 2007 e recebido parecer favorável em 21 de maio de 2007 (Parecer N° 50/07).

No intuito de preservar o cunho ético desta pesquisa, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, foi anexado ao roteiro de entrevista o termo de

consentimento livre e esclarecido destinado aos sujeitos de pesquisa que, nesta proposta, seriam as mulheres que foram mães na adolescência atendidas no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, selecionadas a partir da sala de espera das consultas com os pediatras, no Programa de Saúde da Mulher e na sala de vacinação.

Com este formato, o estudo foi realizado, respaldado no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria, que possui uma coordenação de pesquisa, na qual qualquer projeto desenvolvido no local deve ter sua aprovação. Isto possibilitou maior respaldo ético e zelo ao selecionar as mães que iriam ser entrevistadas. Além disto, o compromisso estabelecido foi o de ser feito qualquer esclarecimento aos voluntários sobre a pesquisa antes, durante e depois da assinatura do termo de consentimento, que foi assinado de forma individualizada por cada entrevistado, o qual teve uma cópia deste termo com o nome da pesquisadora e diversos meios para localizá-la.

Buscou-se também preservar a autonomia dos sujeitos de pesquisa, deixando explícito que, a qualquer momento da pesquisa, eles poderiam recusar-se a participar e que isto não acarretaria nenhum dano moral ou prejuízo na relação com a pesquisadora, nem com a instituição que a subsidia. Na pesquisa de campo, houve uma recusa que foi respeitada. O método que foi utilizado para a coleta de dados também está explícito no termo de consentimento livre e esclarecido.

A confidencialidade e o sigilo quanto à identificação direta ou indireta do entrevistado foi preservada, utilizando-se para isso alguns meios tais como: o uso somente do 1º nome do entrevistado, a não coleta de dados como nome completo, endereço, etc.

Devido ao fato de tratar-se de uma pesquisa subsidiada por uma instituição pública, a postura ética impeliu a pesquisadora de comprometer-se a dar um retorno à sociedade acerca das conclusões de sua pesquisa, através de publicação de artigos, participação em Seminários, Congressos, etc., de modo que possa contribuir com reflexões que acarretem em melhorias para a sociedade, principalmente no que tange ao campo da Saúde.

Foram realizadas 33 entrevistas, sendo que uma delas foi descartada por não se enquadrar na definição operacional do público estudado³⁰. Houve somente uma recusa. Os dados objetivos foram codificados no *software SPSS versão 11* e as entrevistas em profundidade foram transcritas na íntegra. A apresentação dos resultados da parte objetiva será feita em três blocos: Descrição da família e do perfil sócio-econômico, Perfil reprodutivo e as Representações de família. Logo depois, serão apresentadas as entrevistas em profundidade.

Unidade objetiva

Bloco I: Descrição da família e do perfil sócio-econômico

No que diz respeito aos setores do Centro de Saúde onde essas mulheres foram entrevistadas, houve um equilíbrio entre o setor de Pediatria (40,6%) e o do Programa de Saúde da Mulher (43,8%), sendo o serviço de Vacina (15%) o local onde foram feitas o menor número de entrevistas, devido às justificativas apontadas acima. 78,1% das entrevistadas estão na faixa etária de 19 a 22 anos, sendo que o maior número de entrevistadas tinha a idade de 19 anos (anexo 1 – tabela 1).

Com relação ao estado civil, 31,3% se declaram solteiras, 15,6% afirmaram estar casadas e a grande maioria dessas mães (53,1%) declarou estar morando junto com um parceiro.

Sobre a escolaridade dessas mães, percebe-se, curiosamente, que a maior parte destas entrevistadas tem o ensino médio (ainda que incompleto). Como a grande maioria parou de estudar após a gravidez, isto significa que elas tiveram filhos na fase de adolescência tardia (entre 16 e 18 anos). Isto relativiza a literatura vigente, pelo menos no que diz respeito a esta amostra, pois a discussão se apresenta com a afirmativa de que a escolaridade para estas mães tende a ser muito baixa. Todavia, vale ressaltar que nenhuma delas está estudando atualmente, o que corrobora os estudos sobre

³⁰ Mulher com 19 anos, tendo engravidado com 18 anos e na época da entrevista estava com 8 meses e meio. Dessa forma, como a definição previa uma concepção levada a termo, não seria possível a certeza dessa gestação à termo. Além disso, a janela temporal era de um período muito curto para investigar as mudanças familiares e as suas representações, sendo bem diverso das características do público estudado.

maternidade adolescente ao afirmar que este evento aumenta a probabilidade de interrupção da escolaridade (Anexo 1 – tabela 2 e 3).

Antes da 1ª gravidez, quase a totalidade dessas mulheres tinha alguma ocupação. Estudavam somente (50%) ou trabalhavam e estudavam (37,5%), sendo somente 1 entrevistada que só cuidava da casa. Mesmo as que já moravam com companheiro antes da primeira gestação, mantinham algum tipo de atividade, o que não se perpetuou com o nascimento do primeiro filho.

Atualmente, a maior parte delas (68,8%) não trabalha e, como nenhuma delas estuda, entende-se que a ocupação principal dessas mulheres é de ser mãe e esposa (quando esta possui companheiro). No discurso dessas mulheres, permanece certa ambigüidade, onde algumas apontam que perderam a fase de estudo e outras ainda vislumbram a possibilidade de voltar a estudar e/ou trabalhar.

Em se tratando de fontes de renda, 81% não têm nenhum tipo de auxílio como pensão, aposentadoria, ‘biscate’ ou bolsa família e, com cerca de 20 entrevistadas, o provedor principal é o companheiro. Essas famílias vivem, na maior parte, com cerca de 1 – 3 salários mínimos (81,3%), sendo que 18,8% das mulheres entrevistadas vivem com > 1 salário mínimo e somente 12,5% recebe ajuda externa de alguém de fora da família nuclear.

Na seqüência, foi demandada das entrevistadas uma avaliação sobre as condições de vida e de sua família em relação à educação, saúde, habitação e saneamento, segurança pública, lazer, alimentação, vestuário, emprego e transporte. No geral, a avaliação tende a ser positiva na maioria dos casos. Na área de Educação, por exemplo, 19 das 32 entrevistadas consideraram como “bom” o seu nível de escolaridade e de sua família (lembrando que a maior parte delas chegou ao ensino médio). Da mesma forma verificamos no item Alimentação (65,6%), Vestuário (53,1%) e Emprego (53,1%). No que tange à Saúde e ao acesso aos serviços de saúde, 46,9% avaliaram como boa e 31,6% avaliou como regular. O Transporte foi considerado por 37,5% e por 34,4% das mulheres entrevistadas como “bom” e “regular”, respectivamente. Já a Segurança Pública, foi considerada “ruim” (34,4%) pela maioria e ficaram empatados em 25% quem a considera “ruim” e “muito ruim”. Da mesma forma, o Lazer também foi mal avaliado, com 34,4% das entrevistadas considerando-o “ruim”.

Na parte de Habitação e Saneamento, 40% das entrevistadas considerou “bom” este aspecto. A maioria tem três a quatro cômodos em casa e em 81,3% a moradia é própria, em 15,6% é alugada e com 1 entrevistada a moradia é emprestada. Isso é um

dado importante, na medida em que a maior parte das mulheres tem sua casa própria, que significa certa estabilidade domiciliar pra essas mulheres, mães na adolescência.

Ao nos referirmos aos dados relacionados à organização familiar antes e depois da gravidez, no que tange à moradia antes da 1ª gravidez, podem-se fazer algumas constatações interessantes. É surpreendente perceber que as entrevistadas, em sua maioria, já moravam com o companheiro antes da primeira gravidez. Em segundo lugar moravam com os pais ou com mãe apenas. Já depois da gravidez, a maioria esmagadora vai morar com o companheiro (Anexo 1 – tabelas 4 e 5).

Das entrevistadas, 84% conhecem o pai delas, sendo que destas, 40% o pai teve seu primeiro filho com 25 anos ou mais e 35% teve entre 15 e 19 anos. Em 27 entrevistadas, 77,8% dos pais tiveram seu primeiro filho com sua própria mãe. Por outro lado, do total de entrevistas, todas conhecem a mãe e a maior parte das mães dessas mulheres teve filho entre 15 – 19 anos de idade (61,3%), 22,6% entre 20 – 24 anos e somente 3,2% entre 10 - 14 anos. 66,5% foram com o pai das entrevistadas. Em média 54,5% desses pais não vivem juntos e 45,5% das respostas válidas ainda vivem juntos. Percebe-se, que desta amostra, os pais ou foram muito novos (adolescentes) ou são muito mais velhos quando foram pais pela primeira vez. Já as mães foram, na maioria, mães adolescentes. É interessante observar o padrão de repetição que ocorre nessas famílias. Ressalta-se, entretanto que não se pode fazer grandes inferências sobre essa observação, em vista da amostra ser muito pequena e não ter sido encontrado estudos que tratem sobre estas questões.

Os pais e a mães das entrevistadas tem de 1 a 3 filhos juntos e os que se mantêm juntos criam, em média, 3 filhos e os que se mantêm separados não criam nenhum. Dos que se separaram quase 70% das respostas válidas o pai vive ou casou com outra pessoa. E metade tem filho com madrasta. Já no que tange as mães, 73% vive com outra pessoa e 75% tem filhos.

Bloco II: Perfil reprodutivo

Como pode ser observado no quadro abaixo, a maioria das mulheres entrevistadas (56,3%) teve a sua primeira relação sexual entre 15 e 19 anos de idade. Nessa faixa etária também foi encontrada a maior frequência com relação à idade do companheiro (50%), seguida da faixa etária de homens mais velhos (entre 20 e 24 anos – 37,5%) (Anexo 1 – tabela 6 e 7).

A maior parte dessas primeiras experiências sexuais (78,1%) aconteceu numa relação de namoro. Porém, o tempo deste varia entre 1 mês e 1 ano. Nesse caso, é

interessante contrapor esses achados ao que comumente se associa ao ideário da primeira relação sexual de uma adolescente. Muitas das vezes, pela visão de que o adolescente é irresponsável, inconseqüente, etc., divulga-se a idéia de que sua primeira experiência sexual seria numa relação casual, com um “ficante”. Pelo que foi coletado nesses dados, podemos inferir outras hipóteses. Essas entrevistadas afirmaram estar em uma relação de maior estabilidade na primeira relação sexual, comparada aos encontros casuais de uma noite. Entretanto, a variabilidade dessa relação dita “de namoro” deve ser levada em consideração. Nesta pesquisa, “tempo” foi uma das variáveis que demonstrou essa diversidade, o que também foi percebido em estudos com amostras maiores (XXII). Pode-se também imaginar que essas mulheres poderiam ter dificuldade/vergonha de assumir, num âmbito de uma entrevista, que tiveram sua primeira relação sexual num encontro casual, já que esta constitui uma das primeiras perguntas de cunho mais íntimo do questionário, sendo mais aceitável declarar que foi numa relação de namoro, justificando-se o tempo curto (Anexo 1 – tabela 7).

No que diz respeito aos métodos contraceptivos, 75% das mulheres afirmaram conhecer alguns deles na primeira relação sexual e 59,4% usou. Esse percentual de uso aumentou nas relações subseqüentes, que dá margem a pensar que a primeira vez não é muito planejada, mas essas mulheres tendem a se prevenir nas relações posteriores, sendo que faltou investigar se foi adequado o uso desses métodos.

A maioria das mulheres atualmente (53,1%) tem 2 filhos e 25% delas somente 1. Das que tem mais de um filho, mais da metade (54,2%) é do mesmo pai.

Do mesmo modo, a maior parte das entrevistadas teve filhos entre 16 e 19 anos (59,4%) e o pai de seu filho, na época, tinha entre 15 e 24 anos. Neste ponto, pode-se fazer uma comparação com os dados dos pais dessas mulheres. Percebe-se, curiosamente, a mesma tendência no que tange ao perfil reprodutivo: as mães dessas mulheres também tiveram o primeiro filho na adolescência e os homens ou foram pais na mesma faixa etária que elas (entre 15 e 19 anos) ou um pouco mais velhos (entre 20 e 24 anos). A partir dessas semelhanças, percebe-se a necessidade de haverem estudos geracionais sobre este tema, que talvez elucidasse algumas importantes lacunas que ainda persistem neste fenômeno (Anexo 1 – tabela 8, 9 e 10).

Durante o período em que engravidaram, 87,5% não estavam se prevenindo. Um porque queriam engravidar e outras tantas porque não haviam pensado no assunto, ou seja, assumiam um comportamento de risco. Neste ponto, não pode ser ignorado que muitas das mulheres entrevistadas afirmaram já estar morando com o companheiro quando engravidaram. Daí se depreende o desejo de engravidar, expresso

por algumas. Outras não estavam nessa condição, mas também estavam tentando engravidar. Não se pode afirmar se era uma forma de manter a relação com o namorado, se era realmente uma realização pessoal ou algo parecido, pois os dados coletados não permitem inferir tais conclusões (Anexo 1 – tabela 11).

Bloco III: Representações de família

Neste bloco, foram apresentadas frases corriqueiras do dia-a-dia sobre família, pai, mãe e parentes para as entrevistadas e elas respondiam se concordavam, discordavam ou não tinham opinião sobre o assunto. Nessas frases, pode-se extrair o significado de família sobre vários símbolos: família e os laços biológicos (como a frase “mãe é aquela que carrega nove meses na barriga”), família e laços afetivos, paternidade e maternidade como cuidado (“pai e mãe é quem cuida”), paternidade e maternidade como sobrenome/registro (“pai só dá o nome”), paternidade enquanto provedor (“pai é quem sustenta”), etc. É importante salientar neste momento que estas afirmativas não são excludentes entre si e foram pensadas como tal na elaboração do roteiro. Isso é fundamental de ser observado porque o que será atentado aqui é o peso que alguns desses signos têm para a concepção de família para as entrevistadas, sempre procurando realizar comparações entre eles. Portanto, parte-se do pressuposto que todos estes signos têm correlação com a idéia de família, pois foram retirados do cotidiano. Mas o que se objetivou investigar é o quão importante estes seriam para a significação familiar para este público, mulheres, mães adolescentes, que foram atendidas no Centro de Saúde supracitado.

Dos dados coletados, algumas constatações interessantes podem ser apreendidas. A maioria das entrevistadas (87,5%) associa família à afeto, afetividade. Na afirmativa “Família é aquela que dá carinho”, as mulheres que participaram da pesquisa tendem a entender família como um locus de apoio emocional, sendo um componente importante de sua definição.

No que diz respeito ao signo do “nome” como representante de paternidade e maternidade, o peso é bem menor em relação a outros signos. Pai e mãe não são só as figuras que dão o nome, são papéis que exigem mais outros elementos para serem incorporados. A discordância da afirmativa de que “Mãe só dá o nome” é de 81,3%, enquanto que a do pai é de 56%, indicando que, para a mãe, é quase unanimidade que as mulheres discordem de que esta só é importante pelo nome que pode fornecer. Esse dado deve ser avaliado com cuidado porque duas interpretações sobre o signo “nome” elas podem fazer: uma delas é a importância do sobrenome, que é algo apontado por

Freyre nas famílias patriarcais, e a outra é a idéia de que essa afirmativa pode significar *quem* escolhe o nome da criança. Isso pode ter dado margem a essas diferenças. Todavia, o nome tende a ser mais importante, na medida em que esteja em jogo propriedade familiares e heranças, como visto em Freyre, em que os filhos bastardos, ao receberem o nome dos senhores de engenho, ganhavam um novo status social, embora de natureza dúbia (é o filho mas não é o legítimo).

No signo de hereditariedade, em comparação ao cuidado, essas mulheres tendem a dar mais valor à figura que cria do que quem gestou para ser considerada como mãe. Neste estudo, 62,5% concordam que mãe é aquela que carrega nove meses na barriga, mas 81,3% que o cuidado tem uma grande relevância na idéia de paternidade e maternidade.

Como provedor, o pai tem curiosamente um papel de destaque, onde 23 das 32 entrevistadas concordam que “pai é quem sustenta”. Este dado pode revelar (juntamente com os dados de que as mães, após a gravidez, deixaram de trabalhar e estudar), que os papéis de mães e pais são definidos ainda de forma tradicional nesses casos: pais como provedores e mães como donas de casa e cuidadoras, como classicamente Freyre apontou nos padrões das famílias patriarcais. Não se pode afirmar se estas representações são anteriores ao evento da gravidez ou que se constituiu após o acontecimento da gravidez, que modificou forma de compreensão do que é ser mãe e ser pai. Para reafirmar esses dados para 93,8% das mulheres entrevistadas, os filhos estão acima de qualquer coisa para uma mãe. Correlacionando com o fato de que estas mães ou estudavam ou trabalhavam/estudavam antes da gravidez, podemos supor que eram adolescentes que almejavam outras perspectivas antes da gravidez, além de serem mães, mas a maternidade trouxe outros caminhos. Ressalta-se que a diferença destas mulheres para as da família patriarcal é de que muitas delas vislumbram o retorno ao mercado de trabalho ou ao estudo, sendo a maternidade na adolescência somente um evento que adia esse projeto.

Quase unanimemente (90,6%) das mulheres entrevistadas consideram importante a família na vida delas, assim como a presença do pai e a presença da mãe (96,9% em ambos). A família é reafirmada como sendo a instituição de apoio principal (81,3%), denotando uma hierarquia na rede social destas, quando comparado a amigos (51,9%) e aos vizinhos (3%).

Investigando e comparando a família estendida (avós, irmãos, cunhados) com família nuclear, percebe-se que, quando ocorre a união com algum companheiro, este e a sua família são incorporados à sua de origem. Esta é uma constatação para todas as

mães entrevistadas (100%). Entretanto, avaliar qual dos núcleos (o casal e filhos, a família da mulher ou a do companheiro) se torna mais importante não foi possível de ser verificado nesta pesquisa. Nos dados, 71,9% considera que família é ela, marido e filhos, mas nas entrevistas qualitativas (que serão apresentadas abaixo), ao mesmo tempo em que a família nuclear é exaltada, a família de origem e, em outros momentos, a família do companheiro é privilegiada.

Cunhado é considerado parente em 53,1% dos dados, assim como irmãos não são só aqueles que foram criados com elas e também não só os que são de origem biológica, que sugere ser uma mistura dos dois signos. A avó também está presente e é considerada mãe (87,5% dos casos).

A família enquanto coabitação também é um signo importante para 87,5% das mães. Estas, ao final, consideram que família é uma instituição que permanece no tempo, são vínculos que se prolongam, ou seja, “família se carrega pra vida inteira” em 90,6% dos casos.

As entrevistas em profundidade...

Para realizar a tarefa de análise das 10 entrevistas em profundidade, será utilizado o embasamento teórico de Spink (LXXII), que se pauta na abordagem teórico-metodológica do estudo da produção de sentidos no cotidiano³¹ a partir da análise das práticas discursivas. Seu fundamento epistemológico é a perspectiva construcionista do campo da psicologia social, que tem como suas bases principais a sociologia do conhecimento, a filosofia e a política³².

A partir das entrevistas, o esforço de análise segue as orientações metodológicas da autora, nas quais os primeiros passos se dão no ato de impregnar-se com o material coletado, através da sua transcrição na íntegra e posterior leitura. A fase seguinte é a de construção de categorias, retiradas a partir da revisão bibliográfica e do conteúdo encontrado na própria interação com as entrevistadas, dos quais podem emergir novas categorias.

³¹ A expressão “Produção de sentidos no cotidiano” traz consigo raízes teóricas profundas que culminam no Construcionismo Social (que tem como autores privilegiados Rorty, Gergen e Ibañez). Nesta perspectiva, o sentido é uma “construção social” (p. 41), é produzido na interação e é próprio da vida em sociedade. Produzir sentido é estar no espaço da interação. Este campo de estudo volta-se para um saber produzido no cotidiano, que constrói e se reatualiza na prática social. Sendo assim, seus produtos são os valores, crenças, etc., que têm sua expressão na linguagem (nas suas diversas formas) e são resultado de uma conjunção complexa, que envolve, tempo passado (a história), a cultura e o dinamismo do presente em que é construído.

³² Para maior aprofundamento, ler (LXXII).

Nas etapas seguintes, Spink MJP e Lima H (LXXIII) sugerem a utilização de algumas técnicas para a explicitação do material coletado, como o mapa de associação de idéias, árvore de associações e linhas narrativas³³. Contudo, estas técnicas sugerem que a interpretação seja feita individualmente, em cada entrevista. Nos objetivos desta pesquisa, interessa-nos mais a comparação dos conteúdos das 10 entrevistas por categoria, portanto sendo dessa forma que será analisado este material. Abaixo veremos como isso se discorre.

Nome e família

O nome é um signo importante no conceito de família. A idéia de como foi escolhido o nome dá a noção de importância afetiva de quem escolheu, do projeto esperado com a escolha deste e, dependendo da família, pode ser signo de pertencimento e diferenciação de famílias. Nas entrevistas, em dois momentos principais apareceram explicitamente: no primeiro quando se pergunta os nomes dos pais biológicos e como foi escolhido o nome da entrevistada e também na reatualização dessa escolha na opção pelo nome do filho.

Nas entrevistas, o conteúdo mais freqüente foram as de mulheres que não sabem como foram escolhidos seus próprios nomes e nem fazem idéia de quem escolheu:

Ent.: E como foi escolhido seu nome, Gleice?

Gleice: Ah, isso eu não sei, nunca me disseram não.

Ent.: Nunca te explicaram não, né?

Gleice: Não.

Ent.: Como foi escolhido seu nome, você sabe assim, tem alguma idéia?

Ednéia: Não

Ent.: Nunca perguntou pros seus pais...

Ednéia: Não, nunca tive essa curiosidade.

Isso pode levar como hipótese de que as histórias de família são pouco relatadas geracionalmente, estas não sendo ancoradas em suas trajetórias de vida. Por outro lado, nas que apresentaram suas origens, a referência se dá à mãe ou avó, sem, contudo, saber como foi esse processo da escolha.

Qual o nome o seu pai biológico?

Lucilene: Não sei não.

Ent.: Não sabe, né? Qual o nome da sua mãe biológica?

³³ Para mais detalhes, ver (LXXIII).

Lucilene: Ana Lúcia
Ent.: Como foi escolhido o seu nome?
Lucilene: Minha mãe que escolheu.
Ent.: Ela te contou como ela escolheu...
Lucilene: Não.

Ent.: E como foi escolhido seu nome, você sabe Tatiana?
Tatiana: Pela minha avó.
Ent.: Tua avó gostava do nome, o que é?
Tatiana: Minha bisavó mandou ela colocar. Ela gostou do nome.
Ent.: E você sabe porque ela gostou do nome?
Tatiana: Não.

Quando se trata da escolha do nome do filho ou da filha, se o pai está presente, as honras são dadas, na maior parte das vezes, à ele, sofrendo certa negociação com as entrevistadas. Se ausentes, elas quem escolhem. Nas escolhas, são priorizados nomes que homenageiem alguém importante para família e na maior parte das vezes, parentes – como irmãos, tios, avós, etc.

Ent.: Como foi escolhido o nome do Eduardo?
Priscila: Foi o pai dele que escolheu.
Ent.: E sabe porque ele escolheu esse nome?
Priscila: É porque era do irmão dele e o irmão dele era muito apegado com ele. O irmão dele morreu aí resolveu botar o nome dele.

Papéis maternos e paternos

Ao serem indagadas sobre a infância, as figuras maternas e paternas foram invocadas pelas entrevistadas. Na maior parte das entrevistas, a infância foi marcada por violência doméstica, desabrigo, etc. Em sua maioria, a mãe está presente, porém o pai está ausente. Quando isso acontece, é o padrasto ou o avô ou até mesmo a própria mãe que fazem o papel de pai.

Ent.: E com você considera como sua mãe, sua mãe mesmo?
Tatiana: minha mãe.
Ent.: E quem você considera como seu pai mesmo?
Tatiana: Pai quando a gente mais precisa tem que estar do lado. Pai e mãe é tudo pra mim. Só minha mãe faz papel de pai e mãe.
Ent.: Ah, então sua mãe faz papel de pai e mãe?
Tatiana: Minha companheira, minha amiga pra tudo.
Ent.: Ah, então você considera sua mãe como seu pai e sua mãe?
Tatiana: Isso.

Ent.: E quem você realmente considera como sua mãe?

Lucilene: É, minha mãe mesmo.
Ent.: E como seu pai?
Lucilene: Meu padrasto, me criou desde os 5 anos de idade.
Ent.: E como era a convivência com seu padrasto?
Lucilene: Boa.
Ent.: Ele te tratava bem...
Lucilene: Tratava.

Estas observações sugerem que na maior parte das famílias de origem das entrevistadas, a figura de autoridade são mulheres, sejam elas a própria mãe ou até mesmo a avó, que muitas vezes auxilia no cuidado dos netos.

A representatividade de ser pai e ser mãe oscila entre a força dos laços sanguíneos e o cuidado na infância. Algumas entrevistadas, mesmo tendo passado dificuldades com o pai, por exemplo, no momento da entrevista, ele não foi substituído por outra figura.

Ent.: Quem você considera realmente como sua mãe?
Priscila: Olha, eu amo minha mãe, sou apaixonada. Mas é minha avó.
Ent.: Por que?
Priscila: Por um bom tempo, quando já tinha sete anos de idade, ela me pegou pra criar. Fiquei lá por três anos. Aí ela foi uma mãezona pra mim, a gente morava no rio. Pelo o que eu tenho de vivência hoje, se não fosse a minha avó... por isso eu considero a minha avó.

Ent.: O que você lembra de mais marcante na sua infância?
Priscila: Quando meu pai jogou minha mãe no rio.
Ent.: O quê?
Priscila: Quando meu pai jogou minha mãe no rio.
Ent.: Como foi isso pra você?
Priscila: Fiquei passada, né? Pensei que minha mãe estava morta, fiquei até com raiva do meu pai na época. Pessoa que bebe é assim mesmo.
Ent.: Ah, ele era alcoólatra...
Priscila: Agora ele melhorou. Parou, está na igreja agora.
(...)

Ent.: E quem você considera como seu pai?
Priscila: Meu pai mesmo. Não tem outro não. Aquele ali eu não troco.

A descoberta da gravidez na adolescência

O momento de descobrir-se grávida é algo que provoca reações diversas. Estar grávida na adolescência é um fato tensionador, mas não necessariamente triste, encarado como uma falência nos projetos de vida. Neste ponto, a novidade que aparece

nas entrevistas é que, em alguns casos, não só elas queriam, mas o casal queria ter um filho: seja porque já estão morando juntos, seja porque já estão num namoro firme.

Ent.: E como você descobriu que estava grávida do Marlon?

Mariana: Ah, eu descobri. Fiz exame.

Ent.: E ao saber da gravidez, como é que você reagiu?

Mariana: Ah, eu já estava? Eu tava tomando remédio pra engravidar.

Ent.: E como você descobriu que estava grávida da Lívia?

Vanessa: Eu já queria ter filho, né? Nós dois, né? Eu fiquei de repouso, porque sentia muitas dores nas costas. Aí a médica pediu exame de sangue (barulho), aí deu positivo o exame.

Ent.: E como é que sua família reagiu e a família dele reagiu?

Vanessa: A família dele gostou, mas a minha família (barulho), mais meu pai que falou, porque vocês não falaram que já queriam morar juntos? Vocês não precisavam engravidar, vocês são muito novos, muito jovens, vocês tinham que terminar os estudos (choro da criança e interrupção da entrevista para a consulta).

Ent.: E como é que você reagiu ao saber que estava grávida?

Liliane: Ah, fiquei feliz, eu queria muito.

Ent.: E como é que o pai de seu filho reagiu?

Liliane: Da mesma forma que eu. Ele também gostou.

Em outras situações, configura-se o susto inicial e na rememoração desse momento, ao olhar retrospectivamente a situação, as entrevistadas tendem a considerar que, mesmo com a turbulência da notícia, no final tudo acaba bem.

Emt.: Ao saber da gravidez, como você reagiu?

Lucilene: Ah, levei um susto, né? Fiquei com medo de contar pra minha mãe, da reação dela. Mas foi tranqüila, chamei elas todas, fomos na casa da minha sogra, contamos pro meu marido e fui morar na minha sogra e depois fui e comprei uma casa pra mim.

Tatiana: Quando cheguei no quinto mês de gravidez, aí eu fui no médico, o médico falava que era inflamação e tudo. Aí só quando eu fui no Paulino Werneck e tudo foi quando descobriu que era gravidez.

Ent.: Ao saber da gravidez, como é que você reagiu?

Tatiana: Eu fiquei muito assustada pra contar pra minha mãe. Mas minha mãe foi aquela mãe, me ajudou, me compreendeu, ficou do meu lado. Pô, minha filha, nessa vida a gente vai superar tudo. Nunca deixei vocês, também não quero que você tire, não quero que você fique nervosa. A gente tem a força de Deus, a gente vai superar. Vamos em frente, porque é uma vida que tem dentro de você e que não pediu pra vir ao mundo. Então a gente vai arcar com as conseqüências desse mundo.

Por outro lado, é importante salientar que uma das entrevistadas esboçou uma mesmice ou uma indiferença emocional ao indagar sobre sua reação quando soube que estava grávida, expressando simplesmente um “Normal”.

Priscila: Nem sabia, eu passei mal, aí eu tomei remédios. Aí eu fiquei com suspeita de estômago porque a minha barriga estava doendo. Aí eu fui no médico e ele falou que era dos remédios. Aí eu tomei outros remédios. Fiz os exames aí deu positivo.

Ent.: E como é que você reagiu?

Priscila: Normal.

Todavia, isto pode ser devido à falta de uma conduta mais exploratória da entrevistadora no intuito de investigar o que seria esse “estado de normalidade”. De qualquer forma, avaliando todas as 10 entrevistas, pode se afirmar, categoricamente, que a maior parte dessas mulheres havia optado por engravidar.

Certa uniformidade também foi percebida na reação dos pais da criança ao saber da gravidez, que oscila entre o “normal” e o estado de alegria e satisfação, até porque, em muitos casos, já estavam namorando há algum tempo e em outros já até moravam juntos, o que configuraria o desejo dos dois de serem pais, mesmo sendo muito jovens.

Ent.: E como o pai do seu filho reagiu?

Lucilene: Ficou bobo, né? Ele era novinho...

Já as famílias das entrevistadas têm reações diversas ao saber da gravidez. Para algumas, há certo ar de desolação (independendo se a filha está ou não morando com o companheiro), em outras há reações de raiva e inclusive agressões, partindo sempre do pai das entrevistadas. Por outro lado, eram as mães das entrevistadas que aceitavam bem, na maior parte dos casos.

As famílias do pai do filho delas apresentam reações mais distanciadas de conteúdo emocional, desde certa indiferença até um rompimento total das relações, ou um simples “gostou”.

Ent.: como família dele reagiu?

Gleice: Normal, também. Ele só tinha mãe. E irmã.

Ent.: Ele só tinha mãe, né? Aí a mãe agiu normal...

Gleice: Normal

Ent.: Normal seria o quê? Ela gostou, ou não gostou...

Gleice: Gostou, ué.

Projetos de vida antes da gravidez e mudanças após o nascimento

Ao contrário do que muitas vezes encontra-se na literatura sobre gravidez na adolescência, a maior parte das entrevistadas afirma que, antes de engravidar, tinha

projetos futuros e planos para sua vida. Esse projetar-se ao futuro girava em torno de temáticas da vida profissional: estudar, fazer curso técnico ou faculdade e/ou trabalhar.

Tatiana: Ah, voltar os estudos e dar uma boa vida pra minha mãe.

Edinéia: Ah, eu estudava e trabalhava. Nunca gostei de ficar parada em casa, eu sempre gostei de trabalhar. Pensava em terminar o segundo grau e continuar estudando, né.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o sonho da casa própria ou de ajeitar a própria casa era um símbolo forte nos planos futuros dessas entrevistadas.

Priscila: Olha, quando eu tive o Lucas eu morava de aluguel, eu tinha a idéia de construir minha casa própria. Então pra mim, não foi nada demais não.

Liliane: Ah, meus planos era trabalhar bastante, construir minha vida, arrumar minha casa...

Até mesmo estava incluída, nos planos de uma das entrevistadas, a vontade de abrir um negócio próprio:

Vanessa: Antes da gravidez da Livia meus projetos eram... fazer um curso técnico. Trabalhar também. Trabalhar pra eu mesma me sustentar. (gravação ruim) Pra poder ajudar ele também (o pai dela), abrir tipo um negócio, pra poder prosperar, ter um futuro melhor. (...)

Todavia, na maior parte das entrevistas, tais projetos não se concretizaram de fato, mesmo havendo posteriores tentativas de voltar a estudar, por exemplo. A maior parte delas tornou-se “mãe e dona de casa”.

Ent.: O que mudou principalmente?

Karina: Ah, atrapalhou nos meus estudos, no trabalho, eu já fui mandada embora grávida. Mais nada, só isso.

Entretanto, há uma expectativa que esta seja apenas uma “parada” nos seus projetos, pois acredita que poderá retomá-los no futuro.

Ent.: E alguma coisa mudou em relação ao seus planos e projetos de vida?

Priscila: Não. Não mudou muito, muito não. Só algumas coisas.

Ent.: Quais as coisas que mudaram?

Priscila: Ah, não pude concluir meus estudos, fazer uma faculdade, essas coisas assim. Só não deu isso. Mas sei que pra frente vou concluir. Nunca é tarde pra ir em frente, né?

No que tange ao relacionamento com o pai do seu filho, há uma diversidade de vivências. Em algumas, a relação piorou, culminado com o término. Em outras se manteve da mesma forma que antes. Mas em algumas, surpreendentemente, a relação melhorou, especialmente nas que já se encontravam morando com o companheiro.

Edinéia: Não, pelo contrário, até melhorou, ele não era muito caseiro, gostava de rua, mas depois que o Mateus nasceu ele viu que tinha que dar uma trava, né? Porque agora com família, né?(...)

Definição de família

Esta talvez tenha sido a temática mais controversa da entrevista. Ao serem perguntadas sobre o que define uma família para estas entrevistadas, o desconforto era visível nos períodos de silêncio ou nas respostas amplamente genéricas: “é tudo”.

Entretanto, o signo mais presente ao se enunciar família é “união”. A união é um elemento edificador e balizador para se definir família. Isto pode sugerir não só a importância dos laços afetivos para a sua representatividade, mas também o estreitamento desses laços. Em algumas respostas, a caracterização de mútua-ajuda também aparece como elemento importante, constituidor desse sentido de “família”.

Tatiana: Família pra mim é quando a gente mais precisa está do nosso lado, ta na pior está com a gente. Família pra mim é tudo.

Uma das entrevistadas referenciou explicitamente que família é a que ela coabita, remontando ao símbolo da casa como estruturante desta.

Edinéia: Uma família? (pausa) Uma família tem que ser unida primeiramente, independente, ah, eu não queria gravidez, não importa, não importa, tentar viver, tentar se dar bem, porque criar filho com guerra, mora num lugar que é guerra, o tempo inteiro, se a família não se unir, né? Daqui a pouco ninguém mais agüenta. As pessoas tem que parar de ficar olhando a vida do outro, né? Ah, o outro está com condição melhor, ele tá? Maravilha, amar o bem, né? A família tem que ser unida, né? O máximo possível, é essencial dentro de uma casa. Se não tiver dentro de uma casa é impossível viver bem, né?

Essa diferenciação também aparece em algumas falas, ao serem perguntadas sobre quem eram considerados os principais membros da sua família antes da gravidez na adolescência e se alguma coisa mudou. As que já moravam ou foram morar com os companheiros, o conceito de família mudou: seja incluindo os novos membros (companheiro e filhos), seja definindo como prioridade a família nuclear.

Ent.: Antes do nascimento do Wallace, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Mariana: Minha mãe e meu padrasto.

Ent.: E depois do nascimento do Wallace, alguma coisa mudou em relação a isso?

Mariana: Ah mudou, porque eu não morava mais com eles. Uma nova família.

Tatiana: Não, é no momento que a gente está junto, a gente é uma família. A partir do momento que não mora junto, são parentes que moram fora. Depois que a gente sai de casa, depois que a gente vai morar fora, a gente passa a conviver com o companheiro, família é quando a gente mora junto.

As desavenças do passado que, porventura se dera por conta da gravidez também são esquecidas e relevadas, pois na unanimidade das respostas as mulheres entrevistadas não excluíram algum parente após o evento da gravidez, o que enunciaria um conflito que permaneceria após o nascimento do filho. Da mesma forma se dá em relação a vizinhos e amigos fazerem parte da concepção de família após a gravidez. Como a gestação não é, em si, um evento de intenso drama familiar para esse público, os conflitos e tensões ficam restritos ao seio da família e resolvidos lá. A exceção se deu com duas mães: uma enunciou que a madrinha do filho dela passou a fazer parte de sua família e a outra comentou de vizinhos.

Ao se remontar ao tema família novamente, quem as entrevistadas atualmente consideram como família, a oscilação varia do pólo família nuclear e família de origem (entendida como pai, mãe/avó, irmãos e/ou sogros).

Ent.: Atualmente, quem você considera como sua família?

Tatiana: Meus filhos e meu esposo.

Ent.: Atualmente, que você considera como família?

Lucilene: Minha mãe, meu padrasto, meu marido, meus irmãos e minhas tias.

Ao serem apresentadas estas entrevistas, podemos perceber algumas características em comum que estas mulheres apresentaram. São mulheres em que, em suas famílias de origem, a figura materna consangüínea (seja da mãe, na maior parte das vezes, ou seja, da avó) é uma presença que se mantém no decorrer do seu desenvolvimento, enquanto que o pai biológico é uma figura mais mutável. Quando não está ausente (porque faleceu ou é desconhecido ou é separado da mãe e abandonou a família...), não tem uma participação ativa na família (ou porque trabalha muito, ou

porque é alcoólatra...)). Às vezes a figura paterna é substituída por um padrasto ou é exercido pela própria mãe. São mulheres que, na maioria, relatam uma infância sofrida e conturbada, com boa convivência com os irmãos. Na adolescência, muitas delas trabalhavam e estudavam e tinha perspectivas futuras de fazer cursos, faculdade, montar ou reformar sua própria casa ou até mesmo de terem seu próprio negócio. Ou seja, diferentemente de certos estudos que apontam que a gravidez nesta fase se dá em adolescentes que têm pouca ou nenhuma perspectiva de futuro. Curiosamente, estas entrevistadas tinham histórias de “namoro firme” com o companheiro ou já moravam com eles antes de terem o primeiro filho, sendo que elas expressam satisfação pela gravidez e até o desejo de engravidar por algumas delas. Família para elas tem significados afetivos fortes, de apoio em momentos difíceis, sendo circunscrita basicamente entre a família de origem dela, a do marido (se houve uma boa relação após o nascimento do filho) e a nuclear (ela, marido e filhos). Há pouco espaço para entrada de amigos e vizinhos neste espaço representacional de família para elas.

Vejamos agora como isso se confronta com a fundamentação teórica, mais adiante na discussão dos resultados.

No que tange ao material coletado, algumas observações podem ser levantadas, em vista dos referências teóricos apontados.

Ao retomar o perfil dessas entrevistadas, percebe-se que são mulheres na faixa de 19 a 22 anos, a maior parte morando com um companheiro, que não necessariamente é o pai de seus primeiros filhos. Possuem casa própria, mas sua renda não é própria: na maior parte é do companheiro ou dos pais. Suas famílias de origem têm maior permanência da figura feminina, representada pela mãe ou pela avó, enquanto há maior labilidade na figura masculina. Muitas dessas já estavam morando com o companheiro ou estavam numa relação dita de namoro e a maioria estava tentando engravidar e queriam ter um filho. Algumas já são mães pela segunda vez. São escolarizadas até o ensino médio incompleto, mas que, com a gravidez, pararam os estudos.

Dois pontos fundamentais devem ser ressaltados nestes dados. O primeiro é que a literatura aponta que a maior parte das mães adolescentes parou os estudos na 8ª série, o que não ocorreu com o grupo investigado nesse estudo. As mulheres pararam de estudar já no ensino médio, ou seja, tendo uma escolaridade maior. Porém, isso também não significa que esses anos a mais de estudo tenham aumentado consideravelmente a amplitude de oportunidades após a gravidez para estas jovens. Até porque, de fato, após o nascimento do filho, a totalidade das mulheres deixou seus planos escolares e profissionais e se dedicaram ao cuidado materno. E foi certamente o fato da gravidez que as fez interromper os estudos, pois, muitas delas já moravam com o companheiro antes de serem mães, porém ainda persistiam nos estudos até a gravidez.

Podemos formular algumas hipóteses sobre estes comportamentos. As dificuldades em se estudar e/ou trabalhar com o nascimento de um filho são evidentes, mas isso não impede que muitas mulheres retomem suas carreiras ou seus estudos porque são mães. O papel de mãe para essas mulheres é posto em evidência, em detrimento de outros papéis sociais. O papel de pai provedor e da mãe cuidadora e dona de casa é ratificado, ou seja, é a especialização dos sexos, como salientado por Freyre (LI), uma marca presente na formação da família brasileira.

Além do mais, o fato de morar com o companheiro antes da gravidez é um dado que chama a atenção pela sua frequência. Se pensarmos que essas mulheres tiveram, em sua maioria, filhos entre 16 e 19 anos, significa que antes disso, já eram responsáveis (ou co-responsáveis) por uma casa, ou seja, um teórico condizente com os postulados do

ciclo vital diria que estas mulheres estariam já na “adolescência” com responsabilidades de “adulto”. No entanto, ao observar essas constatações, reforça-se a idéia de que os desafios para adolescência atual não é “retomá-la ao eixo”, mas de refletir que seus pressupostos básicos estão sendo colocados em discussão. A linearidade dos eventos esperados na adolescência está dando espaço a certa imprevisibilidade dos acontecimentos na vida desses jovens. Comungando com as reflexões de Pais (XV), as juventudes estão performativas, não se enquadrando mais numa caracterização linear tradicional. Certa inconstância se faz presente, o que justifica o fato de filhos saírem de casa pra morar com o companheiro com 13, 15, 17 anos.

Em paralelo a isso, constata-se que casar-se cedo é uma prática antiga, como também Freyre (LI) nos apresenta nos estudos da família patriarcal, onde sinhás-moças com 13 ou 15 anos já estavam nos preparativos para o casamento arrumado pelos pais, sendo também nessa idade que tinham seus primeiros filhos. O pai, enquanto poder decisório na família perdeu muito da sua força, ficando deteriorada sua figura de autoridade nas famílias dessas entrevistadas. À revelia ou à indiferença destes, elas vão morar com parceiros que elas escolhem, mas ao engravidar (que é pouco tempo após a união), ratificam o papel tradicional de cuidadora do lar e dos filhos (que com certa frequência são mais de um).

Como nos aponta Pais (XV), a falta de segurança nas possibilidades futuras em vista das inconstâncias do mundo contemporâneo e diante de estruturas sociais cada vez mais fluídas, a vida dos jovens fica tatuada por um contexto de descontinuidades e oscilações. A segurança em padrões já conhecidos torna-se um porto seguro e, ao mesmo tempo, também mais uma forma de experimentação.

A renda é um fator de considerável observação nos dados e também deve ser tratada com cautela. Em todas as mães entrevistadas, a renda familiar girava em torno de 1 a 3 salários mínimos ou menos. Sabemos que renda é uma variável de difícil aferição porque é auto-declarada. Além disso, é importante considerar o campo de estudo em questão. Sabemos que a maioria das pessoas que procura um serviço de saúde pública no nível da atenção básica é de populações de baixa renda. E uma terceira observação é que nem sempre baixa renda é sinônimo de péssimas condições de vida, afinal, devem-se avaliar o custo de vida local, os bens materiais que possuem, etc. Aliás, neste ponto, a avaliação sobre as condições de vida e da família das entrevistadas em relação à educação, (pouca ambição e perspectivas – o pouco já é suficiente, é o que pode desejar), saúde, habitação e saneamento, segurança pública, lazer, alimentação, vestuário, emprego e transporte tende a ser positiva na maioria dos casos. Portanto, ter

uma renda familiar baixa não significa ser desprovido de condições mínimas de sobrevivência, mas denota precárias condições. Como Valladares (LIII) nos aponta, estar num ambiente dito de *favela* não significa uniformidade de condições sócio-econômicas (LXIII). Além do mais, não se tem evidências de que foi devido à gravidez na adolescência que esta renda familiar está numa faixa tão diminuta e nem foi causa desta o prejuízo na ascensão social. Contudo, recortes específicos como classe, gênero, raça, local de moradia, diferenças regionais, apesar de não serem suficientes para explicar toda a diversidade, são alguns dos gradientes possíveis para identificar essas multiplicidades de juventudes/adolescências.

Um outro estereótipo para as mães na adolescência é seu enfoque de risco obstétrico, apontado por alguns teóricos na literatura em Saúde Pública. Nas entrevistas em profundidade realizadas, somente uma apresentou problemas na hora do parto. Isso não pode ser evidência, pois é uma amostra muito pequena e na parte objetiva da entrevista, não foi investigado sobre isso. Todavia, esta observação comunga com a tese de Gama, S.G.N., Szwarcwald, C.L., Sabroza, A. R., Branco, V.C. & Leal, M. C. (XXVIII), que variáveis sócio-econômicas e da organização do sistema de saúde são muito mais fatores de risco para gravidez na adolescência do que a imaturidade biológica.

Voltando-se agora para o perfil das famílias dessas mulheres, vemos certas minúcias importantes de serem apontadas. Antes da gravidez, a maior parte das mulheres ou morava com o companheiro ou com o pai e mãe, sendo a segunda maior frequência o fato de morar só com a mãe. Apesar de não aparecer nos dados objetivos, muitas delas diziam, na entrevista, que moravam tanto com os pais/mãe como com o companheiro, dormindo dias na casa de um e dias na casa de outro. Mas ao serem informadas que só poderiam escolher uma opção, algumas decidiram responder que era a casa dos pais/mãe. Mas após o nascimento do filho, a maior parte dessas mulheres foi morar com o pai de seu filho. Nas entrevistas qualitativas, as famílias de origem eram famílias em que não havia uma uniformidade de padrões. Havia pais alcoólatras, histórias de violência intra-familiar e conflitos, mas em outras, famílias compostas por pai e mãe, tendo a representatividade de uma vivência feliz. Desta forma, o argumento de que famílias ditas “desestruturadas” propiciariam a gravidez na adolescência não se sustenta nestes dados. Entretanto, não é exagero lembrar que esta é uma amostra muito pequena para que isso seja afirmado categoricamente.

Os pais destas mulheres, alguns tiveram filho na adolescência e outros com a idade de 25 anos. Já as mães destas, a maioria foi mãe adolescente. Curiosamente, esse

padrão se repete com as entrevistadas. Dessa forma, são necessários maiores estudos que investiguem a influência geracional nesses caminhos que levam à gravidez adolescente.

Outro ponto relevante é o fato de que a maior parte dessas mulheres optou pela maternidade com a mesma frequência das mulheres que não haviam pensado no assunto, mesmo sabendo usar métodos contraceptivos, como apontado pelos dados. Esse “não havia pensando no assunto” pode significar um desleixo no uso dos métodos, resultado de um descompromisso ou despreocupação com o fato de engravidar e/ou de adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Como se houvesse uma “exposição ao risco”, como constatado por Cabral (XLIV) que aponta que alguns adolescentes não só sabem como já usaram métodos contraceptivos, mas não há a permanência do uso. Neste sentido, não é explicitamente proferido o desejo de engravidar, porém há a presença de comportamentos que conduzem à gravidez, os denominados “comportamentos de risco”.

Para maior parte dessas mulheres, o laço principal que se associa à noção de família é o sentimento. “Família é aquela que dá carinho”. Recuperando De Singly (LVIII), a família toma para si a função de consolidar e constituir a subjetividade de seus membros. A família é “relacional e individualista” (LVIII). Relacional porque é pela lógica primeira do amor e do sentimento que ela se constitui e individualista porque possui a função de constituir subjetividades. E é na tensão desses dois pólos que famílias contemporâneas se unem e também se separam. Os laços de nome de família já não são tão mais fortes como no patriarcalismo de Freyre. O nome e sobrenome perdem certa importância na supremacia da “união” e dos “laços afetivos”, principalmente relacionados à mútua ajuda, apoio e cuidado como componentes principais desse “sentimento de família”. A maior parte considera importante ter família e pertencer a uma família e que esta tenha a presença do pai e da mãe. A coabitação é um signo também importante de família, mas ao casar-se/morar junto, agregam-se novos membros à família, sem abandonar a família de origem. Os laços de família se estendem até irmãos, cunhados e sobrinhos, desde que se façam presentes na vida dessas mulheres.

Conjecturava-se que com os vínculos e laços afetivos, tanto as redes sociais quanto as relações de vizinhança poderiam ter o potencial de ressignificar a concepção de família, pondo em xeque outros signos clássicos tais como parentesco/consangüinidade, nominação, coabitação e conjugalidade. Contudo, os laços afetivos somados aos laços consangüíneos são contundentes e marcadores do

sentimento de família, permitindo a entrada de um ou outro amigo ou vizinho, pela afinidade afetiva e com a característica principal do mútuo-apoio. Todavia, este ainda se configura como um campo profícuo para investigações.

O que se pode afirmar no olhar atento para esses dados é que, qualquer que seja a faixa etária, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais.

Esta pesquisa representou um esforço de compreender as mudanças e permanências de representação de família para mulheres entre 19 e 24 anos que foram mães adolescentes. Visando este objetivo, alguns outros foram atingidos. Por exemplo, investigar um pouco a história familiar de origem nos propiciou elementos novos na compreensão dessas representações e levantou hipóteses que podem motivar outros estudos na área. Outro item foi o perfil reprodutivo, que desmistificou a idéia uniforme de que as adolescentes engravidam porque não usam métodos contraceptivos. Percebe-se que o perfil é de jovens que sabem usar tais métodos, usam esporadicamente e decidem parar quando optam por ser mãe. Esta decisão não advém, necessariamente, pela falta de perspectivas futuras, mas pela proposição de um novo projeto familiar: já moram ou namoram seus companheiros e querem avançar mais uma etapa, sendo mães.

É importante salientar os limites metodológicos e analíticos que este estudo apresenta. No roteiro de entrevista, as frases sobre família foram uma tentativa de absorver as representações de família por essas mulheres. Mas a autora reconhece a precariedade dessa parte do instrumento de pesquisa, que deve ser visto não como uma estrutura pronta, mas como incentivo para o desenvolvimento de investigações dessa natureza, que necessitam ser validadas e testadas, constituindo uma ferramenta para futuras pesquisas na área.

Seria interessante também se tivesse sido possível fazer o cruzamento de variáveis neste estudo, o que enriqueceria o material de análise. Como exemplo, poderíamos pensar se mulheres que se consideram solteiras, se concordaram com a frase: “Pai é quem sustenta”. Este tipo de avaliação nos traria maiores dados para levantar algumas outras hipóteses neste estudo.

Outra limitação é que o público estudado é circunscrito: mulheres que foram atendidas no Centro de Saúde de uma instituição de pesquisa. Isso já aponta a especificidade desse público. Além do mais, a amostra foi de somente 32 entrevistadas. Isso nos impede de fazer inferências amplas sobre gravidez na adolescência e suas representações familiares, embora encontremos alguns resultados semelhantes em estudos de maior escala.

Todavia, inferências amplas não se constituíram como pressuposto desta pesquisa. Esta proposta primou pela desmistificação de conceitos amplamente divulgados sobre adolescência, gravidez e família, que encobre a diversidade de

vivências e experiências, que aparecem em escalonamentos menores, mais próximos do cotidiano. Neste sentido, este estudo cumpriu seu papel, contribuindo com maior olhar para estes objetos de estudo. A família e gravidez na adolescência estão na interface desse diálogo de autores e teorias e atores sociais e discurso, cenário onde esta pesquisa foi fomentada, cresceu e deu seus frutos.

O que se pode perceber diante de tudo isso e o que se apresenta como desafio, não é consensuar uma definição unívoca de família, mas o fomento de estudos que possam investigar os modelos de família que se espraiam a partir de determinados eventos, no intuito de contribuir para formar esta “colcha de retalhos” tão familiar e tão surpreendente que é o lugar da família hoje.

Em suma, *como vai a família nessa história?* Nada “*familiar*”, decerto. Mas em foco, certamente. Sendo gerada e gerando valores, criando filhos e formando novas famílias e assim, gestando valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (I) BRANDÃO ER. Gravidez na Adolescência: um balanço bibliográfico. In HEILBORN ML, AQUINO EML, BOZON M. e KNAUTH DN (org.). O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Garamound Universitária; 2006.
- (II) CHALÉM E, MITSUHIRO SS, FERRI CP, BARROS MCM, GUINSBURG R e LARANJEIRA R. Gravidez na adolescência: perfil sócio demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, 2007, 23 suppl 1. p. 177-186.
- (III) Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde reprodutiva: gravidez, assistência pré-natal, parto e baixo peso ao nascer. In: Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde Brasil 2004 – Uma análise da situação de saúde. Brasília: 2004, pp. 70-83.
- (IV) Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde. Desigualdades e determinantes da Gravidez na Adolescência – Desigualdades e Determinantes dos Adolescentes no Brasil. In: Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde Brasil 2006 – Uma análise da desigualdade em saúde. Brasília: 2006, pp. 305-323.
- (V) CORRÊA S. 'Saúde Reprodutiva', Gênero e Sexualidade: legitimação e novas interrogações. In Giffin K. (org). Questões da Saúde Reprodutiva. Rio de Janeiro: Ed.Fiocruz; 1999.
- (VI) HEILBORN ML. Experiências da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias biográficas juvenis. In HEILBORN ML, AQUINO EML, BOZON M e KNAUTH DN (org.). O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Garamound Universitária; 2006.
- (VII) LOPEZ, G. et al., 1992 *apud* Velasco, VIP. Estudo epidemiológico das gestantes adolescentes de Niterói. [Dissertação de Mestrado] Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; 1998. 114 p.
- (VIII) WHO, 1986 *op. cit*, AQUINO EML, HEILBORN ML, KNAUTH D, BOZON M, ALMEIDA MC, et al. Adolescência e reprodução no Brasil – a heterogeneidade de perfis sociais. Cad. de Saúde Pública 2003, 19 Suppl 2, p. 378.
- (IX) UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a infância). Relatório da Situação da Adolescência Brasileira. Brasília/DF; 2002.
- (X) Lei Federal nº 8069 - Estatuto da Criança e do adolescente – ECA. 1990; 13 jul.
- (XI) FERREIRA, MP, TORRES H.G. Jovens no município de São Paulo: efeitos das relações de vizinhança. In: procedente do Seminário Estrutura Social e Segregação Espacial: São Paulo, Rio de Janeiro e Paris. Comunicação oral. São Paulo: 2004.

- (XII) CASTRO LR (org.) *Infância e adolescência na cultura de consumo*. Rio de Janeiro: Nau; 1998.
- (XIII) KAPLAN, SADOCK & GREEB. *Compêndio de Psiquiatria*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.
- (XIV) ALMEIDA, M.I.M e EUGENIO, F (orgs.). *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- (XV) PAIS, J.M. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In Almeida, M.I.M e Eugenio, F (orgs.). *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- (XVI) VELHO, G. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In Almeida, M.I.M e Eugenio, F (orgs.). *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- (XVII) NOVAES, R. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In Almeida, M.I.M e Eugenio, F (orgs.). *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- (XVIII) AQUINO EML, HEILBORN ML, KNAUTH D, BOZON M, Almeida MC, et al. *Adolescência e reprodução no Brasil – a heterogeneidade de perfis sociais*. Cad. de Saúde Pública 2003, 19 Suppl 2.
- (XIX) MELO RF. *Gravidez Adolescente e Vulnerabilidade Social nas Grandes Metrôpoles: O Caso das Comunidades de Praia da Rosa e Sapucaia*. [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2001.
- (XX) VITELLO et al., 1990 *apud* Melo RF. *Gravidez Adolescente e Vulnerabilidade Social nas Grandes Metrôpoles: O Caso das Comunidades de Praia da Rosa e Sapucaia*. [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2001, p. 7.
- (XXI) BOCK S.D. *op cit* LIMA CTB, FELICIANO KVO, CARVALHO MFS, SOUZA APP, MENABÓ JVC, RAMOS, LS, et al. *Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação*. Rev. Bras. Saúde Materno-Infantil, 2004; 4 Suppl1: 71-83.
- (XXII) HEILBORN ML. *Experiências da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias biográficas juvenis*. In Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M e Knauth DN (org.). *O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Garamound Universitária; 2006.
- (XXIII) BRANDÃO ER. *Gravidez na Adolescência: um balanço bibliográfico*. In Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M. e Knauth DN (org.). *O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Garamound Universitária; 2006.

(XXIV) VELASCO, VIP. Estudo epidemiológico das gestantes adolescentes de Niterói. [Dissertação de Mestrado] Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; 1998. 114 p.

(XXV) COSTA OMC, SANTOS CAT, SOBRINHO CLN, FREITAS JO, FERREIRA KASL, SILVA MA *et al.* Estudo dos partos e nascidos vivos de mães adolescentes e adultas jovens no Município de Feira de Santana. Bahia, Brasil, 1998. Cad. Saúde Pública 2002 Maio/Jun.18 (3).

(XXVI) GOLDENBERG P, FIGUEIREDO MCT, SILVA, RS. Gravidez na adolescência, pré-natal e resultados perinatais em Montes Claros. Minas Gerais, Brasil. Cad. Saúde Pública 2005; Jul/Ago 21(4).

(XXVII) THATO S, RACHUKUL S, SOPAJAREE C. Obstetrics and perinatal outcomes of Thai pregnant adolescents: A retrospective study. International Journal of Nursing Studies 2007; 44.

(XXVIII) GAMA SGN, SZWARCOWALD CL, SABROZA AR, BRANCO, VC, LEAL MC. Fatores associados à assistência pré-natal precária em uma amostra de puérperas adolescentes em maternidades do Município do Rio de Janeiro, 1999-2000, Cad. Saúde Pública 2004; 20 (1).

(XXIX) GAMA SGN, SZWARCOWALD CL e LEAL MC. Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda. Cad. Saúde Pública. 2002; 18: 1

(XXX) STERN e GARCÍA, 1999 *op cit* HEILBORN ML. Experiências da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias biográficas juvenis. In Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M e Knauth DN (org.). O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Garamound Universitária; 2006.

(XXXI) LIMA CTB, FELICIANO KVO, CARVALHO MFS, SOUZA APP, MENABÓ JVC, RAMOS, LS, et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. Rev. Bras. Saúde Materno Infantil, 2004; 4 Suppl1: 71-83.

(XXXII) VALLADARES LP. A invenção da favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

(XXXIII) VALLE SILVA, N. A dimensão Social das Desigualdades: Sistema de Indicadores de Estratificação e Mobilidade Social. Programa Institutos do Milênio – Subprograma “Áreas Induzidas” – Área Estratificação Social e Desigualdades, CNPQ, abril de 2005.

(XXXIV) HASENBALG, C. (2003). A distribuição de recursos familiares. In Hasenbalg, C. e Valle Silva, N. *Origens e Destinos – Desigualdades sociais ao longo da vida*. RJ, Topbooks, p. 55 – 83.

(XXXV) FERREIRA, MP, TORRES H.G. Jovens no município de São Paulo: efeitos das relações de vizinhança. In: precedente do Seminário Estrutura Social e Segregação Espacial: São Paulo, Rio de Janeiro e Paris. Comunicação oral. São Paulo: 2004.

(XXXVI) SABATINI *op cit* FERREIRA, MP, TORRES H.G. Jovens no município de São Paulo: efeitos das relações de vizinhança. In: precedente do Seminário Estrutura Social e Segregação Espacial: São Paulo, Rio de Janeiro e Paris. Comunicação oral. São Paulo: 2004.

(XXXVII) NAJAR, A. L. e PERES, F.F. A divisão social da cidade e a promoção da saúde: a importância de novas informações e níveis de decupagem. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 12 (3): 675-682, 2007.

(XXXVIII) PANTOJA ALN. "Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência em Belém. Estado do Pará, Brasil. Cad. Saúde Pública. 2003, vol.19 suppl.2.

(XXXIX) SABROZA AR, LEAL MC, SOUZA JR., *et al.* Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública 2004, 20 suppl.1.

(XL) HENRIQUES, 1993 *op cit* VELASCO, VIP. Estudo epidemiológico das gestantes adolescentes de Niterói. [Dissertação de Mestrado] Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; 1998. 114 p.

(XLI) CABRAL C.S. Gravidez na adolescência: Negociações na família. In Heilborn, M L, *et al* (org). Sexualidade, Família e Ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond Universitária; 2005.

(XLII) MELO RF. Gravidez Adolescente e Vulnerabilidade Social nas Grandes Metrôpoles: O Caso das Comunidades de Praia da Rosa e Sapucaia. [Dissertação de Mestrado] Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2001, p. 7.

(XLIII) SABROZA AR, LEAL MC, SOUZA JR., *et al.* Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública 2004, 20 suppl.1.

(XLIV) CABRAL, C.S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública. 2003, vol.19 suppl.2.

(XLV) CASEY J. A história da família. Tradução de Sérgio Bath, São Paulo: Série Fundamentos 91, Ed. Ática;1992.

(XLVI) ARIÉS P. A família e a cidade. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges In: Velho, G., Figueira, S. A (coord) Família, Psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Campus; 1981.

(XLVII) SCHNEIDER DM. The family. In: American Kniship: a cultural account. New Jersey: Prentice-Hall; 1968.

- (XLVIII) AQUINO EML, DIAS AB. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. Cad. De Saúde Pública 2006; 22 Suppl 7.
- (XLIX) ALMEIDA AM, SÂMARA EM, VELHO G, MURICY K, BARSTED LL, GONÇALVES MA, et al. Pensando a Família no Brasil – da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo, UFRRJ; 1987.
- (L) PRADO D. O que é família? São Paulo: Coleção primeiros passos 50, 6ª edição, Ed. Brasiliense; 1985.
- (LI) FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala – Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. Livraria José Olympio Editora, RJ, 19ª edição, 1978.
- (LII) BULMER M. The Chicago School of Sociology – Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research. The Universe of Chicago Press. Chicago e London, 1984.
- (LIII) VALADARES LP (org.) A Escola de Chicago – Impacto de uma tradição no Brasil e na França. BH e RJ: Ed. UFMG e Ed. IUPERJ, 2005.
- (LIV) FREYRE Gilberto. Sobrados e Mocambos, 7ª edição, 1985.
- (LV) DAMATTA Roberto. A Casa e a Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.
- (LVI) SCHNEIDER DM. The family. In American Kinship: A cultural account. New Jersey: Prentice-Hall, 1968. pp 31-54
- (LVII) VELHO G. Família e subjetividade. In Almeida, A. M. et al “Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade”. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987
- (LVIII) DE SINGLY F. O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ na vida conjugal e familiar. In Peixoto e De Singly. Família e individualização, Rio de Janeiro, FGV, 2000.
- (LVIX) FONSECA C. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In Ribeiro, I, Ribeiro, A.C.T. e Duarte, L. F. D. et al. Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995.
- (LX) FONSECA C. A modernidade diante de suas próprias ficções: o caso da adoção internacional. Horizontes Antropológicos, v. 3, n.5, jul. 1997. pp 204-224
- (LXI) STRATHERN M. Necessidade de pais, necessidade de mães. Revista Estudos Feministas, vol. 3, n.2, 1995. pp 303-330.
- (LXII) COUTINHO MLR. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In Barros ML (org.). Família e Gerações. Coleção Família, Gerações e Cultura, FGV Ed, RJ, 2006.

- (LXIII) BURGUIÈRE A, KLAPISCH-ZUBER C, SEGALEN M and ZONABEND F. História da família. 1º volume – Mundos Longínquos. Portugal: Ed. Terramar; 1986.
- (LXIV) PEIXOTO, HEILBORN e BARROS. Família, geração e cultura. In Barros ML (org.). Família e gerações. Rio de Janeiro: FGV Editora, Coleção Família, Geração e Cultura; 2006.
- (LXV) ABREU FILHO O. O parentesco como sistema de representações – um estudo de caso. In: Velho G. e Figueira AS (coord.) Família, psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Campus; 1981.
- (LXVI) MINAYO MCS. O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde. Cap. 1, 2, 9 e 11; 9ª edição, São Paulo: Ed. Hucitec; 2006.
- (LXVII) SPINK MJ. (org.) Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas. 3ª edição, São Paulo: Ed. Cortez; 2004.
- (LXVIII) BABBIE E. Métodos de Pesquisas de Survey. Trad. Guilherme Cezarino, Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2001.
- (LXVIX) REIS, INC. Promoção da Saúde e Reorientação de Serviço: A experiência do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. In Zancan L (org.) Promoção da Saúde como caminho para o desenvolvimento local: a experiência de Manguinhos-RJ. Rio de Janeiro: ABRASCO/FIOCRUZ, 2002.
- (LXX) REIS, Inês Nascimento de Carvalho, VIANNA, Marcos Besserman. Proposta e análise de indicadores para reorientação do serviço na promoção da saúde: um estudo de caso no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. Ciênc. saúde coletiva [periódico na Internet]. 2004 Set [citado 2008 Jun 02] ; 9(3): 697-709. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000300020&lng=pt&nrm=iso. doi: 10.1590/S1413-81232004000300020
- (LXXI) SPINK MJP e LIMA H. Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In Spink MJ. (org.) Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas. 3ª edição, São Paulo: Ed. Cortez; 2004.
- (LXXII) SPINK MJ. (org.) Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas. 3ª edição, São Paulo: Ed. Cortez; 2004.
- (LXIII) NAJAR AL. Desigualdades Sociais e Análise Espacial: uma aplicação para o município do Rio de Janeiro utilizando Sistemas de Informações Geográficas. IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997: 193.

Tabela 1: Idade das mulheres entrevistadas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid não se lembra	1	3,1	3,1	3,1
19 anos	7	21,9	21,9	25,0
20 anos	6	18,8	18,8	43,8
21 anos	5	15,6	15,6	59,4
22 anos	6	18,8	18,8	78,1
23 anos	3	9,4	9,4	87,5
24 anos	4	12,5	12,5	100,0
Total	32	100,0	100,0	

Tabela 2: Nível de escolaridade antes da 1ª gravidez na adolescência

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Nunca estudou	1	3,1	3,1	3,1
Básico	5	15,6	15,6	18,8
Fundamental	12	37,5	37,5	56,3
Médio	14	43,8	43,8	100,0
Total	32	100,0	100,0	

Tabela 3: Série escolar antes da 1ª gravidez na adolescência

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca estudou	1	3,1	3,1	3,1
2ª básico	1	3,1	3,1	6,3
3º básico	2	6,3	6,3	12,5
4º básico	2	6,3	6,3	18,8
5ª fundamental	2	6,3	6,3	25,0
6ª fundamental	4	12,5	12,5	37,5
7ª fundamental	2	6,3	6,3	43,8
8ª fundamental	4	12,5	12,5	56,3
1º médio	5	15,6	15,6	71,9
2º médio	6	18,8	18,8	90,6
3º médio	3	9,4	9,4	100,0
Total	32	100,0	100,0	

Tabela 4: Coabitação antes da 1ª gravidez na adolescência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Companheiro	10	31,3	31,3	31,3
	Pai e mãe	8	25,0	25,0	56,3
	Pai apenas	1	3,1	3,1	59,4
	Mãe apenas	7	21,9	21,9	81,3
	Mãe e padrasto	3	9,4	9,4	90,6
	Outros (parentes, amigos...)	3	9,4	9,4	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 5: Coabitação depois da 1ª gravidez na adolescência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Pai do filho(a)	20	62,5	62,5	62,5
	Pai e mãe	3	9,4	9,4	71,9
	Mãe apenas	4	12,5	12,5	84,4
	Mãe e padrasto	1	3,1	3,1	87,5
	Outros (parentes, amigos...)	4	12,5	12,5	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 6: Idade da 1ª relação sexual

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10 - 14 anos	14	43,8	43,8	43,8
	15 - 19 anos	18	56,3	56,3	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 7: Idade do companheiro na primeira relação sexual das entrevistadas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	10 - 14 anos	2	6,3	6,3	6,3
	15 - 19 anos	16	50,0	50,0	56,3
	20 - 24 anos	12	37,5	37,5	93,8
	25 - mais	2	6,3	6,3	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 8: Tempo namoro na primeira vez gravidez na adolescência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Semanas	2	6,3	6,3	6,3
	1 - 3 meses	5	15,6	15,6	21,9
	4 - 6 meses	4	12,5	12,5	34,4
	7 - 12 meses	8	25,0	25,0	59,4
	2 - 3 anos	5	15,6	15,6	75,0
	4 anos ou mais	1	3,1	3,1	78,1
	9	7	21,9	21,9	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 9: Idade da entrevistada na primeira gravidez na adolescência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	13 - 15 anos	13	40,6	40,6	40,6
	16 - 19 anos	19	59,4	59,4	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 10: Idade do parceiro na 1ª gravidez na adolescência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	15 - 19 anos	12	37,5	37,5	37,5
	20 - 24 anos	13	40,6	40,6	78,1
	25 - mais	7	21,9	21,9	100,0
	Total	32	100,0	100,0	

Tabela 11: Expectativas das entrevistadas sobre a gravidez

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Estava tentando engravidar	10	31,3	31,3	31,3
Queria engravidar, porém mais tarde	3	9,4	9,4	40,6
Não queria engravidar	7	21,9	21,9	62,5
Não havia pensando no assunto	10	31,3	31,3	93,8
Outros	2	6,3	6,3	100,0
Total	32	100,0	100,0	

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1: Gleice

Entrevistadora: Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Gleice: Dorvalino

Ent: *Áhn*

Gleice: Dorvalino

Ent: Qual o nome da sua mãe biológica?

Gleice: Vanderléia

Ent: E como foi escolhido seu nome, Gleice?

Gleice: Ah, isso eu não sei, nunca me disseram não.

Ent: Nunca te explicaram não, né?

Gleice: Não.

Ent: E como foi sua infância? O que vc lembra de sua infância, de mais marcante?

Gleice: Era muita briga, muita briga, muita porrada

Ent: Quem que batia?

Gleice: Meu pai e minha mãe, eles é que brigavam, ele chegava em casa bêbado, ficava batendo em todo mundo em casa...

Ent: Seu pai que chegava bêbado ou sua mãe?

Gleice: Meu pai, ele começava a bater em todo mundo

Ent: E sua mãe, como é que reagia?

Gleice: Nada, não fazia nada não. Ela só acudia.

Ent: Você?

Gleice: É.

Ent: Você e seus irmãos?

Gleice: Eu e meus irmãos.

Ent: E você lembra de alguma cena, alguma outra coisa importante da sua infância...

Gleice: Não, só coisa ruim mesmo.

Ent: E quem criou você quando você era criança? Foram seus pais mesmo?

Gleice: Foram meus pais mesmo.

Ent: E como é que foi a convivência com seus pais? Como é que foi a convivência com eles?

Gleice: Teve momentos bons mas a maioria foi tudo ruim.

Ent: E quais eram os momentos bons?

Gleice: Ah, era quando ele levava a gente pra sair, quando ele não batia na gente conversava com a gente, normal.

Ent: Você é daqui do Rio, não?

Gleice: Não.

Ent: Você é da onde?

Gleice: De Belo Horizonte.

Ent: E quem você considera como sua mãe?

Gleice: Minha mãe mesmo. *(num tom de obviedade)*

Ent: E seu pai? Também?

Gleice: É.

Ent: Quantos irmãos você tem, Gleice?

Gleice: Sete, seis.

Ent: Você me diz o nome de cada um deles? *(gravador é pausado para anotar)*

Ent: E como era a convivência com seus irmãos?

Gleice: Era legal.

Ent: Vc lembra de alguma cena ou situação que você tenha passado na convivência com seus irmãos?

Gleice: Ah, a gente saía muito, ia no parque com eles. Era legal.

Ent: Agora vamos falar um pouco mais sobre a sua adolescência e a sua gravidez. Como foi sua adolescência, Gleice?

Gleice: Foi legal também.

Ent: Foi aqui no Rio ou em Minas?

Gleice: Não, foi em Minas.

Ent: E o que você fazia mais que lembra a sua adolescência? Como é que era...*(fui interrompida pela fala dela)*

Gleice: Porque lá eu trabalhava então eu saía muito *(pausa)* com minha irmã.

Ent: Saía pra onde?

Gleice: Saía pra festa, pra show, essas coisas assim.

Ent: Ah, ta. Eeee, qual é o nome do seu primeiro filho?

Gleice: Wallace

Ent: Wallace, tá. *(pausa)* Como você descobriu que estava grávida do Wallace?

Gleice: *(pausa)* Ah, minha menstruação atrasou e eu fui no médico e aí deu gravidez.

Ent: E você já morava com o pai dela, o pai dele assim...

Gleice: Sim.

Ent: E como foi essa história de morar com o pai dele assim? Como foi morar com o pai dele?

Gleice: Ah, a gente tava namorando.

Ent: Há quanto tempo?

Gleice: Ah, uns 5 meses.

Ent: Tava namorando uns 5 meses.

Gleice: Só que veio aquela história de meu pai ficar batendo muito na gente aí ele me levou pra morar com ele. Aí com o tempo eu engravidei.

Ent: Aí depois de dois anos você morando com ele, não é isso?

Gleice: Não.

Ent: Passou quanto tempo que depois você engravidou do Wallace?

Gleice: Ah, uns dois meses.

Ent: Dois meses depois... estava 5 meses depois namorando junto
Não, namorando.

Gleice: Namorando...

Ent: Aí eu fui morar com ele, dois meses depois eu engravidei.

Gleice: Dois meses depois, né?

Ent: Ao saber da gravidez como é que você reagiu?

Gleice: Normal

Ent: Normal, né? Tava querendo né?

Gleice: Sim

Ent: E ele também...

Gleice: Também.

Ent: Como é que sua família reagiu?

Gleice: Hum, minha mãe não gostou muito não, queria que eu tirasse. Meu pai também não, ele até me bateu (*aumentou a tonalidade*)

Ent: Ele te bateu quando soube que tava grávida... Eeee, como família dele reagiu?

Gleice: Normal, também. Ele só tinha mãe. E irmã.

Ent: Ele só tinha mãe, né? Aí a mãe agiu normal...

Gleice: Normal

Ent: Normal seria o quê? Ela gostou, ou não gostou...

Gleice: Gostou, ué.

Ent: Antes da gravidez do Wallace, como era sua vida, seus planos e projetos de vida?

Gleice: Ah, eu não tinha nenhum.

Ent: Nenhum, né?

Gleice: Nenhum.

Ent: E após o nascimento do Wallace alguma coisa mudou?

Gleice: Também não.

Ent: Também, não, né? Continua a mesma coisa.

Gleice: É.

Ent: Antes do nascimentos do Wallace, como era sua relação com o pai de seu filho?

Gleice: Era boa

Ent: E os seus planos juntos?

Gleice: Ééééé... a gente não planejava nada não.

Ent: Como é que foi escolhido o nome do Wallace?

Gleice: Que eu escolhi.

Ent: Mas teve algum motivo especial pra você ter escolhido o nome do Wallace?

Gleice: Não, eu gostei aí coloquei.

Ent: Com o nascimento do Wallace, mudou alguma coisa na relação com o pai de seu filho?

Gleice: Não, aí, quando eu tava de 8 meses aí ele foi e me largou. Aí eu fui me embora. Morava com ele mais não.

Ent: Ah ta. Mas assim foi por causa da gravidez ou por algum outro motivo?

Gleice: Não, outro motivo. É que ele começou também a chegar bêbado em casa a querer me bater aí, eu saí de casa.

Ent: Aí você saiu de casa. Aí você foi pra onde?

Gleice: Pra casa da minha mãe.

Ent: Aí você voltou pra casa da sua mãe. Seu pai estava lá morando ainda, com seu pai?

Gleice: Tava.

Ent: No primeiro ano de vida do Wallace quem cuidou dele a maior parte do tempo?

Gleice: Minha mãe

Ent: Sua mãe, ta.

Ent: Agora vamos falar sobre família, o que define uma família pra você, Gleice?

Gleice: *(silêncio)* Ah, sei não, porque a minha família, não sei.

Ent: O que você acha que define uma família, que define que isso aqui é uma família, aqui não é uma família? O que define uma família pra você?

Gleice: Não sei te explicar isso não.

Ent: É difícil?

Gleice: É.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa hoje?

Gleice: Quatro comigo

Ent: Quatro com você...

Ent: Me dá o nome de cada um que mora na sua casa. O Luan é filho do seu parceiro atualmente?

Gleice: É. (*gravador é pausado para anotar*)

Ent: E como é que você foi morar com esse seu parceiro?

Gleice: A gente morava aí eu mudei de onde morava com meu pai, a gente foi pra um sítio, aí a gente se conheceu lá no sítio.

Ent: Então depois que você teve seu primeiro filho você foi morar com seus pais de novo e vocês se mudaram aí você conheceu o Luis.

Gleice: È.

Ent: Antes do nascimento do Wallace, quem você considerava como os seus principais membros da sua família?

Gleice: (*silêncio*) Ah, os meus irmãos, meu pai e minha mãe.

Ent: E depois que Wallace nasceu, alguma coisa mudou em relação à isso?

Gleice: Não, só acrescentou ele.

Ent: Mas ele, o pai de seu filho.

Gleice: É.

Ent: Após o nascimento do seu filho, algum parente seu passou a NÃO fazer parte daquilo que você considera como família?

Gleice: Não.

Ent: Com o nascimento do Wallace, algum vizinho ou amigo passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Gleice: Não (*agudizado*)

Ent: Não, né. Atualmente, quem você considera como família?

Gleice: Meu marido e meus filhos agora. Meus sogros agora.

Ent: Seus sogros. Que tipo de família espera que seu filho tenha?

Gleice: Ah, melhor que a minha que eu tive.

Ent: Melhor como?

Gleice: Não ter ninguém pra ficar batendo, fazendo essas coisas que meu pai fazia.

Gleice: Uma família que não tenha esse tipo de situação... *(chorou. Gravação interrompida)*

Ent: E você tem mais alguma coisa a acrescentar?

Gleice: Não.

Obrigada.

Entrevista 2: Lucilene

Entrevistadora: Lucilene, temos sempre Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Lucilene: Não sei não.

Entr: Não sabe, né? Qual o nome da sua mãe biológica?

Lucilene: Ana Lúcia

Ent: Como foi escolhido o seu nome?

Lucilene: Minha mãe que escolheu.

Ent: Ela te contou como ela escolheu...

Lucilene: Não.

Ent: E como foi sua infância, Lucilene? O que você lembra da sua infância, que mais te chamou atenção?

Lucilene: Não lembro nada não. Só lembro o que minha mãe falava só, que era muito difícil, que ela morou com a gente debaixo da ponte. Só.

Ent: E você lembra de alguma situação da sua infância que mais te chamou atenção?

Lucilene: Não, não lembro não.

Ent: Sua mãe contou que vocês tiveram uma infância difícil, né?

Lucilene: É.

Ent: Você moravam debaixo da ponte...

Lucilene: É.

Ent: E o que mais ela contava pra você?

Lucilene: Que meu avô já tinha marcado pra dar a gente pra outra pessoa aí ela foi, saiu de casa e ficou morando debaixo da ponte.

Ent: E depois como ela conseguiu uma casa?

Lucilene: Ela não falou não.

Ent: Então na hora que ela ficou grávida, seu avô não queria?

Lucilene: não.

Ent: Seu pai não quis assumir?

Lucilene: Meu pai tinha morrido, eu não havia nem nascido ainda.

Ent: Quem criou e cuidou de você quando você era criança?

Lucilene: Minha mãe.

Ent: Como é que foi a convivência com sua mãe na infância?

Lucilene: Boa, minha mãe era legal.

Ent: E quem você realmente considera como sua mãe?

Lucilene: É, minha mãe mesmo.

Ent: E como seu pai?

Lucilene: Meu padrasto, me criou desde os 5 anos de idade.

Ent: E como era a convivência com seu padrasto?

Lucilene: Boa.

Ent: Ele te tratava bem...

Lucilene: Tratava.

Ent: Quantos irmãos você tem?

Lucilene: 2

Ent: Qual o primeiro nome de seus irmãos?

Lucilene: Leonardo e Luciano.

Ent: Os dois são filhos do seu padrasto?

Lucilene: Cada um é filho de um padrasto.

Ent: E que você considera como pai, o pai do Leonardo ou...

Lucilene: O pai do Leonardo.

Ent: Como era a convivência com seus irmãos? Com o Leonardo e o Luciano?

Lucilene: Boa, legal.

Ent: Vocês se falam até hoje...

Lucilene: Se falam.

Ent: Agora vamos falar um pouco mais sobre sua adolescência sua gravidez. Como foi sua adolescência?

Lucilene: Foi boa, meu primeiro filho todo mundo aceitou...Foi bom, fui pra casa da minha sogra, morei com minha sogra, aí depois eu comprei uma casa pra mim.

Ent: E qual o nome do seu primeiro filho?

Lucilene: João Marcos.

Ent: Como é que você descobriu que estava grávida do João Marcos, do seu filho?

Lucilene: Minha menstruação parou de descer.

Ent: Aí o que você foi fazer?

Lucilene: Fiz exame. Aí deu positivo.

Ent: Ao saber da gravidez, como você reagiu?

Lucilene: Ah, levei um susto, né? Fiquei com medo de contar pra minha mãe, da reação dela. Mas foi tranqüila, chamei elas toda, fomos na casa da minha sogra, contamos pro meu marido e fui morar na minha sogra e depois fui e comprei uma casa pra mim.

Ent: E como o pai do seu filho reagiu?

Lucilene: Ficou bobo, né? Ele era novinho...

Ent: A sua família e a família dele reagiu bem?

Lucilene: Sim, âhn, âhn.

Ent: Antes da gravidez do João Marcos, como é que era sua vida?

Lucilene: Era melhor, né? A gente depois que tem um filho, muda tudo. Minha mãe me dava tudo, essas coisas. Eu morava na casa da minha mãe. Era melhor. Mas não tá ruim também não.

Ent: E o que mudou com nascimento dele?

Lucilene: tudo, né, não saio mais. Agora tenho que arrumar um emprego, antigamente não trabalhava, tudo.

Ent: Então era melhor antes, né?

Lucilene: Isso.

Ent: E quais eram seus planos antes de engravidar, o que você queria pra sua vida, o que você pensava...

Lucilene: Eu não pensava nada não. Só estudava mermo. Queria terminar meus estudos, mais...

Ent: com a gravidez, né?... E antes dessa primeira gravidez, como era a relação com o pai de seu filho?

Lucilene: Boa

Ent: E depois da gravidez, alguma coisa mudou?

Lucilene: Não.

Ent: E quais eram seus planos cm ele? Você tinha algum plano com ele?

Lucilene: Não, a gente só pensava em morar junto mermo.

Ent: De fato aconteceu, depois da gravidez, né?

Lucilene: É.

Ent: Como foi escolhido o nome do seu filho?

Lucilene: A avó, que escolheu. Foi através do irmão da avó, que morreu.

Ent: Foi ele quem escolheu?

Lucilene: Ele morreu. Ai botaram o primeiro nome dele.

Ent: E o Marcos?

Lucilene: Aí foi a gente que escolheu o Marcos.

Ent: Ah. É um nome bonito. Éh, quem mais te apoiou nesse período da sua vida?

Lucilene: Meu marido.

Ent: No primeiro ano de vida do seu filho, quem cuidou dele a maior parte do tempo?

Lucilene: Eu.

Ent: Agora pra gente finalizar, o que define uma família pra você?

Lucilene: Tudo, né? Alegria... é importante ter uma família.

Ent: É importante ter uma família. Quantas pessoas moram com você?

Lucilene: Quatro.

Ent: Qual o primeiro nome de cada um?

Lucilene: João Paulo, marido. Kauany, filha. João Marcos e eu.

Ent: Antes do nascimento do João Marcos, quem você considerava como seus principais membros da sua família?

Lucilene: Minha mãe.

Ent: Com o nascimento do João Marcos, alguma coisa mudou em relação a isso?

Lucilene: Não.

Ent: Continuou sendo sua mãe. Com o nascimento do João Marcos, algum membro passou a não fazer daquilo que você considera como família?

Lucilene: não.

Ent: E após o nascimento do João Marcos, algum vizinho ou amigo passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Lucilene: Não.

Ent: Atualmente, que você considera como família?

Lucilene: Minha mãe, meu padrasto, meu marido, meus irmãos e minhas tias.

Ent: Que família você espera que seu filho tenha?

Lucilene: Uma família boa, né.

Ent: Como que é uma família boa?

Lucilene: Um ajudando o outro, sem brigas, sempre unido um com outro.

Ent: Você quer acrescentar mais algumas coisa, sobre família, pai, mãe...

Lucilene: Não.

Ent: Obrigada.

Entrevista 3: Tatiana

Entrevistadora: Temos Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Tatiana: Luis Gomes da Silva

Ent: E o nome da sua mãe?

Tatiana: Vânia Vicente da Rocha

Ent: E como foi escolhido seu nome, você sabe Tatiana?

Tatiana: Pela minha avó.

Ent: Tua avó gostava do nome, o que é?

Tatiana: Minha bisavó mandou ela colocar. Ela gostou do nome.

Ent: E você sabe porque ela gostou do nome?

Tatiana: Não.

Ent: Não, né? Como é que foi a sua infância, Tatiana?

Tatiana: Teve momentos bons, teve momentos ruins também. Mas nessa vida a gente tudo a gente supera.

Ent: E o que você lembra da sua infância que mais marcou?

Tatiana: os meus pais juntos e sendo feliz, amada pela minha mãe.

Ent: E você lembra de uma cena, alguma coisa importante da sua infância... o que você lembra?

Tatiana: Da minha mãe.

Ent: E por que você lembra da sua mãe?

Tatiana: Porque foi ela quem me deu mais carinho.

Ent: Ela que te deu mais carinho, hum. Você lembra alguma cena com sua mãe?

Tatiana: Lembro. Me levava pra escola e me levava pra pracinha pra mim poder brincar.

Ent: Ah sim. Quem criou e cuidou de você a maior parte do tempo, foi sua mãe?

Tatiana: Foi.

Ent: E como foi a sua convivência com seus pais?

Tatiana: Foi boa.

Ent: E com você considera como sua mãe, sua mãe mesmo?

Tatiana: minha mãe.

Ent: E quem você considera como seu pai mesmo?

Tatiana: Pai quando a gente mais precisa tem que estar do lado. Pai e mãe é tudo pra mim. Só minha mãe faz papel de pai e mãe.

Ent: Ah, então sua mãe faz papel de pai e mãe?

Tatiana: Minha companheira, minha amiga pra tudo.

Ent: Ah, então você considera sua mãe como seu pai e sua mãe?

Tatiana: Isso.

Ent: Quantos irmãos você tem?

Tatiana: duas

Ent: Então me diz o nome de cada um (*gravador é pausado pra anotar*) E como era a convivência com seus irmãos?

Tatiana: era boa.

Ent: Você lembra de alguma cena, alguma situação com seus irmãos...

Tatiana: Olha, a gente teve uma infância muito amiga, a gente era muito companheira uma da outra. Quando a gente saía da escola, a gente ia pra praia, jogava bola. A gente estudava junto. A gente sempre junto, sempre junto. Só nos separamos quando minha irmã foi e se casou.

Ent: E ela era mais velha?

Tatiana: Ela tinha 14 anos.

Ent: 14 anos. Agora vamos falar mais sobre sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência e sua gravidez?

Tatiana: Minha adolescência foi... assim, não tinha muito a minha mãe, coitada, do meu lado. Trabalhava em três serviços pra poder sustentar a gente. Então, dizem que as nossas amigas influem coisas ruins na nossa cabeça. A gente como é boba, não tem muita orientação da vida acaba caindo. Então, na minha adolescência eu peguei a gravidez foi mais por... como posso te dizer... foi mais por.... ai meu Deus...por causa das amigas. Eu me deixei... (*fala baixinho*) To falando muito?

Ent: Não pode falando, não tem problema. Qual o nome do seu primeiro filho que nasceu?

Tatiana: Todo? Alexsandro... (*pausa pra escrever*)

Ent: Como é que você descobriu que estava grávida do Alexsandro?

Tatiana: Quando cheguei no quinto mês de gravidez, aí eu fui no médico, o médico falava que era inflamação e tudo. Aí só quando eu fui no Paulino Werneck e tudo foi quando descobriu que era gravidez.

Ent: Ao saber da gravidez, como é que você reagiu?

Tatiana: Eu fiquei muito assustada pra contar pra minha mãe. Mas minha mãe foi aquela mãe, me ajudou, me compreendeu, ficou do meu lado. Pô, minha filha, nessa vida a gente vai superar tudo. Nunca deixei vocês, também não quero que você tire, não quero que você fique nervosa. A gente tem a força de Deus, a gente vai superar. Vamos em frente, porque é uma vida que tem dentro de você e que não pediu pra vir ao mundo. Então a gente vai arcar com as conseqüências desse mundo.

Ent: E como o pai de seu filho reagiu?

Tatiana: Reagiu mal, ele falou que não era dele, porque eu só tinha ele, como meu companheiro. Ele falou: você tem certeza que o filho era meu filho mesmo? Agora, depois que o garoto tem 4 anos que... a última vez que eu vi ele em Nova Iguaçu, ele falando ah eu quero ver a criança pra saber se é meu filho mesmo, quero fazer teste de DNA, o pai não é quem faz é quem cria, o pai dele agora é meu marido, que é o pai da Bruninha, ele falando, ah, mas eu quero ver o garoto, não precisa ver nada, porque ele tem o amor que ele não encontrou nos seus braços que ele encontrou no pai dele mesmo que é o Alexandre.

Ent: E como é que sua família reagiu, você falou que sua mãe reagiu bem, acolheu você... e seus outros irmãos, sua família como é que reagiu?

Tatiana: Reagiram bem porque minha irmã também teve cedo, minha irmã do meio, a Érica, teve com 13 anos, então minha mãe sempre foi companheira da gente, conversava com a gente, orientou a gente e tudo e a gente não dava muito ouvido. Então, as minhas irmãs reagiram bem sobre a minha gravidez e foram umas amigas pra mim.

Ent: Àquela sua irmã que casou com 14 anos, ela casou grávida?

Tatiana: Não, ela teve um filho foi com 16 anos.

Ent: E você já tava grávida, na época que ela casou... como foi?

Tatiana: Não, ela teve filho com 16 anos e no momento eu trabalhava.

Ent: E como é que a família do pai de seu filho reagiu?

Tatiana: Até hoje eles não sabem, ele esconde de todo mundo. Ele só quer saber só ver a criança, porque minhas colegas falam que é a cara dele, a criança e ele fica, ah, eu quero ver, quero fazer o teste de DNA. Mas a família dele até hoje não sabe, que ele é pai. Ele é da Marinha.

Ent: Ah, entendi. Ele é oficial?

Tatiana: Não, ele é sargento.

Ent: Ah sim. Ele tem outra família?

Tatiana: Que eu saiba, não.

Ent: Mas mesmo assim, ele não quer que a família saiba.

Tatiana: Não.

Ent: Antes de saber da gravidez, como era sua vida, quais eram seus planos, seus projetos...

Tatiana: Ah, voltar os estudos e dar uma boa vida pra minha mãe. Vou ser sincera com vocês, a gente mora numa comunidade violenta, que a gente não vai participar da violência, a gente dar o melhor, pros nossos filhos, pras nossas mães, em dar o nosso melhor, acabar nossos estudos em ser alguém na vida. Porque a gente mora numa comunidade, pode ser até no asfalto, a gente vê tanta violência que a gente vai se revoltar e a gente tem que pedir a força de Deus que a gente vai superar tudo, pode vir luta, pode vir provocações, que Deus está sempre na frente pra gente poder vencer na vida.

Ent: Quais eram seus planos e projetos de vida antes da gravidez?

Tatiana: Terminar meus estudos, fazer uma faculdade, trabalhar e dar uma vida melhor pra minha mãe.

Ent: E depois da gravidez alguma coisa mudou?

Tatiana: Um pouco.

Ent: O que mudou?

Tatiana: Ficou um pouco mais difícil voltar aos estudos, pra poder trabalhar precisa de uma creche pra poder botar as crianças, isso é difícil conseguir, até numa comunidade carente, é difícil. Meu sonho é dar uma casa própria pra minha mãe. Eu tenho fé em Deus que eu vou conseguir, vou conseguir realizar esse sonho, vou conseguir dar uma casa própria pra minha mãe.

Ent: Antes da sua primeira vez, como era a sua relação com o pai de seu filho? Era boa, não era, como é que era?

Tatiana: Era regular. No momento que ele tava na minha frente ele me tratava bem. Mas pros outros ele me maltratava. Tinha momentos bons e momentos ruins. Ele me tratava bem quando ele queria algo além sempre fui daquelas bobinhas, então quando ele me tratava mal e depois vinha com palavra doce eu caía.

Ent: E quais eram seus planos com ele? Você tinha planos...

Tatiana: Tinha planos com ele, em construir uma família. Mas esses planos com ele foram por água abaixo porque o que Deus uniu não separa o homem, Deus não quis com ele e me colocou uma pessoa boa pra construir minha família.

Ent: E como foi escolhido o nome do Alexsandro?

Tatiana: Foi pelo pai dele. Pai dele que agora está comigo, o pai da menina, a gente escolheu que o nome dele seria Alexsandro, da minha mãe é Sandra e dele Alexandre. E aí? A gente faz o quê? Pra não ter briga, põe Alexsandro.

Ent: E com o nascimento do Alexsandro, como ficou a relação com o pai de seu filho?

Tatiana: Ele nasceu e ele não sabia que eu tinha tido a criança e não teve mais contato. Quando ele fez dois anos, eu fui com minhas colegas em Nova Iguaçu. “Tatiana, quem é esse menininho?” “É meu filho” “Teu filho?” “Você teve o filho do Anderson?” “Eu tive”. Ele descobriu que eu tava grávida, eu falei e ele na acreditou. Mas agora pela boca dos colegas dele ele acabou confirmando.

Ent: Ele não acreditava que você estava grávida.

Tatiana: Isso. Pensava que era o famoso golpe da barriga.

Ent: E depois você perdeu o contato com ele.

Tatiana: Perdi, perdi. Porque ele viaja muito.

Ent: Ah, entendi. Quem que te apoiou mas nesse período da vida?

Tatiana: Minha mãe e meu esposo. Minha irmã também, a Érica.

Ent: Durante a gravidez, você já começou a namorar seu companheiro atual?

Tatiana: No quinto mês já comecei a namorar com ele. E quem mais começou a me apoiar foi ele, porque minha mãe tinha que ir pra Copacabana, porque ela trabalhava lá e minha mãe foi morar em Nova Iguaçu com minha irmã porque ela morava lá, não tinha ninguém com quem deixar as crianças e aí quem mais esteve do meu lado foi ele, o tempo todo. Por isso é que eu falo, pai é aquele que cria, está sempre do meu lado. A gente não é um casal, a gente é amigo, a gente é companheiro, a gente irmão a gente é tudo, é um querendo o bem do outro.

Ent: No primeiro ano de vida do Alexsandro, quem cuidou dele a maior parte de tempo, foi você mesmo?

Tatiana: Nós dois juntos.

Ent: Agora vamos falar sobre família, o que define uma família pra você?

Tatiana: Família pra mim é quando a gente mais precisa está do nosso lado, ta na pior está com a gente. Família pra mim é tudo.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa hoje?

Tatiana: Eu moro com minha sogra. Na casa da minha sogra moram quatro pessoas, eu, meu esposo, Alexsandro e Beatriz.

Ent: Antes do nascimento do Alexsandro, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Tatiana: Eu considerava minha mãe, meus irmãos, todo mundo, até os parentes dele mesmo, como pai, mãe e irmãos eu considerava como meus parentes mesmo porque eu tenho marido tenho filhos vou chamar só eles de família. Família é tudo.

Ent: E com o nascimento do Alexsandro, alguma coisa mudou em relação a isso?

Tatiana: Mudou. Eu tenho que dar mais atenção à ele, mas também não posso deixar de dar mais atenção a minha mãe e minhas irmãs. E sempre estou com a porta aberta pra eles.

Ent: Depois do nascimento do Alexsandro, algum parente passou a não fazer parte daquilo que você considera como família?

Tatiana: Não, é no momento que a gente está junto, a gente é uma família. A partir do momento que não mora junto, são parentes que moram fora. Depois que a gente sai de casa, depois que a gente vai morar fora, a gente passa a conviver com o companheiro, família é quando a gente mora junto.

Ent: E com o nascimento do Alexssandro, algum vizinho ou amigo passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Tatiana: Não.

Ent: Atualmente, quem você considera como sua família?

Tatiana: Meus filhos e meu esposo.

Ent: E que família que você espera que seus filhos tenham?

Tatiana: Uma família, boa, uma família unida, uma família que vive na mais completa paz e amor, principalmente dentro de casa.

Ent: E Tatiana, você tem mais alguma coisa a dizer sobre família, sobre gravidez, sobre casamento, enfim, sobre o que você quiser falar.

Tatiana: Eu acho que as pessoas hoje e dia, nesse mundo que nós vivemos, tá muito diferente do mundo que era antes. A adolescência, os adolescentes só querem saber de farra, não querem saber de se prevenir que a adolescência hoje em dia tem que ter o companheirismo dos pais, poder conversar sobre o que é um preservativo, o que é um uso de um anticoncepcional, porque pra gente pensar em ter filhos hoje em dia, a gente tem que pensar no futuro deles, né, porque a gente vai achar que é bom, a gente vai praticar, pra gente ter um relacionamento hoje em dia, a gente tem que pensar no companheiro que a gente vai ter, pra dar o melhor pra eles, porque não é todo mundo que quer, como se diz, arcar com as conseqüências, as responsabilidades da nossa vida.

Ent: Tá certo, Tatiana, muito obrigada pela entrevista.

Entrevista 4: Edinéia

Entrevistadora: Edinéia, qual o nome o seu pai biológico?

Edinéia: José Damião dos Santos.

Ent: E qual o nome d sua mãe biológica?

Ednéia: Doralice da Silva de Oliveira Santos.

Ent: Como foi escolhido seu nome, você sabe assim, tem alguma idéia?

Ednéia: Não

Ent: Nunca perguntou pros seus pais...

Ednéia: Não, nunca tive essa curiosidade.

Ent: E me conta um pouquinho, como foi sua infância, as cenas que aconteceram na sua infância...

Ednéia: Ah, minha infância foi complicada, duuuura, muuuuuito dura, ainda mais que com 12 anos meu pai faleceu e minha mãe criou eu e meu irmão sozinha, lavando roupa pra fora, e as dificuldades que foram acontecendo. Só melhorou mais quando eu tinha 15 anos e minha irmã tinha 18, nós duas estávamos trabalhando e pode ajudar minha mãe a construir a casa, terminar as obras, só assim melhorou, quando a gente começou a trabalhar mesmo.

Ent: Que cena você lembra de mais marcante na sua infância?

Ednéia: Aaaaaaaaaaaaaaaaaah, ah, a minha infância foi lá na comunidade de Vigário Geral, né? Quer dizer, foi a época que teve aquela chacina, quer dizer, a gente vivia naquele clima de guerra, não tinha nem aquela liberdade de ir pra uma praça, brincar, era mais ali, presa, dentro de casa pro colégio. Mas brincava na rua um pouco. Mas eu sempre fui muito muito presa, devido a guerra do local, na dava pra ter aquela liberdade, diferente do que os meus filhos tem hoje, de brincar na rua, com uns tiros de vez em quando mas eles tem mais liberdade com três anos do que eu tive na minha infância toda.

Ent: Entendi. E o quem mais cuidou de você quando você era criança?

Ednéia: Sempre minha mãe. Meu pai era alcoólotra, até morreu de cirrose. Er amais minha mãe.

Ent: E com a convivência com seu pai? O que você lembra?

Edinéia: Meu pai ele nunca foi de dar carinho de abraçar. Ele era hiper reservado. Mas em compensação nunca deixou faltar na pra mim nem pro meu irmão, independente de beber ou não o que ele podia dar ele sempre deu.

Ent: E a convivência com sua mãe?

Edinéia: Com minha mãe a gente tinha 100% de liberdade com ela. A hora que a gente vai ela ta ali, é só a gente ligar que ela vem correndo... com ela, não tem tempo ruim, ela ta sempre aí.

Ent: Como foi a convivência com sua irmã?

Edinéia: A gente é muito amiga, sempre foi, por ser só nós duas só, tinha que ajudar minha mãe, a gente sempre foi muito unida. Até hoje.

Ent: E quem que você considera realmente como sua mãe, sua mãe mesmo?

Edinéia: Sim, minha mãe.

Ent: E seu pai?

Edinéia: Também. Meu pai morreu quando a gente era pequeno. A gente era apegada com ele mas nem tanto. Devido a ele beber muito, ele ficava na rua, no trabalho, na rua e no trabalho, a gente não tinha aquele apego com ele não, nem ele nem minha irmã.

Ent: Qual nome da sua irmã?

Edinéia: Evelin (*pauda no gravador*)

Ent: Agora vamos falar sobre sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência?

Edinéia: A minha adolescência pra mim começou mais quando eu comecei a trabalhar, porque já tinha condições de sair, de conhecer novos amigos e trabalho é assim, né? Tem condição de conhecer um bando gente. Comecei estudar à noite, e aí tinha mais liberdade ainda... foi no 2º ano do 2º grau que conheci o pai do meu filho, aí foi namorar e foi uma loucura, numa semana de namoro a gente já foi morar junto. Isso já vem 4 anos. Com uma semana de namoro, ele já era separado, tinha casa própria, tme uma filha, que mora até na Penha. Aí ele já tinha casa própria, aí eu fui morar com ele... aí com 6 meses que eu tinha ido morar com ele eu engravidei do meu primeiro filho. Ele tem 3 anos. Agora, por erro da minha injeção eu estou grávida de 1 mês.

(*risos*)

Ent: Então você lembra da sua adolescência trabalhando...

Edinéia: Trabalhando, comecei minha adolescência mais trabalhando. Estudando à noite aí deslanchou. Porque devido minha mãe ter que criar eu e minha irmã sozinha, construir uma casa, porque a gente não tinha casa, morava num barraco, depois do barraco meu pai morreu. Construiu a casa todinha lavando roupa pra fora. Ela não tinha dinheiro pra dar pra gente passear, só pra casa, pra casa, pra casa, pra casa, quer dizer quando eu e minha irmã começou a trabalhar, começamos a teve vida. Pra ter um pouco de liberdade.

Ent: ãnh, ãnh. Qual o nome do seu primeiro filho? (*pausa pra anotar*) Edinéia, me diz uma coisa, como é que você descobriu que estava grávida do Mateus?

Edinéia: Ah fui fazer um exame preventivo, a médica não viu que eu estava grávida, ela fez o preventivo normal, eu quase desmaiei na sala dela, vomitando, ela me passou uns remédios fortes dizendo que eu estava com uma doença no útero. Fiz 3 exame de urina e 1 de sangue os quatro deu negativo e eu grávida dele. Tomando muito remédio forte,

prestes a perder ele, tendo muito sangramento e nada, quando bati a ultra é que deu que eu tava com dois meses dele.

Ent: Nossa, e nos exames não deu nada.

Edinéia: Não deu nada e eu prestes a perder ele, só não perdi pro milagre.

Ent: E ele nasceu...

Edinéia: Ele nasceu terrivelmente terrível, cheio de saúde.

(risos)

Ent: Quando soube da gravidez, como é que você reagiu?

Edinéia: Primeiro, fiquei meio desnorreada porque nem sabia pegar ele no colo quando ele nasceu. Mas fazer o quê? A gente tem que aprender, né? Filho, tem que ter responsabilidade, quando chorar, acordar de madrugada, quando eles começam a falar, começava a pedir tudo aí tentar fazer as vontades dele um pouco. Ainda mais quando a família ajuda, porque o pai dele trabalhava sozinho, agora ele está trabalhando (*não entendi*) eu não deixo ele com ninguém, eu que tenho que cuidar dele, eu que tenho que cuidar dele direto, nem com o pai dele. Agora que eu comecei a trabalhar, o pai dele toma conta dele, ele alugou a combi, aí o motorista trabalha na combi, ai ele fica com ele. Mas só deixo com o pai dele, porque eu sei que não está maltratando ele, eu trabalho de tarde e de noite, aí eu trabalho tranqüila, porque sei que ele está tomando banho, está comendo direito. Por que como é que você ai pro trabalho sem saber se teu filho está bem? Não tem quem consiga trabalhar bem. Fui descobrir que estava grávida desse... minhas gravidez são um caso sério. Pressão baixa todo dia o dia inteiro, os 9 meses... quando fui ter ele quase morri, porque deixaram resíduo de placenta dentro de mim...

Ent: Ai, meu Deus.

Edinéia: Aí fiquei internada 1 mês na Pró-Matre, pra fazer um monte de coisa, tomar sangue... mas assim mesmo não me abati não, porque mesmo, apesar de tudo, você tem que cuidar do seu filho, ele ta ali agora pra vida toda, até quando estiver aí, até quando Deus quiser, né? Essas filhas tem aí hoje em dia filho e quer que a avó tome conta, não é a avó que tem que tomar conta, você que tem que tomar conta, larga as festas de lado, larga os bailes de lado, é você que tem que tomar conta, vai gostar de criança.

Ent: Agora é outra festa...

Edinéia: É, é outra festa. Eu falo até com meu esposo, onde o Mateus não pode entrar não é lugar pra nós dois, ele não gosta que eu fale com ele mas falo isso com ele direto.

(risos)

Ent: Como ele reagiu?

Edinéia: Aaaaaaah, ele adorou. Também quando bateu a ultra e viu que era um filho homem, que ele queria tanto, o herdeiro dele, meu herdeiro.

Ent: Porque ele tinha uma filha antes, né?

Edinéia: Filha, ela tem 7 anos. Ele era dooooooooooído pro um menino, louco, de paixão. Aí veio o que ele queria, aí ele ficou mais alegre ainda.

Ent: Tá certo. E como sua família reagiu quando soube da gravidez?

Edinéia, Ah, adorou. Principalmente por ser menino. Porque é uma família que tem muita mulher, muuuuita mulher, nenhum homem, aí elas ficaram todas felizes.

Ent: E a família dele?

Edinéia: Minha sogra também gosta, ela tem 8 netos, a minha mãe gostou muito mais porque era o primeiro neto dela, né? Minha irmã, o único sobrinho... então a minha família muito mais apegada à ele. Eu moro em cima da casa da minha sogra e minha mãe mora em Caxias, ele prefere ir pra Caxias do que descer pra casa da minha sogra.

Ent: ah ta. Antes da sua gravidez, quais eram seus planos e projetos de vida?

Edinéia: Ah, eu estudava e trabalhava. Nunca gostei de ficar parada em casa, eu sempre gostei de trabalhar. Pensava em terminar o segundo grau e continuar estudando, né. Mas quando faltava um ano eu descobri que estava grávida do Mateus aí eu não fiz, né? Fiquei com pena de deixar ele recém nascido ir pra escola. Aí eu não fiz.

Ent: E o que mais mudou com o nascimento do Mateus?

Edinéia: Ah, a responsabilidade. Não é só dar comida, dar banho. É 24 hs, deixa a gente ligadíssima, 24 hs você ali e tendo que cuidar, hora pra isso, hora pra aquilo, é uma pontualidade, ah é uma dificuldade tremenda (*uma fala risonha*)

Ent: E como foi escolhido o nome do Mateus?

Edinéia: O pai dele queria um nome bíblico, vamos escolher Gabriel e no final da briga foi escolhido Mateus. Nós dois concordamos que gostávamos de Mateus, aí escolhemos Mateus.

Ent: E mudou alguma coisa em relação ao seu marido?

Edinéia: Não, pelo contrário, até melhorou, ele não era muito caseiro, gostava de rua, mas depois que o Mateus nasceu ele viu que tinha que dar uma trava, né? Porque agora com família, né? Uma coisa é você morar sozinho, não ter hora pra comer, queria só comer hambúrguer, mas agora tem que almoçar, lancha, jantar, acalmar um pouco, aí ele ficou até mais caseiro.

Ent: Quem mais te apoio nesse período da sua vida, quando você engravidou pela primeira vez?

Edinéia: Aaaah, minha mãe, minha mãe, minha mãe, se deixar ela leva ele pra passar uma semana lá. Ela fala que é a vida dela. Se ela sabe que ele está gripado ela vem correndo, tudo é ele.

Ent: E no primeiro ano de vida, quem cuidou dele a maior parte do tempo?

Edinéia: Eu, eu mesma. Minha mãe sempre trabalha. Mesmo eu vindo morar aqui, e eu e minha irmã ajudando ela não consegue ficar sem trabalhar, ela tem a casa dela, os compromissos dela e eu sempre cuidei dele sozinha.

Ent: Agora vamos falar de família pra finalizar, o que define uma família pra você?

Edinéia: Uma família? (pausa) Uma família tem que ser unida primeiramente, independente, ah, eu não queria gravidez, não importa, não importa, tentar viver, tentar se dar bem, porque criar filho com guerra, mora num lugar que é guerra, o tempo inteiro, se a família não se unir, né? Daqui a pouco ninguém mais agüenta. As pessoas tem que parar de ficar olhando a vida do outro, né? Ah, o outro está com condição melhor, ele tá? Maravilha, amar o bem, né? A família tem que ser unida, né? O máximo possível, é essencial dentro de uma casa. Se não tiver dentro de uma casa é impossível viver bem, né?

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa? Você, seu marido e Mateus, né?

Edinéia: Isso.

Ent: Antes do nascimento do Mateus, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Edinéia: Mesmo com ele e sem ele sempre considerei minha mãe e minha irmã essencial. Desde pequena é quem me apóia até hoje. Tem gente que quando casa pensa mãe, mãe é diferente. Mãe e irmã você não pode abandonar, as outras famílias você pode. Os outros são parentes, pareceentes, né, o próprio nome diz. Mas mãe e irmã nunca vira parente, né? Sempre é família.

Ent: Entendi, então depois do nascimento do Mateus, nada mudou?

Edinéia: Ainda mais que elas vivem lá em casa e eu vivo na casa dela aí que não muda nunca.

Ent: Com o nascimento do Mateus. algum parente passou a não fazer parte daquilo que você considera como família?

Edinéia: Não, até porque minha família ama ele.

Ent: Com o nascimento do Mateus, algum amigo ou vizinho passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Edinéia: Não, até porque eu moro aqui a pouco tempo e não costumo ficar na rua, eu tenho minhas amizades, tenho meus conhecidos mas nenhum considero como da minha família. Tem alguns colegas que gostam muito da gente, mas às vezes a gente se engana com as amizades. Então eu prefiro ficar mais reservada.

Ent: Atualmente, quem você considera como família?

Edinéia: Atualmente, meu esposo, meu filho e a mãe e minha irmã. Independente do que acontecer, minha mãe e minha irmã, e agora mais esse que vai vir agora.

Ent: E que tipo de família que você espera pro seu filho?

Edinéia: Ah, eu espero que eles tenham compromisso, primeiramente. E respeitem as suas esposas, primeiramente, pra ser criado numa união como graças a Deus, como é lá em casa. Porque hoje em dia, os casamentos estão acabando igual como se fosse um namoro. Espero que eles aprendam a respeitar suas esposas.

Entrevista 5: Priscila

Ent: Qual o nome do seu pai biológico?

Priscila: Celso Luis Martins de Souza

Ent: E da sua mãe biológica?

Priscila: Rosângela Soares de Souza

Ent: E como foi escolhido o seu nome, você sabe?

Priscila: Olha, eu não sei não.

Ent: Seus pais nunca comentaram nada?

Priscila: Só falou uma vez que meu avô queria colocar penicilina.

Ent: Penicilina? (*risos*)

Priscila: Aí quando meu pai falou, foi minha mãe lá que escolheu o nome de Priscila.

Ent: E como foi sua infância, Priscila?

Priscila: Ah, não foi muito boa não.

Ent: O que você lembra de mais marcante na sua infância?

Priscila: Quando meu pai jogou minha mãe no rio.

Ent: O quê?

Priscila: Quando meu pai jogou minha mãe no rio.

Ent: Como foi isso pra você?

Priscila: Fiquei passada, né? Pensei que minha mãe estava morta, fiquei até com raiva do meu pai na época. Pessoa que bebe é assim mesmo.

Ent: Ah, ele era alcoólotra...

Priscila: Agora ele melhorou. Parou, está na igreja agora.

Ent: E o que você mais das suas cenas da infância?

Priscila: O que eu lembro mais foi isso mesmo. O resto não tenho que reclamar não.

Ent: E quem mais cuidou de você quando você era criança?

Priscila: Minha mãe.

Ent: E como era a sua convivência com sua mãe?

Priscila: É ótima até hoje. Não tenho o que reclamar não. Minha mãe é minha amiga, é companheira, pra tudo.

Ent: E como foi a convivência com seu pai?

Priscila: (*silêncio*) É um paizão também, não tenho o que reclamar, não. Depois o que aconteceu com minha mãe, ele ta na Igreja, não tenho o que reclamar não. Sempre foi um pai atencioso, carinhoso. Até hoje ele é um paizão pra mim. Nunca mudou nada.

Ent: Quem você considera realmente como sua mãe?

Priscila: Olha, eu amo minha mãe, sou apaixonada. Mas é minha avó.

Ent: Por que?

Priscila: Por um bom tempo, quando já tinha sete anos de idade, ela me pegou pra criar. Fiquei lá por três anos. Aí ela foi uma mãezona pra mim, a gente morava no rio. Pelo o que eu tenho de vivência hoje, se não fosse a minha avó... por isso eu considero a minha avó.

Ent: E quem você considera como seu pai?

Priscila: Meu pai mesmo. Não tem outro não. Aquele ali eu não troco.

Ent: E quantos irmãos você tem?

Priscila: Dois, comigo três.

Ent: Qual o nome deles:

Priscila: Daiana e Daiane.

Ent: São filhos do mesmo pai e da mesma mãe?

Priscila: São.

Ent: Como era a convivência com seus irmãos:

Priscila: É ótima.

Ent: Na infância também?

Priscila: Também. Uma está casada e a outra mora com meu pai. Até hoje é ótima. São muito amigas também.

Ent: Foram criados juntos?

Priscila: Foram todos criados juntos.

Ent: Quando você foi pra sua avó, eles também foram?

Priscila: Não, eles ficaram ainda um pouquinho.

Ent: Ficaram com sua mãe e com seu pai...

Priscila: Ficaram com minha mãe.

Ent: Seus pais se separaram um período, né?

Priscila: É. Na verdade dois meses, depois eles voltaram.

Ent: Foi agora ou faz um tempo.

Priscila: Ah, faz um tempo. Foi só dois meses, só pra esfriar a cabeça.

Ent: Agora vamos falar um pouco sobre sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência, Priscila?

Priscila: Foi um pouco difícil. Porque tinha quando tinha 17 anos, eu me perdi com 17 anos, meu pai proibiu de namorar esse rapaz, porque ele era mais velho. Aí eu decidi sair de casa. Aí eu fugi de casa, fui morar um pouco longe, com pai do meu filho. Aí depois de três meses, meu pai apareceu. Me deu uma broooooonca, mas depois ficou tudo bem.

Ent: E qual o nome de seu primeiro filho?

Priscila: Lucas.

Ent: E como você descobriu que estava grávida do Lucas?

Priscila: Olha eu tomava remédio, aí eu parei de tomar remédio porque eu queria engravidar. Eu já morava com o pai do meu filho. Já tinha parado seis meses de tomar remédio. Aí um dia senti enjôo, aí fiz a ultra e descobri que estava grávida.

Ent: Ao descobrir que você estava grávida, como é que você reagiu?

Priscila: Dei pulos de alegria. Só fiquei triste porque era uma menina, porque eu queria um menino. Mas agora está vindo um menino.

Ent: E como o pai do seu filho reagiu?

Priscila: Bem, reagiu bem.

Ent: E como sua família reagiu?

Priscila: Meu pai não gostou, não. Mas agora ele é o xodó, da casa do meu pai é o meu filho. Mas na hora nenhum pai gosta. Mas aceitou.

Ent: E sua mãe? E suas irmãs?

Priscila: Adoraram.

Ent: E como a família dele reagiu?

Priscila: Ótimo também. A família dele é maravilhosa, não tenho o que reclamar não.

Ent: Antes da gravidez do Lucas, como era sua vida, quais eram seus planos, seus projetos de vida?

Priscila: Olha, quando eu tive o Lucas eu morava de aluguel, eu tinha a idéia de construir minha casa própria. Então pra mim, não foi nada demais não.

Ent: E antes da primeira gravidez, como era a relação com o pai do seu filho?

Priscila: Bem, sem problemas, bebia um pouquinho. Mas está bem, graças a Deus.

Ent: E o que mudou com o nascimento do Lucas?

Priscila: Nada, tudo a mesma coisa.

Ent: Como foi escolhido o nome do Lucas?

Priscila: O pai. O pai e minha mãe. Minha mãe escolheu Lucas e o pai escolheu Yuri, aí ficou Lucas Yuri.

Ent: E quem mais te apoiou nesse período da sua gravidez?

Priscila: Minha mãe.

Ent: Agora vamos falar sobre família, o que define uma família pra você?

Priscila: Tudo, se não tiver família... por isso tem pessoas que moram na rua. Pra mim, família é tudo, não tem nem o que dizer.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa?

Priscila: Três. Eu, meu marido e meu filho.

Ent: No primeiro ano de vida do Lucas, quem cuidou dele a maior parte do tempo?

Priscila: Minha mãe. Ela cuidou dele porque eu era mãe de primeira viagem, pensava que filho era uma boneca. Ela cuidou dele um bom tempo pra mim, os três primeiros meses ela cuidou pra mim. Depois eu tive que cuidar porque ela teve que trabalhar, né? Mas eu cuidei também. Mas a maioria do tempo foi ela.

Ent: Antes do nascimento do Lucas, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Priscila: Meu marido.

Ent: E depois do nascimento do Lucas, alguma coisa mudou?

Priscila: Mudou, entrou o meu filho.

Ent: Após o nascimento do Lucas, algum parente passou a não fazer parte daquilo que você considera como família?

Priscila: Não.

Ent: E com o nascimento do Lucas, algum vizinho ou amigo passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Priscila: Não.

Ent: Atualmente, quem você considera como família?

Priscila: Eu, meu marido e meu filho.

Ent: Que família você espera que seu filho tenha?

Priscila: Uma família igual eu tive, uma família que cuide dele, que goste dele. Uma família igual eu tive, espero que seja assim.

Ent: E tem mais alguma coisa, Priscila, pra acrescentar?

Priscila: Não, não tem não.

Ent: Obrigada.

Entrevista 6: Liliane

Entrevistadora: Temos Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Liliane: Paulo

Ent: E o nome da sua mãe biológica?

Liliane: Nice

Ent: Como foi escolhido seu nome, Liliane, você sabe?

Liliane: (silêncio) Não sei meu nome, não.

Ent: Não?

Liliane: Não.

Ent: Como foi sua infância, Liliane? Fatos, situações ou quais cenas você se lembra mais...

Liliane: Ah, minha infância foi boa, divertida, me diverti bastante.

Ent: O que você lembra de mais marcante na sua infância?

Liliane: Ah, era quando eu brincava de boneca.

Ent: E você lembra de mais alguma coisa, alguma situação, alguma cena...

Liliane: Não.

Ent: E quem cuidou de você quando você era criança?

Liliane: Minha mãe e minha avó.

Ent: Sua mãe morava com sua avó?

Liliane: Morava

Ent: E seu pai?

Liliane: Eles eram separados. É porque antes da minha mãe... eu fui criada mesmo pela minha avó, porque quem tomava conta de mim o tempo todo era minha avó porque meu pai e minha mãe não tinha tempo pra cuidar de mim quando eu era criança. Meu pai e minha mãe trabalhavam muito, então fui criada basicamente pela minha avó.

Ent: Ah entendi, você ficava mais tempo na casa da sua avó.

Liliane: É, eu ficava mais tempo na casa da minha avó.

Ent: Mas você morava com seus pais...

Liliane: Sim, morava com meus pais. Mas como meu pai e minha mãe iam trabalhar, aí eu ficava com minha avó.

Ent: Ah, entendi. Então que criou e cuidou de você a maior parte do tempo foi sua mãe e sua avó.

Liliane: Não, os três, porque meu pai não tinha tanto tempo assim porque ele trabalhava de noite, então não tinha como dar muito atenção.

Ent: Sim. Ele trabalhava de dia também?

Liliane: De dia e de noite ele trabalhava também.

Ent: E como foi a convivência com seus pais? Foi uma convivência boa, como foi a convivência com seus pais?

Liliane: Ah,... foi uma convivência boa.

Ent: Tem alguma situação que você lembre, que tenha sido marcante.

Liliane: Ah, eu lembro uma vez que fui eu meu pai e minha mãe no parque de diversões, lá nós nos divertimos muito.

Ent: E quem você considera realmente como sua mãe?

Liliane: Minha mãe mesmo. Apesar de ter convivido com minha avó, é minha mãe mesmo.

Ent: E quem você considera realmente como seu pai?

Liliane: Meu pai.

Ent: Quantos irmãos você tem, Liliane?

Liliane: Contando comigo três.

Ent: Qual o nome deles?

Liliane: Paulo Ricardo, Fernanda e Liliane que sou eu.

Ent: Todos são filhos do mesmo pai e da mesma mãe.

Liliane: Todos.

Ent: E como era a convivência com seus irmãos?

Liliane: A convivência com meus irmãos foi boa. Mas eu minha irmã, de vez em quando, a gente briga muito. Mas a convivência é boa.

Ent: Quando criança também era boa?

Liliane: Também era boa.

Ent: Vocês foram criados os três juntos?

Liliane: O três juntos.

Ent: Agora vamos falar sobre sua adolescência e sua gravidez, como foi sua adolescência?

Liliane: Não aproveitei quase nada. Com 17 pra 18 anos estava grávida, tive minha filha com 18 anos, engravidei com 17anos. Engravidei com 17? É, engravidei com 17, tive minha filha com 18 anos e não aproveitei muito minha adolescência. Minha adolescência foi mais caseira, pra eles. Não aproveitei muito minha adolescência não.

Ent: E sem ser a sua gravidez, você lembra de algum fato importante da sua adolescência?

Liliane: Da minha adolescência? (silêncio) Que eu me lembre? Hum, não me lembro. Só lembro da gravidez mesmo.

Ent: Você chegou a mora um tempo com o pai da sua filha?

Liliane: Cheguei a morar um tempo. Um ano.

Ent: Antes da gravidez?

Liliane: Antes da gravidez.

Ent: E você já tinha morado com alguém antes?

Liliane: Já, eu tinha morado com um rapaz, eu tinha 14 anos, foi meu primeiro namorado, depois ele faleceu, aí eu fiquei mais um ano sem ninguém e depois encontrei o pai da minha filha. Aí a gente começou a morar junto.

Ent: Você tinha 16 pra 17 anos.

Liliane: Isso.

Ent: Você disse que já queria ter um filho com ele...

Liliane: É que foi isso, minha filha já foi assim, minha filha já foi planejamento. Tanto que eu não conseguia engravidar, entendeu? Tive que fazer tratamento, devido aos remédios que eu tomava, eu fiz tratamento mas minha filha veio porque eu realmente quis. Foi tudo planejado pra ela vir.

Ent: Você falou que da sua adolescência você só lembra da gravidez, que você não pode aproveitar muito. Mesmo com a gravidez planejada, você não achou que não aproveitou muito...

Liliane: Não aproveitei tanto porque fiquei muito presa, mas vou começar a aproveitar minha adolescência agora, que minha filha já está grande, ta ficando mocinha, aí agora estou começando a aproveitar minha adolescência de novo.

Ent: Entendi. E qual o nome da sua primeira filha?

Liliane: Naiara.

Ent: Como você descobriu que estava grávida da Naiara?

Liliane: Descobri... eu nem sabia que eu estava grávida. Eu descobri com os enjoos, vomitar aí eu fiz os testes e aí foi que eu descobri que estava grávida.

Ent: E como é que você reagiu ao saber que estava grávida?

Liliane: Ah, fiquei feliz, eu queria muito.

Ent: E como é que o pai de seu filho reagiu?

Liliane: Da mesma forma que eu. Ele também gostou.

Ent: E como é que sua família reagiu e a família dele reagiu?

Liliane: Ah, todo mundo ficou feliz.

Ent: E antes da gravidez da Naiara, como era seus planos, seus projetos de vida...

Liliane: Ah, meus planos era trabalhar bastante, construir minha vida, arrumar minha casa...

Ent: E com a gravidez da Naiara, alguma coisa mudou?

Liliane: Mudou. Tive que abrir mão de muitas coisas, tive que abrir mão do meu trabalho, tive que parar de trabalhar, tive que abrir mão de várias coisas depois que fiquei sabendo da gravidez, tive que abrir mão de várias coisas.

Ent: E antes da sua primeira gravidez, como era a relação com o pai de seu filho, era boa, como é que era?

Liliane: Era boa, a gente conversava, a gente fazia planos, ele era muito meu amigo. Na era só homem e mulher, a gente era amigo, um relacionamento pra gente sentar e conversar. A gente era muito amigos, muito unidos, aí deu pra gente planejar.

Ent: Com o nascimento da Naiara, alguma coisa mudou?

Liliane: Não.

Ent: Continuou, né?

Liliane: Continuou da mesma forma.

Ent: Como é que foi escolhido o nome da Naiara?

Liliane: O pai dela que escolheu, ele virou assim pra mim, Liliane, se for homem, eu escolho, eu falei, não se for homem eu escolho aí ele falou se for mulher eu escolho. Aí ele veio com esse nome, mas de onde veio esse nome? Aí ele pediu, aí ficou Naiara.

Ent: E quem mais te ajudou nesse período da sua vida?

Liliane: Minha mãe.

Ent: E como é que ela te ajudou?

Liliane: Ah, ela me ajudava em tudo, cuidava de mim o tempo todo. Não podia fazer nada. Ele também, mas é porque ele trabalhava então eu tinha que ficar na casa da minha mãe.

Ent: E no primeiro ano de vida da Naiara, quem cuidou dela a maior parte do tempo?

Liliane: Foi minha mãe.

Ent: Foi sua mãe. Entendi. Agora vamos falar sobre família. O que define uma família pra você?

Liliane: União.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa atualmente?

Liliane: (silêncio) Na minha casa 5.

Ent: E qual o nome de cada um?

Liliane: Minha irmã é Fernanda, Paulo.

Ent: Paulo é seu pai.

Liliane: É, meu pai. Paulo Ricardo meu irmão, minha mãe Nice e eu.

Ent: Então você se separou do seu marido.

Liliane: Me separei. Tem um ano que estou separada dele.

Ent: Ah. Ta. Então antes do nascimento da Naiara, quem você considerava os principais membros da sua família?

Liliane: Meu pai e minha mãe.

Ent: E com o nascimento da Naiara, alguma coisa mudou em relação a isso?

Liliane: Não ficou tudo igual.

Ent: E com o nascimento da Naiara, algum parente passou a não fazer parte daquilo que você considera como sua família?

Liliane: Não, todo mundo me apoiou.

Ent: Com o nascimento da Naiara, algum amigo ou vizinho, passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Liliane: Sim, minha comadre.

Ent: Sua comadre? Me conta um pouquinho dessa história.

Liliane: Ah, minha comadre sempre me ajudou muito, me apoiou muito, sempre que a minha filha precisasse eu podia contar com ela. Tudo isso,

Ent: E atualmente, quem você considera como sua família?

Liliane: Meus pais. Meus pais e minha filha.

Ent: E que tipo de família você espera pra sua filha, no caso?

Liliane: Espero a mesma família que eu tenho. A mesma família que eu tenho, que minha filha tem.

Ent: Como assim?

Liliane: Ah, uma família humilde, uma família honesta, unida, é isso que eu espero.

Ent: Você gostaria de acrescentar alguma coisa, Liliane, sobre as coisas que falamos...

Liliane: Não, foi tudo esclarecido.

Ent: Obrigada.

Entrevista 7: Vanessa – gravação prejudicada pelo choro do bebê e o barulho do ambiente

Entrevistadora: Temos Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Vanessa: Paulo

Ent: E o nome da sua mãe?

Vanessa: Maria.

Ent: E, Vanessa, como foi escolhido seu nome?

Vanessa: Através de amigos, eles consultaram os nomes e aí botaram.

Ent: E o que você lembra de mais importante da sua infância?

Vanessa: Eu sei que minha mãe caiu, caiu da escada, quando tinha 7 meses, eu nasci prematura, tive problemas de audição, problemas de fala, então foi uma infância muito difícil, no começo não tive uma infância normal, tinha que me levar a um médico todo dia.

Ent: É isso que você lembra mais da sua infância...

Vanessa: Isso.

Ent: E quem cuidou de você quando você era criança a maior parte do tem...

Vanessa: Minha mãe. Minha mãe, ela trabalhava assim e ela me cuidava. Trabalhava e me cuidava, 24 horas. A patroa dela também ajudou muito, se não fosse a patroa dela a gente tinha ido morar debaixo da ponte. Ela ajudava com os remédios, quando tinha que ir no médico.

Ent: E como foi a convivência com seus pais quando você era criança?

Vanessa: Eles faziam o possível pra poder me ajudar. Faziam tudo direitinho, tudo o que o médico falava (gravação ruim).

Ent: Vanessa, que você considera realmente como sua mãe?

Vanessa: (gravação ruim) Minha mãe mesmo, a gente tem união, como amiga mesmo.

Ent: E quem você considera como seu pai?

Vanessa: Ah meu pai memso. Meu pai e minha mãe, eles me dão muita ajuda, sabe. (gravação ruim) Eu era uma criança muito alegre, obediente e então eles gostavam muito de mim eu tinha problemas na infância, mas quando eles viram que eu cresci, eles viram uma diferença muito grande. Eles viram uma diferença muito grande, eles viram uma criança alegre, perfeita. Então... meu pai gosta muito de mim, eles queriam ver uma criança assim, normal.

Ent: E quantos irmãos você tem?

Vanessa: Dois.

Ent: E como foi a convivência com seus irmãos, me fale um pouco.

Vanessa: (gravação ruim). Não tinha nem como a gente brigar por que era a mais (gravação ruim). Tinha que me levar pro médico, (gravação ruim). Eles dois brigavam muito. Agora meu irmão mudou, tem que correr atrás disso, daquilo. Minha irmã mudou também. Ela com 16 17 anos ela engravidou também. Tem uma ficha, então ela tem uma responsabilidade muito grande. Porque ela achava, ah, nunca vou ter filho. Aí eu falava é ruim, você vai ver só. Aí eu engravidei da (não entendi), aí ela falava, viu, Vanessa como é ruim. Mas aí, a gente sempre gostou um do outro, brincamos. Mas tem certas coisas que a gente não gosta. Aí do nada ela acabou engravidando. Aí eu falei, eu não disse que do nada você ia engravidar? Aí cada um tem seu filho.

Ent: Agora vamos falar sobre sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência?

Vanessa: Ah, foi muito bom, fazia esportes, fazia tudo. Estudava muito, então, estudava, ia pro colégio de manhã, aí depois da escola ia fazer esporte e do esporte eu ia pro curso e só chegava 10 horas da noite em casa. E nos finais de semana às vezes saía.

Ent: E qual o nome da sua primeira filha?

Vanessa: Lívia.

Ent: E como você descobriu que estava grávida da Lívia?

Vanessa: Eu já queria ter filho, né? Nós dois, né? Eu fiquei de repouso, porque sentia muitas dores nas costas. Aí a médica pediu exame de sangue (barulho), aí deu positivo o exame.

Ent: E como é que sua família reagiu e a família dele reagiu?

Vanessa: A família dele gostou né, mas a minha família (barulho), mais meu pai que falou, porque vocês não falaram que já queriam morar juntos? Vocês não precisavam engravidar, vocês são muito novos, muito jovens, vocês tinham que terminar os estudos (choro da criança e interrupção da entrevista para a consulta).

Ent: A gente estava falando da reação da sua família e da família dele quando soube da gravidez... Como sua família reagiu...

Vanessa: Quando os pais dele souberam, tive que contar pra eles (barulho), aí eles ficaram chocados, (barulho) eles não pensaram que a filha deles iriam engravidar tão

cedo. Mas meus pais deram maior apoio pra mim, me ajudaram com as coisas. Depois que a Livia nasceu eles ficaram felizes.

Ent: E a família dele reagiu bem?

Vanessa: Reagiu, reagiu bem.

Ent: E antes da gravidez da Livia, quais eram seus planos e projetos de vida?

Vanessa: (silêncio). Antes da gravidez?

Ent: É, antes da gravidez da Livia.

Vanessa: Antes da gravidez da Livia meus projetos eram... fazer um curso técnico. Trabalhar também. Trabalhar pra eu mesma me sustentar. (gravação ruim) Pra poder ajudar ele também (o pai dela), abrir tipo um negócio, pra poder prosperar, ter um futuro melhor. Eu também pensava em um relacionamento, casar, ter filhos, levava na creche, ensinar tudo o que bom, o que é certo.

Ent: E quando a Livia nasceu, alguma coisa mudou nos seus planos, nos seus projetos?

Vanessa: Mudou muito. Não pude continuar meus estudos. Quando ela nasceu, ainda continuei estudando mas por parei depois de três meses. (gravação ruim) Mas era muita briga (gravação ruim) faleceu, aí ficou difícil, fui estudar à noite, mas eu não tinha o "Rio card"³⁴, ficaria pronto só daqui há um mês e nisso ficou três meses, chegava em casa 11 horas da noite e vinha andando, demorava 1 hora para chegar em casa. Eu ia andando, eu morava em Benfica e estudava na Mangueira. Então era muito tarde, tava ficando muito ruim. (gravação ruim) ele não tinham dinheiro pra ficar me dando a passagem pra ir pra escola. Não tinha condições. Aí eu falei com meu esposo e ele falou pra eu parar de estudar. Aí eu acabei parando por causa da menina, porque ela ainda amamentava no peito. Porque toda noite quando eu chegava ela já estava dormindo. Então não dava. Quando ela fez um ano eu voltei a estudar de novo, botei ela na creche. Aí eu trabalhava, como babá, pra poder pagar a creche e continuar estudando. Aí nessa época ela começou a ter crise de bronquite. Crise, crise, crise, aí toda hora ela parava eu também parava de estudar, por causa dela. Mas eu continuei estudando mesmo assim. Aí eu parei de estudar, arranjei um trabalho, aí ela ficou boa, eu botei ela na creche de novo. Aí ela já ia fazer dois anos. Quando ela ia fazer dois anos, estava tudo certo pra o novo emprego, eu tenho problema auditivo, aí viram a audiometria, fui lá, fiz o exame, eu fiquei esperando um mês o laudo. A vaga estava garantida, mas só faltava o laudo pra firmar o contrato aí acabei engravidando de novo. Aí a chance morreu, porqu o pessoal não quer contratar um mulher grávida, que vai começar agora e daqui há nove meses sair. Não dá, né? Aí fiquei em casa, minha filha teve que sair da creche.

Ent: Antes da primeira gravidez, como era a relação com o pai de seu filho?

Vanessa: Ele tinha muitos negócios, assim, ele gostava de montar um negócio pra ele, ele nunca gostou de trabalhar pra ninguém, porque pra ele, trabalhar pros outros é dar dinheiro pros outros, dinheiro que ele podia dar pra ele mesmo (gravação ruim). Ele tinha duas lojas (gravação ruim) (parada para ir ao médico)

³⁴ Riocard: cartão eletrônico usado no transporte. Este é gratuito para estudantes da rede pública de ensino.

Ent: Estávamos falando como era sua relação com o pai de seu filho, que ele trabalhava, tinha os negócios dele...

Vanessa: É, ele fazia bico, bico de pintura, os clientes dele chamavam aí ele fazia o bico, aí o dinheiro que ele recebia, ele comprava os negócios dele pra ele poder trabalhar. À vezes era meses, ele ia pra São Paulo.

Ent: E com o nascimento da Lívia, mudou a relação com o pai de seu filho?

Vanessa: Sim mudou tudo, porque ele não tinha paciência com criança, aí ela começou a ter crise de bronquite, aí ele começou a se incomodar muito porque ela começou a ficar doente. Aí ele ficava mais na rua, né, ele não vinha em casa pra almoçar, ele ficava estressado com a filha doente, ah, você não quis ter filho e agora não tem paciência e u tenho paciência com criança, você não quis ter filho, então... falei pra ele você quis ter filho e eu também porque eu gosto muito de criança, mas ele não disse que não tinha paciência com criança porque se ele me dissesse, se ele tivesse me falado sobre isso, eu não tinha engravidado, eu não ia querer ter mais filho, não tinha engravidado tão cedo. Aí ele não quis falar mais nada não, aí eu ficava discutindo com ele, mas eu evitava de ficar discutindo com ele. Antes ficava perguntando onde que eu ia e coisa e tal (gravação ruim) Depois que eu fiquei grávida que eu voltei a estudar, ele falava, está estudando, pra quê precisa terminar os estudos? E eu tinha que ir sozinha, eu ia sozinha? Ele tinha que me levar no ponto. Ah, tem que acordar cedo e tal, eu também, tinha que acordar cedo, pra trabalhar. Aí eu comecei a parar de estudar, porque estava muito cansada, sentia falta de ar (gravação ruim). Aí eu fui no médico ele falou que eu estava engordando bastante. Aí eu falava isso pra ele e ele não queria ouvir. Então, se você não quer que eu engorde, tenho que comer coisas leves: frutas, legumes, comida pouca. E eu não podia comer nada disso. Na casa da minha mãe, eu podia comer a vontade, bastante fruta, bastante suco, bastante água também. Depois que ela nasceu, eu acabei desmaiando, tive hemorragia, depois do parto. Foi isso.

Ent: E como é que foi escolhido o nome da Lívia?

Vanessa: Foi ele mesmo. Ele falou porque minha ex tinha esse nome. Aí eu falei, eu não quero que coloque esse nome. Não é por causa disso não, é porque eu acho um nome muito feito. Aí ele, não eu vou botar esse. Aí o sobrenome também, eu não queria que colocasse Lívia da Silva Barbosa. Aí depois de uma ano ele perguntei a ele, você colocou o nome de Lívia de Souza Melo, aí ele falou, o quê? Eu não, coloquei o nome de Lívia da Silva Barbosa. Aí no da Letícia fui eu mesma que coloquei.

Ent: E quem cuidou da Lívia a maior parte do tempo?

Vanessa: Foi minha sogra, porque eu trabalhava, então qualquer coisinha que acontecia ela tava com ela, saía pra resolver ir a médico, resolver tudo. Então ela ficava mais com ela.

Ent: Pra gente finalizar, o que define uma família pra vc?

Vanessa: (silêncio prolongado) Construir um plano, dar educação, tem gente que não... por exemplo tem famílias ricas, que podem dar tudo pro seu filho, mas aqueles que são pobres, trabalha, rala, rala, rala, pra dar comida pro seu filho. Mas o mais importante é o amor, é o carinho, educação. Tudo bem que a gente tem que dar o melhor pros nossos

filhos, tudo bem que tem que dar o amor pros seus filhos, pro seu marido, pra sua mãe e pro seu pai, mas tudo isso mas tem que dar outras coisas também.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa?

Vanessa: 7.

Ent: Antes do nascimento da Lívia, quem eram os principais membros da sua família?

Vanessa: (silêncio) Minha cunhada, né, que me ajudava muito, minha sogra, porque a gente morava perto aí a gente conversava (gravação ruim), meus pais, meus irmãos.

Ent: E depois do nascimento da Lívia, alguma coisa mudou em relação a isso?

Vanessa: Não, não mudou muito não. Eu trabalhava e a Lívia ficava doente. E eu não podia dar o que ela gosta: ah, mãe, eu quero isso, quero aquilo então era isso.

Ent: Então os principais membros da sua família era sua sogra, a sua cunhada...

Vanessa: É isso.

Ent: E com o nascimento da Lívia, alguma membro passou a não fazer parte daquilo que você considera como família?

Vanessa: (silêncio) Ah, meu esposo. Ah, a gente não tava dando certo e tudo, porque a gente não vivia sozinho.

Ent: E com o nascimento da Lívia, algum parente ou amigo passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Vanessa: (silêncio) Não, ninguém não.

Ent: E atualmente, quem você considera como sua família?

Vanessa: (silêncio) Minhas filhas, né?

Ent: E que tipo de família você espera pra suas filhas?

Vanessa: Minhas filhas? (silêncio) É, eu espero um futuro melhor, não do jeito que eu fiz pra elas fazerem também, ficando grávida muito cedo, quero o melhor pra elas também.

Entrevista 8: Priscila 2

Entrevistadora: Temos Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Priscila: Celsimar

Ent: Celsimar?

Priscila: Celsimar.

Ent: E o nome da sua mãe biológica?

Priscila: Iara.

Ent: E como foi escolhido seu nome, Priscila?

Priscila: Acho que foi pela minha avó.

Ent: me conta um pouquinho dessa história.

Priscila: Só sei disso só.

Ent: Avó por parte de mãe ou parte de pai?

Priscila: Por parte de pai.

Ent: E o que você lembra de cenas, situações mais marcantes na sua infância?

Priscila: A escola.

Ent: A escola?

Priscila: A escola. Porque era bom, estudar, jogar futebol, era bom, né?

Ent: Você gostava de jogar futebol?

Priscila: Eu gostava.

Ent: E quem criou e cuidou de você a maior parte do tempo?

Priscila: Meu pai e minha mãe.

Ent: E como foi a convivência com seus pais?

Priscila: Foi boa.

Ent: E o que você mais lembra dessa convivência com seus pais?

Priscila: Natal e Ano Novo.

Ent: E o que você lembra do Natal e Ano Novo?

Priscila: Lembro daquela mesa, que chamava todo mundo e era uma alegria só.

Ent: E quem você considera realmente como sua mãe?

Priscila: Minha mãe.

Ent: Sua mãe. E sue pai?

Priscila: Meu pai.

Ent: Quantos irmãos você tem, Priscila?

Priscila: Dois.

Ent: Qual o nome de cada um?

Priscila: Elizabeth e Mônica.

Ent: São filhos do mesmo pai e da mesma mãe?

Priscila: A Elizabeth sim, mas a Mônica não. A Mônica é da minha mãe, é do primeiro casamento dela.

Ent: E como era a tua relação com a Elizabeth e a Mônica?

Priscila: A Elizabeth eu convivi desde pequena, já a Mônica, não, vivia com pai dela, às vezes ela ia lá em casa, a gente não teve uma convivência meesimo de irmã, não.

Ent: Agora vamos falar sobre a sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência?

Priscila: Foi boa, não foi assim aqueeela adolescência, mas foi boa.

Ent: E como você soube que estava grávida do Eduardo?

Priscila: Nem sabia, eu passei mal, aí eu tomei remédios. Aí eu fiquei com suspeita de estômago porque a minha barriga estava doendo. Aí eu fui no médico e ele falou que era dos remédios. Aí eu tomei outros remédios. Fiz os exames aí deu positivo.

Ent: E como é que você reagiu?

Priscila: Normal.

Ent: E como o pai do seu filho reagiu?

Priscila: Ficou todo bobo. Ficou mais bobo que eu.

Ent: E como a sua família e a família dele reagiu?

Priscila: Meu pai ficou meio assim. Todo mundo agiu normal, mas meu pai ficou meio assim, não gostou muito não. A gente já estava morando junto, eu e o pai dele aí ele entendeu.

Ent: E a família dele, como é que reagiu?

Priscila: A família dele não tenho contato não. O pai dele colocou ele num colégio interno e deixou ele lá. Então o pai dele só olha e fala oi e tchau.

Ent: E a mãe dele?

Priscila: A mãe dele não conheço.

Ent: E ele já comentou alguma coisa?

Priscila: A mãe dele, ele quando ele estava no colégio interno ele tinha 15 anos, no dia das mães, ela foi lá ver ele. Mas depois nunca mais viu ele.

Ent: Mas ele conhece pai e mãe.

Priscila: Conhece. É, ele conhece pai e mãe. A mãe eu não sei se ele conhece muito não.

Ent: E antes da gravidez, como eram seus planos e projetos de vida?

Priscila: Era estudar.

Ent: E depois da gravidez, alguma coisa mudou em relação a isso?

Priscila: Mudou né, agora tem uma vidinha que tem que cuidar, né? A gente não pode pensar em nós, tem que pensar nele, né? É uma vidinha que depende de nós. Não sabe se virar, não sabe se cuidar, a gente tem que cuidar deles.

Ent: Aí você parou de estudar?

Priscila: Sim parei. Tentei parar, mas voltei, porque ele ficou doente.

Ent: E antes da sua primeira gravidez, como era a sua relação com o pai de seu filho?

Priscila: Era bom.

Ent: E quais eram seus planos, seus projetos de vida com ele?

Priscila: Era ter minha casa. Quando estava grávida dele, a casa ainda não estava pronta. Depois que ele nasceu, a casa ficou pronta.

Ent: E alguma coisa mudou em relação ao seus planos e projetos de vida?

Priscila: Não. Não mudou muito, muito não. Só algumas coisas.

Ent: Quais as coisas que mudaram?

Priscila: Ah, não pude concluir meus estudos, fazer uma faculdade, essas coisas assim. Só não deu isso. Mas sei que pra frente vou concluir. Nunca é tarde pra ir em frente, né?

Ent: Como foi escolhido o nome do Eduardo?

Priscila: Foi o pai dele que escolheu.

Ent: E sabe porque ele escolheu esse nome?

Priscila: É porque era do irmão dele e o irmão dele era muito apegado com ele. O irmão dele morreu aí resolveu botar o nome dele.

Ent: Quem mais te apoiou nesse período da gravidez?

Priscila: Meu pai e minha mãe.

Ent: E nos primeiros anos de vida, quem cuidou dele a maior parte do tempo?

Priscila: Foi minha mãe. Minha cesárea deu problema, devido aos pontos, a minha cesárea abriu, aí quem cuidou dele foi minha mãe, porque não podia pegar peso, essas coisas.

Ent: Agora vamos falar sobre família, o que define uma família pra vc?

Priscila: Ah, pra mim é tudo.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa?

Priscila: São três.

Ent: Antes do nascimento do Eduardo, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Priscila: Meu pai, minha mãe e minha irmã.

Ent: E com o nascimento do Eduardo, alguma coisa mudou?

Priscila: Ah, mudou né, porque formei uma família, né?

Ent: E com o nascimento da Lívia, alguma membro passou a não fazer parte daquilo que você considera como família?

Priscila: Não.

Ent: E com o nascimento do Eduardo, algum parente ou amigo passou a fazer parte daquilo que você considera como família?

Priscila: Passou.

Ent: Quem?

Priscila: A minha vizinha. A de frente, a de lado. Várias pessoas passaram a fazer parte da família.

Ent: E atualmente, quem você considera como sua família?

Priscila: O Wellington, eu e ele.

Ent: E que tipo de família você espera pra suas filhas?

Priscila: Ótima, viver aprender e crescer, ótima.

Entrevista 9: *Karina, temos muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre*

sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Karina: Marcos

Ent: Nome da sua mãe biológica.

Karina: Meire.

Ent: E como foi escolhido seu nome? Ela te contou como ela escolheu o seu nome?

Karina: Foi minha mãe.

Ent: ela te contou porque ela escolheu esse nome?

Karina: Foi a minha vizinha.

Ent: Me conta essa história direito.

Karina: Ah, não sei. Só sei que a minha vizinha primeiro escolheu o nome da minha irmã, que iria ser Kelly, depois foi o meu, Karina. Mas o porquê ela não falou não.

Ent: Então foi a vizinha que escolheu o nome. E como foi sua infância? O que você lembra de mais marcante, cenas situações, pessoas...

Karina: Minha infância foi boa, só não foi tão boa porque não consegui conviver bem com meu pai. Convivi com meu padrasto. E a minha relação com meu padastro não era tão boa. Eu não aceitava isso.

Ent: E o seu pai biológico?

Karina: Conheço.

Ent: Você teve alguma convivência com ele?

Karina: Tive.

Ent: E quem criou e cuidou de você quando você era criança?

Karina: Minha tia. Porque minha mãe trabalhava e ela cuidava de mim. De mim e da minha irmã.

Ent: E quem você considera realmente como sua mãe?

Karina: Minha mãe.

Ent: E que você considera como seu pai?

Karina: Meu pai.

Ent: Quantos irmãos você tem?

Karina: Minha mãe tem eu e minha irmã e meu padrasto tem filho com outra mulher.

Ent: Me diz o nome de cada um deles.

Karina: Kelly e Samuel.

Ent: Tem mais algum?

Karina: Não.

Ent: Como era a convivência com seus irmãos?

Karina: Bem, eu convivo com minha irmã e não com meu irmão. Convivi pouco com meu irmão.

Ent: Vamos conversar um pouco sobre sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência?

Karina: Bem.

Ent: O que você lembra de mais marcante na sua adolescência? Alguma cena, situação que você lembre quando se fala da sua adolescência...

Karina: A minha adolescência foi ruim, por causa do meu padrasto, porque eu fiquei com ele até os meus 15 anos.

Ent: Mas foi ruim por que?

Karina: Porque eu não me dava com ele.

Ent: Tinha algum problema específico pra você não lidar com ele?

Karina: Porque ele queria mandar mais em mim do que em minha mãe.

Ent: Entendi. Como é que você descobriu que estava grávida da Jéssica?

Karina: Porque minha menstruação atrasou.

Ent: Sua menstruação atrasou e aí o que você fez?

Karina: A minha menstruação atrasou eu marquei um médico.

Ent: E ao saber que estava grávida, como é que você reagiu?

Karina: Ah, eu gostei.

Ent: E como é que o pai da sua filha reagiu?

Karina: Ah, adorou.

Ent: Ah, ele gostou. Mesmo vocês não querendo, ele reagiu bem. E como foi a reação da sua família?

Karina: A minha mãe reclamou um pouco mas aceitou.

Ent: As suas irmãs e tudo... E como é que a família dele reagiu?

Karina: Eu não falo com eles.

Ent: Mas houve algum motivo pra você não falar com eles?

Karina: Não, não houve.

Ent: Você não fala com eles desde quanto tempo?

Karina: Desde que comecei a ficar com ele.

Ent: Há 6 anos, né?

Karina: É, há 6 anos.

Ent: E antes da gravidez dela, quais eram seus planos e projetos de vida?

Karina: Ah, eu queria trabalhar, meu plano era fazer enfermagem, mas agora não dá, vou ter que fazer depois.

Ent: Então, com a gravidez, algumas coisas mudaram...

Karina: É.

Ent: O que mudou principalmente?

Karina: Ah, atrapalhou nos meus estudos, no trabalho, eu já fui mandada embora grávida. Mas nada, só isso.

Ent: E antes dessa gravidez, como era a relação com o pai de seu filho?

Karina: Bem.

Ent: Quais eram seus planos, seus projetos de vida...

Karina: Ah, ele trabalha, a gente pretendia morar junto, mas agora não dá, porque não pretendo morar com ele.

Ent: E como foi escolhido o nome da Jenifer Vitória?

Karina: Ah, eu sempre gostei do nome, antes de conhecer eu sempre falava e ele também. E Vitória é por causa da minha sobrinha.

Ent: O nome da sua sobrinha é Vitória.

Karina: É Júlia Vitória.

Ent: Ah, sim. É filha da tua irmã?

Karina: É, ela pegou ela pra criar com 3 meses.

Ent: Ah, sim. E quem mais te ajudou no período da sua vida?

Karina: Minha mãe e minha irmã. E o meu ex padrasto, que não me ajudava e agora me ajuda.

Ent: Ah sim, agora ele te ajuda. Ah, entendi. Agora vamos falar sobre família. O que define uma família pra você?

Karina: A minha família é minha família. Os outros assim, não considero como família.

Ent: E o que faz você considerar a sua família como família?

Karina: A minha família é minha família e convive comigo. Se não convivesse, eu não consideraria como família.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa?

Karina: Três, eu, minha mãe e minha prima.

Ent: E sua irmã, não mora mais com você?

Karina: Não, minha irmã casou. Ela teve um filho e cria um outro.

Ent: Ah, sim. Antes da sua gravidez, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Karina: Minha mãe, minha irmã e minha família.

Ent: Antes do nascimento da Jenifer Vitória, quem você considerava como os principais membros da sua família?

Karina: Minha mãe, minha irmã, minha família.

Ent: E alguma coisa mudou?

Karina: Não.

Ent: E ao saber que estava grávida, algum parente ou vizinho passou não fazer parte daquilo que você considera como família?

Karina: Não.

Ent: E atualmente, quem você considera como sua família:

Karina: Minha mãe, minha rima, minha madrinha.

Ent: E que tipo de família você espera pra Jenifer Vitória?

Karina: Ah, uma família boa.

Ent: Boa como assim?

Karina: Ah, presente, que eu não tive muito isso, porque eu morava com meu padrasto e eu pretendo que minha filha conviva com meus parentes.

Ent: Por qu você não conviveu com seus parentes?

Karina: Porque minha mãe casou e eu tive que morar em outro lugar.

Ent: Ah, e era longe.

Karina: É. Ficava longe da minha avó e das minhas tias.

Ent: Ah tá. E tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Karina: Não.

Entrevista 10: Mariana

Entrevistadora: Temos Muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida, cenas, situações, pessoas... Então, eu vou fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fica à vontade pra responder, o que vier na sua cabeça, tá? Qual o nome o seu pai biológico?

Mariana: (gravação ruim)

Ent: E o nome da sua mãe biológica?

Mariana: Eliane.

Ent: Como foi escolhido o seu nome?

Mariana: Foi escolhido pelo nome da minha irmã.

Ent: Qual o nome da sua irmã?

Mariana: Ariana.

Ent: Ah, aí ficou Mariana e Ariana.

Mariana: É.

Ent: A sua irmã é mais velha, né?

Mariana: É.

Ent: O que você lembra de situações, cenas, que marcaram a sua infância?

Mariana: Prefiro não responder.

Ent: Que criou e cuidou de você quando você era criança?

Mariana: Minha avó.

Ent: Aí você morou mais com sua avó do que com sua mãe?

Mariana: É.

Ent: Mas o que é que houve?

Mariana: Ah, eu engravidei do (gravação ruim) e eu morava perto.

Ent: Como era a convivência com seus pais, mesmo com sua mãe que morava mais longe?

Mariana: Normal.

Ent: Ela sempre ia ver vocês?

Mariana: Não.

Ent: Aí depois vocês se reencontraram, é isso?

Mariana: Ela pegou a gente depois de 7 anos.

Ent: E como era a convivência com sua avó?

Mariana: Boa.

Ent: Foi só sua avó ou avó e avô?

Mariana: Não, avó e avô.

Ent: E foi boa a convivência?

Mariana: Foi.

Ent: E quem você considera verdadeiramente como sua mãe?

Mariana: Minha avó.

Ent: E porque você considera sua avó?

Mariana: Porque é. Mãe não é quem engravida, mãe é que cria. Ela que quis me criar. Se não fosse ela, não ia dar.

Ent: E quem você considera como seu pai?

Mariana: meu avô mesmo.

Ent: Pelo mesmo motivo?

Mariana: Pelo mesmo motivo. Não conheci meu pai mesmo.

Ent: Quantos irmãos você tem, Mariana?

Mariana: Oito... sete.

Ent: E como é que foi a convivência com seus irmãos?

Mariana: Boa.

Ent: Vocês foram criados juntos?

Mariana: É.

Ent: Na mesma casa?

Mariana: É. Primeiro foi eu e minha irmã. Depois minha mãe começou a ter mais filhos e fomos criados juntos.

Ent: Ah tá. Vamos falar mais sobre sua adolescência e sua gravidez. Como foi sua adolescência?

Mariana: Normal. Gostava de sair, estudava, trabalhava.

Ent: Trabalhava em que?

Mariana: (gravação ruim) Normal

Ent: E qual o nome do seu primeiro filho?

Mariana: Marlon.

Ent: E como você descobriu que estava grávida do Marlon?

Mariana: Ah, eu descobri. Fiz exame.

Ent: E ao saber da gravidez, como é que você reagiu?

Mariana: Ah, eu já estava né? Eu tava tomando remédio pra engravidar.

Ent: Então era isso. E como ele reagiu?

Mariana: Normal.

Ent: E a sua família, como reagiu?

Mariana: Ah minha mãe agiu normal.

Ent: Sua mãe, sua avó...

Mariana: Minha avó já tinha morrido.

Ent: Ah, tá. E como é que a família dele reagiu?

Mariana: Normal.

Ent: Antes dessa gravidez, quais eram seus planos, seus projetos de vida...

Mariana: (gravação ruim) queria terminar de estudar (gravação ruim)

Ent: E após o nascimento do Marlon, alguma coisa mudou em relação a isso?

Mariana: Sobre os estudos?

Ent: É.

Mariana: Mudou, eu não pude continuar.

Ent: Antes da sua primeira gravidez, como era a sua relação com o pai de seu filho?

Mariana: Não, não tinha planos.

Ent: Quando você engravidou, você foi morar junto com ele ou ficou na mesma casa...

Mariana: Fui morar junto com ele.

Ent: E ele mora com família?

Mariana: Não, ele mora na casa dele mesmo.

Ent: E como foi escolhido o nome do Marlon?

Mariana: Foi o pai dele que escolheu.

Ent: Quem mais te apoiou nesse período da sua vida?

Mariana: Minha família toda, todo mundo me apoiou.

Ent: No primeiro ano de vida, quem cuidou a maior parte do tempo do Marlon?

Mariana: Eu e o pai dele.

Ent: Agora vamos falar sobre família. O que define uma família pra você, Mariana?

Mariana: Tudo.

Ent: E quantas pessoas moram na sua casa atualmente?

Mariana: Quatro.

Ent: Antes do nascimento do Wallace, que você considerava como os principais membros da sua família?

Mariana: Minha mãe e meu padrasto.

Ent: E depois do nascimento do Wallace, alguma coisa mudou em relação a isso?

Mariana: Ah mudou, porque eu não morava mais com eles. Uma nova família.

Ent: Após o nascimento do Wallace, algum parente passou a não fazer parte daquilo que você considera como família?

Mariana: Não.

Ent: E ao saber que estava grávida, algum parente ou vizinho passou não fazer parte daquilo que você considera como família?

Mariana: Não.

Ent: E atualmente, quem você considera como sua família?

Mariana: Eu, meus filhos e meu marido.

Ent: E que tipo de família você espera pros seus filhos?

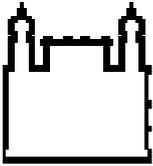
Mariana: (silêncio) Uma família normal.

Ent: Normal como?

Mariana: Normal.

Ent: Vc tem mais alguma coisa pra falar, Mariana?

Mariana: Não.



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA
PROGRAMA DE MESTRADO/DOCTORADO EM SAÚDE PÚBLICA/2006



Identificação do questionário

Data da entrevista: ____ / ____ / ____

Entrevista nº _____

Setor: _____

Tempo de duração da entrevista: _____

Data da revisão: _____

A cooperação da entrevistada foi: ()

(1) Excelente

(2) Muito Boa

(3) Boa

(4) Razoável

(5) Fraca

Observações:

Informações adicionais no caso de recusa da mãe em participar da pesquisa:

Motivo da recusa: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “***E a família, como vai?***” – um estudo sobre **modelos familiares e gravidez na adolescência no Centro de Saúde Germano Sinval Faria**, promovida pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). O objetivo deste estudo é conhecer melhor as famílias formadas a partir de uma gravidez na adolescência.

Para isso, estão sendo entrevistadas mulheres entre 19 e 24 anos que foram mães na adolescência e que estão sendo atendidas no Centro de Saúde Germano Sinval Faria.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em fornecer informações através de entrevista, que poderá ser gravada ou não, com a utilização de gravador de digital de voz.

Por intermédio deste Termo lhes são garantidos os seguintes direitos:

- 1) Solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa, bem como sobre as perguntas do questionário;
- 2) Sigilo absoluto sobre nomes ou quaisquer outras informações que possam levar à sua identificação;
- 3) Ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social;
- 4) Opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido;
- 5) Desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa, não trazendo nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Caso concorde em participar da pesquisa, você receberá uma cópia deste termo, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador, podendo contactá-lo, agora ou a qualquer tempo, para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa.

Juliana de Santana Matta
Pesquisadora

Departamento de Ciências Sociais e Saúde
Rua Leopoldo Bulhões, 1480, 9º andar, sala 901
Manguinhos - RJ – CEP: 21041-210
Homepage ENSP: <http://www.ensp.fiocruz.br>
Tel.: 2598-2644 Ramal: 2780 - FAX.: 2598-2779

Comitê de ética
Rua Leopoldo Bulhões, 1480, 3º andar sala 314
Manguinhos - RJ – CEP: 21041-210
Homepage ENSP: <http://www.ensp.fiocruz.br/etica>
Tel.: 2598-2863 – 3º andar

Declaro ter entendido os termos da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Entrevistada

Questionário

Legenda: (9) Não se aplica

(99) Ignorado/ Não informado

(999) Não coletado

Horário de Início: _____ : _____

BLOCO I – Dados da entrevistada

Agora vou fazer algumas perguntas sobre você. Seu nome é?...

01. [Nome], qual a data do seu nascimento? ____ / ____ / ____

02. Você tem telefone(s) pra contato? ____ / ____ / ____ / ____ / ____ / ____ (_____)
____ / ____ / ____ / ____ / ____ / ____ (_____)

03. Atualmente você é... **[ler as alternativas]** (____)

(1) Solteira (2) Casada (3) Mora junto (4) Separada (5) Desquitada (6) Viúva (7) Outro: _____

04. Qual foi a última série que você completou na escola? Série (____)

(0) Nunca estudou (1) CA (2) 1ª fundamental (3) 2ª fundamental (4) 3ª fundamental (5) 4ª fundamental
(6) 5ª básico (7) 6ª básico (8) 7ª básico (10) 8ª básico
(11) 1º médio (12) 2º médio (13) 3º médio (14) 4º técnico (15) Superior

(0) Nunca estudou (1) Fundamental (2) Básico (2) Médio (3) Superior Nível (____)

05. Continua estudando? (1) Não (2) Sim (____)

06. Qual era a sua ocupação antes da sua primeira gravidez? **[Se 1, 4 e 5, põe 9 na questão 7 e vá para a questão 8]** (____)

(1) Estudava (2) Trabalhava (3) Estudava e trabalhava (4) Somente cuidava da casa (5) Sem ocupação

07. Qual era o seu trabalho? (____)

12-a) Categoria (____)

12-b) Estrato

08. Atualmente, você tem algum trabalho em que ganhe dinheiro? **[Se NÃO, vá para a questão 10]** (____)

(1) Não

(2) Sim

09. Qual seu trabalho atual? 12-a) Categoria (____) 12-b) Estrato (____)

10. Você tem algum tipo de renda, como pensão, aposentadoria, biscoite ou bolsa família? (____)

(1) Não

(2) Sim _____

11. Quem sustenta a casa financeiramente? (____)

(1) Você mesma (2) Companheiro (3) Pai/mãe (4) Tio/tia (3) Irmão/irmã (4) Cunhado/cunhada (5) Pai de seu filho

12. A sua renda familiar está na faixa de ...

() 1 - 3 () 4 - 6 () 7 - 9 () 10 - 12 () 13 ou mais salários-mínimos (R\$ 380,00)

13. Tem alguém que não seja morador e que contribua com a renda familiar? (___)
Quem? _____ (1) Não (2) Sim
14. Como avalia as condições de vida de SUA família em relação a:
(1) Muito boa (2) Boa (3) Regular (4) Ruim (5) Muito ruim
Educação/escolaridade (___) Lazer/diversão (___) Transporte (___)
Saúde/assistência médica (___) Alimentação (___)
Habitação/saneamento (___) Vestuário/roupa (___)
Segurança pública (___) Emprego/trabalho (___)
15. Quantos cômodos têm a sua casa? 1() 2() 3() 4() 5 ou mais ()
16. A sua casa é... [ler as alternativas] (___)
(1) Própria (2) Alugada (3) Empréstada (4) Outros

BLOCO II - Informações familiares:
<i>Agora vou fazer algumas perguntas sobre seus pais...</i>
17. Antes da sua primeira gravidez, com quem você viveu a maior parte do tempo? [ler as alternativas] (___)
(1) Companheiro (2) Pai e mãe (3) Pai, apenas (4) Mãe, apenas (5) Mãe e padrasto (6) Pai e madrasta (7) Irmãos (8) Outros (parentes, amigos...)
18. Após a sua primeira gravidez, com quem você viveu a maior parte do tempo? [ler as alternativas] (___)
(1) Pai do filho (a) (2) Pai e mãe (3) Pai, apenas (4) Mãe, apenas (5) Mãe e padrasto (6) Pai e madrasta (7) Irmãos (8) Outros (parentes, amigos...)
19. Você conheceu o seu pai biológico? [Se NÃO, vá pra questão 22] (___)
(1) Não (2) Sim
20. Qual a idade que seu pai tinha quando teve o primeiro filho? (___)
(1) 10 – 14 anos (2) 15 – 19 anos (3) 20 – 24 anos (4) 25 ou mais
21. Foi com sua mãe? (1) Não (2) Sim (___)
22. Você conheceu a sua mãe biológica? [Se NÃO, vá pra questão 25] (___)
(1) Não (2) Sim
23. Qual a idade que sua mãe tinha quando teve o primeiro filho? (___)
(1) 10 – 14 anos (2) 15 – 19 anos (3) 20 – 24 anos (4) 25 ou mais
24. Foi com seu pai? (1) Não (2) Sim (___)
25. Quantos filhos seus pais biológicos tiveram juntos (incluindo você)? 1() 2() 3() 4() 5 ou mais ()
26. Quantos filhos eles criaram juntos? 1() 2() 3() 4() 5 ou mais ()

27. Seus pais biológicos vivem juntos atualmente? [Se SIM, vá para o BLOCO III]	(1) Não	(2) Sim	(___)
28. Seu pai biológico vive/casou com outra pessoa?	(1) Não	(2) Sim	(___)
29. Teve filhos com esta pessoa?	(1) Não	(2) Sim	Quantos? _____
30. Sua mãe biológica vive/casou com outra pessoa?	(1) Não	(2) Sim	(___)
31. Teve filhos com esta pessoa?	(1) Não	(2) Sim	Quantos? _____

BLOCO III - Informações sobre sua iniciação sexual:

Agora vou fazer umas perguntas sobre coisas de mulher...

32. Qual era a sua idade quando você teve sua 1ª relação sexual?	(1) 10 – 14 anos	(2) 15 – 19 anos	(3) 20 – 24 anos	(4) 25 ou mais	(___)		
33. E qual era a idade do seu parceiro?	(1) 10 – 14 anos	(2) 15 – 19 anos	(3) 20 – 24 anos	(4) 25 ou mais	(___)		
34. Vocês estavam namorando? [Se NÃO, vá para a questão 36]	(1) Não	(2) Sim	(___)				
35. Há quanto tempo?	(0) Semanas	(1) 1 – 3 meses	(2) 4 – 6 meses	(3) 7 – 12 meses	(4) 2 – 3 anos	(5) 4 anos ou mais	(___)
36. Você sabia usar algum método para evitar a gravidez na sua primeira relação sexual?	(1) Não	(2) Sim	(___)				
37. Você usou nesta primeira vez?	(1) Não. Por quê?	(2) Sim. Qual (ais)?	(___)				
Justificativa: _____							
38. Você usou algum método para evitar a gravidez na suas outras relações sexuais?	(1) Não. Por quê?	(2) Sim. Qual (ais)?	(___)				
Justificativa: _____							
39. Quantos filhos você têm atualmente? [Se 1 filho, anota e vá para o BLOCO IV]	1()	2()	3()	4()	5 ou mais ()		
40. São filhos do mesmo pai? [Se 1 filho, põe 9 = não se aplica]	(1) Não	(2) Sim	(___)				

BLOCO IV - 1ª gravidez na adolescência

Agora vamos falar sobre a sua 1ª gravidez (sem contar aborto) entre seus 12 e 19 anos

41. Qual idade você tinha quando você engravidou pela 1ª vez? (___)

(1) 10 – 12 anos (2) 13 – 15 anos (3) 16 – 19 anos

42. Qual idade tinha seu parceiro? (___)

(1) 10 – 14 anos (2) 15 – 19 anos (3) 20 – 24 anos (4) 25 ou mais

43. Quando você engravidou, você usava algum método para evitar a gravidez? (___)

(1) Não. Por quê? (2) Sim. Qual (ais)?

Justificativa: _____

44. Antes de saber que estava grávida, você: **[ler as alternativas]** (___)

(1) Estava tentando engravidar (2) Queria engravidar, porém mais tarde (3) Não queria engravidar

(4) Não havia pensando no assunto (5) Outros: _____

BLOCO VI: Significados de família

Agora vamos falar sobre família...

45. Vou ler umas frases pra você e você diz se... (1) concordo (2) sem opinião (3) discordo

1. "Família é àquela que dá carinho." (___)

2. "Mãe só dá o nome" (___)

3. "Mãe é àquela que carrega nove meses na barriga" (___)

4. "Pai e mãe é quem cuida" (___)

5. "Pai não serve pra nada, só serve pra dar o nome" (___)

6. "Pai é quem sustenta" (___)

7. "Família é uma praga" (___)

8. "Pai tem que estar presente" (___)

9. "Amigos são a família escolhida" (___)

10. "Mãe tem que estar presente" (___)

11. "Cunhado não é parente" (___)

12. "Família a gente carrega pra vida inteira" (___)

13. "Minha família é quem mora comigo" (___)

14. "Só é meu irmão quem nasceu da barriga da minha mãe" (___)

15. "Minha família agora sou eu, meu marido e meus filhos" (___)

16. "Depois que casa, você ganha outra família" (___)

17. "Tem amigos meus que são como se fossem 'da família'" (___)

18. "Família é quem a gente pode contar na hora do sufoco" (___)

19. "Meus irmãos são àqueles que foram criados comigo" (___)

20. "Meu vizinho já é da família"	(___)
21. Avó é também é mãe	(___)
22. Os filhos estão acima de qualquer coisa pra uma mãe	(___)

Horário de término da 1ª parte: _____ : _____

Entrevista em profundidade

Agora, vamos falar um pouco mais sobre alguns assuntos que conversamos anteriormente e você fique a vontade para falar livremente sobre as perguntas que eu vou fazer. Nesse momento, irei ligar o gravador para que seja mais fácil eu lembrar o que você for me contar.

Horário de início da 2ª parte: _____ : _____

Temos muitas lembranças sobre as coisas que acontecem na nossa vida. Cenas, situações, pessoas etc. Então, vou lhe fazer algumas perguntas sobre sua vida e você fique à vontade pra responder.

46. Qual o nome do seu pai biológico?

47. Qual o nome da sua mãe biológico?

48. Como foi escolhido o seu nome?

49. Como foi a sua infância?

50. Quem criou e cuidou de você quando você era criança?

[Se tiver sido um dos pais biológicos, vá para 53]

51. Por que não foram seus pais biológicos?

52. Como foi a convivência com **[o nome da pessoa que a criou]**?

53. Como foi a convivência com seus pais?

54. Quem você considera como sua mãe? Por quê?

55. Quem você considera como seu pai? Por quê?

56. Quantos irmãos você tem? 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9()

57. Qual o 1º nome de cada um e você me diz se são filhos...

(1) Pai e mãe (2) Pai e outra pessoa (3) Mãe e outra pessoa (4) Irmãos de outras origens

Nome: _____ Origem: (____) / Nome: _____ Origem: (____) / Nome: _____ Origem: (____)

Nome: _____ Origem: (____) / Nome: _____ Origem: (____) / Nome: _____ Origem: (____)

Nome: _____ Origem: (____) / Nome: _____ Origem: (____) / Nome: _____ Origem: (____)

58. Como era a convivência com seus irmãos?

Vamos falar agora um pouco mais sobre a sua adolescência e a sua gravidez.

59. Como foi sua adolescência?

60. Qual o nome do seu 1º filho que nasceu quando você tinha entre 12 e 19 anos incompletos?

61. Como foi que você descobriu que estava grávida de **[nome da criança]**?

62. Ao saber da gravidez... Como você reagiu? Como o pai do seu filho reagiu? Como sua família reagiu? Como a família dele reagiu?

63. Antes da gravidez de **[nome da criança]**, como era sua vida? Quais eram seus planos e projetos de vida?

64. Após o nascimento de **[nome da criança]**, alguma coisa mudou? O que mudou?

65. Antes dessa 1ª gravidez, como era a sua relação com o pai de seu filho? Quais eram os seus planos com ele?

66. Com o nascimento de **[nome da criança]**, o que aconteceu na sua relação com ele?

67. Como foi escolhido o nome do(a) **[nome da criança]**?

68. Quem mais te apoiou nesse período de sua vida?

69. No 1º ano de vida de **[nome da criança]**, quem cuidou dele(a) a maior parte do tempo?

Vamos falar agora sobre família...

70. O que define uma família pra você?

71. Quantas pessoas moram na sua casa? 1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9 ou +()

72. Qual o 1º nome de cada um? Qual o parentesco?

1) Nome: _____	Parentesco: _____	/	5) Nome: _____	Parentesco: _____
2) Nome: _____	Parentesco: _____	/	6) Nome: _____	Parentesco: _____
3) Nome: _____	Parentesco: _____	/	7) Nome: _____	Parentesco: _____
4) Nome: _____	Parentesco: _____	/	8) Nome: _____	Parentesco: _____

73. Antes do nascimento de **[nome da criança]**, quem você considerava como os principais membros de sua família?

74. Com o nascimento de **[nome da criança]**, alguma coisa mudou em relação a isto?

75. Após o nascimento de **[nome da criança]**, algum parente seu passou a NÃO fazer parte do que você considera como sua família? Por quê?

76. Com o nascimento de **[nome da criança]**, algum amigo e/ou vizinho passou a fazer parte daquilo que você considera como sua família? Por quê?

77. Atualmente, quem você considera como a sua família?

78. Que tipo de família você espera que seu (sua) (s) filho (a) (s) tenha (am)?

79. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Horário de término da 2ª parte: _____ :